



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rafael Piccoli de Souza

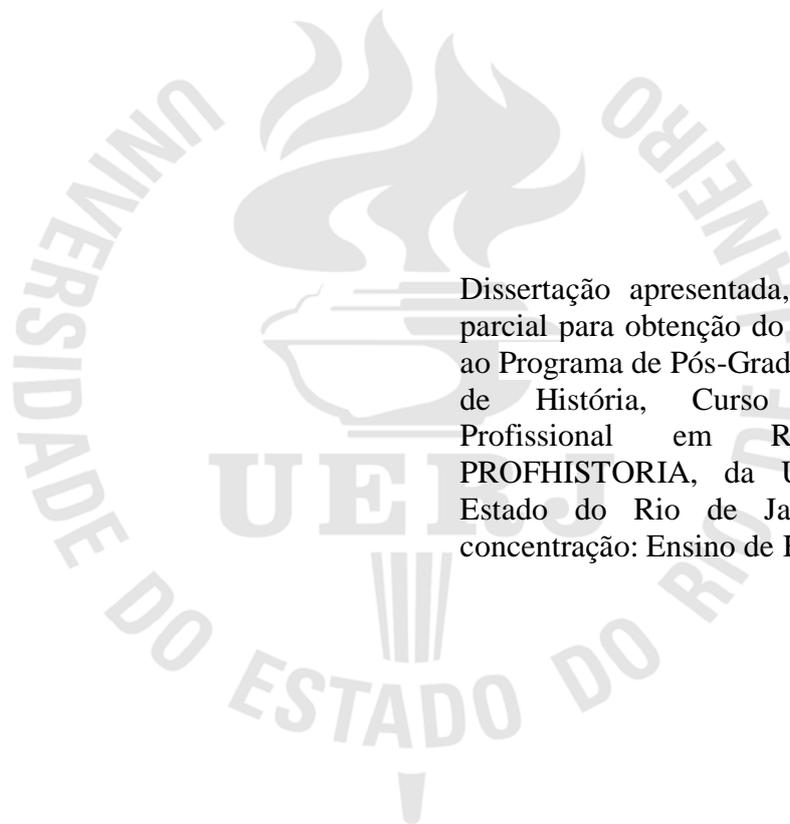
**Diante do mundo digital: ensinar e aprender história em tempos de pós-
verdade**

São Gonçalo

2022

Rafael Piccoli de Souza

Diante do mundo digital: ensinar e aprender história em tempos de pós-verdade



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Pinha Silva

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S729 Souza, Rafael Piccoli de.
Diante do mundo digital: ensinar e aprender história em tempos de pós-
verdade / Rafael Piccoli de Souza. – 2022.
112f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Pinha da Silva.
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA) –
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de
Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Mídia digital – Teses. 3. História
pública – Teses. I. Silva, Daniel Pinha da. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 - 4994 CDU 93(07)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rafael Piccoli de Souza

Diante do mundo digital: ensinar e aprender história em tempos de pós-verdade

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 14 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniel Silva Pinha (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Rodrigo Almeida

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Francisco Gouvea de Sousa

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

São Gonçalo

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, familiares e amigos que acreditam em mim e no meu trabalho

Dedico aos meus alunos e alunas que foram de grande incentivo para estas reflexões, assim como todos àqueles que valorizam o Ensino de História.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desse trabalho, por mais solitário que seja o processo de escrita, não foi confeccionado sozinho. Muitas pessoas participaram direta e indiretamente desse processo e aproveitei esse espaço para agradecer.

Primeiramente agradecer a meus pais, Vera e Roberto, por cada um à sua maneira, me ensinarem o valor do estudo e apoiarem minha escolha na carreira educacional e intelectual.

Agradeço também a colegas professores Christiano Brito, Rafael Vargas e Susanna Lima, que nessa jornada que foram de fundamental participação com boas conversas, boas risadas e boas ideias. Laços como esse foram fundamentais para sobreviver a esse período de pandemia e estudos online.

Não posso deixar de mencionar a equipe de professores do programa o qual acolheu muito bem a mim e aos colegas professores de escola pública, valorizando nossa reflexão e trabalho. Agradeço aos apontamentos importantes na qualificação dos Professores Valdei Araujo e Sonia Wanderley. Assim como agradeço a participação na banca examinadora dos professores Rodrigo Almeida e Francisco Gouvêa.

Dito isso, fica registrado um agradecimento especialíssimo ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel Pinha por acreditar e se empolgar muito com o tema. Sempre com um olhar aguçado, incentivador e com apontamentos cirúrgicos para lapidar minha escrita e na forma de abordar o tema, auxiliando da melhor maneira no processo de confecção deste trabalho.

Aos amigos Ana Tereza, Bruna Figueira, Fabio Bocco, Maria Helediane de Liz e, minha prima, Camila Rodrigues que me acompanharam nesse momento sempre com palavras de incentivo e apoio mesmo nos momentos em que duvidei de mim, eles foram fundamentais para, em suas atitudes, me recordar de que sou capaz como professor e pesquisador.

RESUMO

SOUZA, Rafael Piccoli de. *Diante do mundo digital: ensinar e aprender história em tempos de pós-verdade*. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional. PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

O presente trabalho parte dos efeitos das novas tecnologias digitais e sua relação com a história e seu ensino tanto na sala de aula quanto nas redes sociais. Mobilizando conceitos como História Pública e Digital em conjunto com os olhares sobre o papel dos algoritmos em distribuir e direcionar o conteúdo online produzido e como isso tem sido aproveitado por grupos de extrema-direita. Diante da crise democrática que vivemos no país, percebe-se o crescimento do papel de canais de história voltados para um olhar negacionista, recheados de elementos de pós-verdade que visam reforçar uma história monocromática e monotemática. Neste sentido, a pesquisa busca entender o papel do professor de história em um intenso ambiente de pós-verdade, seja na sala de aula ou nas mídias digitais. Assim, procura-se, então, apresentar uma metodologia de análise de um canal – História FM – o qual se conduz em direção à valorização da história como ciência, de modo a evidenciar as possibilidades de abordagem em conjunto por professores e estudantes para uma educação democrática, formação crítica e cidadã.

Palavras-chaves: Ensino de História. História Pública. História Digital. Pós-verdade.

YouTube. Podcast. Produção de narrativas históricas

ABSTRACT

SOUZA, Rafael Piccoli de. *Facing the digital world: teaching and learning history in post-truth times*. 2022. 113f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional. PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

This work starts from the effects of new digital technologies and their relationship with history and its teaching both in the classroom and on social networks. Mobilizing concepts such as Public History and Digital History in conjunction with looks at the role of algorithms in distributing and directing the online content produced and how this has been taken advantage of by far-right groups. Faced with the democratic crisis that we are experiencing in the country, one can see the growth of the role of history channels aimed at a denialist look, filled with post-truth elements that aim to reinforce a monochromatic and monothematic history. In this sense, the research seeks to understand the role of the history teacher in an intense post-truth environment, whether in the classroom or in digital media. Thus, the aim is to present a methodology for analyzing a channel – História FM – which leads towards the appreciation of history as a science, in order to highlight the possibilities of a joint approach by teachers and students for an education democratic, critical and citizen formation.

Keywords: Teaching of History. Public History. Digital History. Post-truth. YouTube. Podcast. Production of historical narratives

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DIGITAIS E DE PÓS-VERDADE ..	18
2 SEMEANDO MENTIRAS NAS REDES	36
3 PROFESSORES, ESTUDANTES E AS REDES SOCIAIS: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	104
ANEXO - Figura 1 - Guia de 90 episódios separados por área	112

INTRODUÇÃO

Desde que me lembro de minha vida de estudante no Ensino Médio a escola era desafiada pelas tecnologias. Algo que era confirmado por professores que diziam sempre que havia alguma novidade para sala de aula. A TV, o Rádio e, naquela época, nos anos 90 do século XX, o computador era a grande vedete das ferramentas de comunicação. A relação entre a escola, enquanto instituição, e a tecnologia computacional e digital tem um histórico de um relacionamento ao longo dos anos.

Um ponto de inquietação muito grande sempre foi o fato de que minha experiência como professor me apresentou alunos que enxergavam o estudo da história meramente como o decorar de certos dados. Não me remeto aqui nem ao fato histórico única e exclusivamente, mas ao cumprimento de uma espécie de carimbo de uma História já encaixada e fixa em um molde específico sem espaço para reflexão. Sempre me chamou atenção que o passado, para muitos alunos com os quais convivi em dezesseis anos de magistério, parecia completamente desconectado da sua realidade, do seu presente, quase como uma ficção.

Muito disso estava baseado em dificuldades de se expor na sala de aula, mas também a falta de um incentivo a uma reflexão mais profunda. Aprender a ouvir e dialogar com o aluno foi até mais importante do que o conteúdo em si. Por mais que isso pareça algo claro e dado durante nossos estudos na graduação e na licenciatura, foi na vivência que percebi isso mais nitidamente. E, comigo, foi um processo em que a minha relação com a História, como estudante e professor, foi atravessada pela relação com o corpo discente das unidades escolares pelas quais passei. Essa percepção me fez observar elementos que me incomodavam na minha prática e como a História parecia tão distante dos alunos do ponto de vista de construir uma relação com a realidade vivida por eles.

“O pai/mãe tá *on*” – um exemplo de expressão cunhada nas redes sociais – e foi trazida por meus alunos em uma das aulas e que se refere nesse universo de “estar bem, estar disponível, estar em destaque”. Não é apenas a referência *on-line* por estar conectado literalmente, com os cabos, à internet. Os romances cyberpunks escritos na década dos anos 80 do século XX, como *Neuromancer*, de William Gibson (2003), representavam uma nova vertente da Ficção Científica, que inspiraria cenário em filmes como *Johnny Mnemonic* – baseado em um conto do mesmo autor – ou *Matrix*, onde o *Cowboy* do Ciberespaço¹ se

¹ Reforço aqui que, para além do exemplo da literatura de Ficção Científica de William Gibson, refiro-me também ao Ciberespaço a partir do trabalho de Pierre Lévy.

utilizava de algum aparato utilitário que o conecta a rede de dados (a matriz). Atualmente, o virtual praticamente vem se estabelecer como mundo real, se espalha por ele, se derrama para além das telas dos computadores e celulares. Estar nas Redes Sociais deixa de ser apenas uma atitude de ligar e desligar o computador e o modem. Torna-se uma vivência, um estado de constante conexão através dos aplicativos que desenhados para as mais diferentes funções, vem reconfigurar nossos olhares, relacionamentos e modos de ser e estar no mundo. A participação da tecnologia e da vida em conexão se expandiu e passou a ser sentida principalmente em um contexto de isolamento social².

A extensão das transformações que viemos experimentando ao longo da última década do atual século parece distorcer e chacoalhar o efeito da montanha-russa (SEVCENKO, 2007). Somos atropelados hoje por uma carga pesada de acontecimentos, informações, dados, imagens e sons que através das conexões das redes sociais são amplificados.

Não é o caso de aprofundarmos uma análise sobre a história da Internet³, contudo é preciso sublinhar que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), trouxeram à luz uma gama de transformações e confluências de relações nas quais as fronteiras entre o *on-line* e *off-line* ficaram mais porosas e fluídas. A partir dos trabalhos de Pierre Lévy (2010) e Serge Noiret (2015), mobilizando os conceitos de Cibercultura e Virada Digital, respectivamente, analisaram as transformações sociais existentes em um amálgama de manifestações artísticas, políticas, demandas por memórias, circulação de saberes, formas de comunicação e negócios que flutuam dentro e fora das comunidades virtuais. Esse olhar positivo sobre as TDIC, com o desenvolvimento da internet, é representado por uma visão de criatividade colaborativa (JENKINS, 2011). Em contraponto, observa-se uma reflexão mais cética sobre as relações criadas com essas tecnologias e seus efeitos políticos, econômicos e psicossociais (HAN, 2018; MOROZOV, 2018). A instituição escolar, e sua comunidade como um todo, não pode ser deixada de lado nessa análise em um momento em que a Educação, Ciência e pesquisa recebem tantos ataques.

É importante pensar como a cultura digital afeta o modo como professores e estudantes se vinculam com a História como prática formadora do indivíduo cidadão, em favor de compreender seu lugar no mundo. Compreendo aqui o digital, a partir do trabalho de

² Para além dos aplicativos de alimentação e de transporte, os aplicativos de *games online* e de *streaming* se tornaram um novo espaço de consumo e relacionamento, para além do entretenimento. O consumo desse tipo de produto tecnológico se expandiu com o isolamento social. CORREIA, Flavia. Reflexo da Pandemia: compras em aplicativos crescem 40% em 2021. Olhar Digital. 3 abr 2021. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2021/04/03/internet-e-redes-sociais/reflexo-da-pandemia-compras-em-aplicativos-cresce-40-em-2021/>> Acesso em: 10 de set de 2021

³ Consultamos Manuel Castells acerca do desenvolvimento deste contexto.

Marcella Albaine (2019), como condição de pensamento. Essa premissa pode se relacionar com o que Paula Sibilía (2012) pensa sobre a nova relação que os alunos no século XXI possuem com uma escola do século XX, mas que ainda mantém estruturas do XIX. Entender essa condição de pensamento digital como modo de ressignificar a experiência e a relação com a forma de pensar e ensinar história.

O passado se faz cada vez mais presente nas redes sociais atualmente, como múltiplas temporalidades presentes em uma região da cidade. O viver no mundo acontece não apenas mais no concreto, ao sol de um meio-dia, caminhando pela rua, ou tomando vento na praia. É também no emaranhado das conexões, redes e pulsos de dados que se deslocam, interconectam as relações sociais, comerciais e intelectuais promovidas pelos ambientes virtuais.

Na última virada do século, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação chegou a novos patamares. Isso transformou as relações humanas do ponto de vista da comunicação, na difusão e na produção do conteúdo. Em sua obra, *Sociedade em Rede*, Manuel Castells, apresenta a seguinte observação:

A World Wide Web é uma rede de comunicação usada para postar e trocar documentos. Esses documentos podem ser texto, áudio, vídeo, software, literalmente qualquer coisa que possa ser digitalizada. Como um volume considerável de provas demonstrou, a internet e sua variada gama de aplicações, é a base de comunicação em nossas vidas, para o trabalho, conexões pessoais, informações, entretenimento, serviços públicos, política e religião. A internet é cada vez mais usada para acessar os meios de comunicação de massa (televisão, rádios, jornais), bem como qualquer forma de produto cultural ou informativo digitalizado (filmes, músicas, revistas, livros, artigos de jornal, base de dados). [...] a comunicação de massa, no sentido tradicional agora também é comunicação baseada na internet, tanto em sua produção quanto difusão. (2011, pp. XI e XII).

Com a explosão das redes sociais o que se transformou não foi apenas a comunicação e a forma de produzir e de difundir informação, saberes e conteúdo; elas se tornaram espaço de relações comerciais, de trabalho e, no caso do nosso objetivo, a produção de conhecimento, principalmente por meio da plataforma do *YouTube*. Há mais de uma década, o peso dessa plataforma já era percebido por Castells:

[...] Novas formas de auto-comunicação em massa surgiram da engenhosidade de jovens usuários que se transformaram em produtores. Um exemplo é o YouTube, um site de compartilhamento de vídeos no qual usuários individuais, organizações, empresas e governos podem fazer o upload de seu próprio conteúdo em vídeo.[...] (2011, p. XII).

O impacto do crescimento do *YouTube* não foi apenas aos meios de comunicação. A produção de conhecimento também sofreu certo impulso. Esse impacto se fez sentir também no campo educacional, não tardou para os cursinhos pré-vestibulares investirem em produções de aulas *online* como complemento das aulas presenciais ou “aperitivo” para divulgar o seu modelo educacional. Dito isso, estes elementos precisam ser entendidos dentro de um processo maior que envolve o público que consome esse material *online*.

Para além do ambiente de ensino, as informações que vêm da Web 2.0 praticamente invadem a nossa vida a partir das redes sociais, aplicativos de compras, de serviços, de trocas de mensagens, produtividade, dentre tantos outros que compõe o ambiente do ciberespaço e transitam para além da rede em si. Vivemos uma conjuntura em que esse excesso de informação é constantemente acessado por nossos alunos direta ou indiretamente. A internet passou a ser o ambiente no qual a maioria deles busca seus interesses, contatos, informações e formas de sociabilidades. Assim, os estudantes, mesmo que muitas vezes sem reflexão alguma, o que, sem aprofundamento e referências adequadas, os fazem adotar narrativas, conceitos, valores e pontos de vistas que parecem dados como prontos, como verdades absolutas.

Diante deste quadro complexo, tais características, acabam por servir de confirmações de crenças prévias, um dos modos pelos quais se sustenta a expansão e explosão das *fake news* nos últimos anos, conforme aprofundaremos neste trabalho. Este fenômeno vem a ser uma preocupação para os historiadores, comunicadores, jornalistas, cientistas sociais e pesquisadores das redes sociais devido à distorção de fontes, informações e dados. Assim, no ambiente da rede, principalmente nas redes sociais como *YouTube* e *Instagram* tornou-se um espaço de ocupação importante para o trabalho do especialista em história, como professor, pesquisador, como produtor de conteúdo, como espaço de reflexão da realidade, da prática acadêmica ou do papel de ensinar – atuando com a História Pública e Digital.

Com uma nova geração nascida no mundo digital – a chamada Geração Z –, que usa o ciberespaço não apenas para se expressar, assim como também para conhecer o mundo em que vive, adaptando-se rapidamente aos avanços tecnológicos implantados pelo desenvolvimento de mídias, aplicativos e ferramentas que são utilizadas nos ambientes virtuais. Esses elementos são absorvidos de maneira quase que natural por esses jovens, sendo possível notar o efeito disso nas aulas no ensino básico, onde dúvidas, curiosidades e interesse são despertados por algo que foi acessado no grande universo de conteúdos disponíveis para esses alunos. O uso da plataforma do *YouTube* como ferramenta didática parece que hoje é um terreno sem volta. Canais de professores de cursinho, com aulas extras, rápidas, com dicas

diretamente voltadas para o vestibular, com resolução de questões, foram os primeiros desbravadores desse local no ciberespaço educacional. Não há mais como negar o papel importante desses espaços para democratizar e divulgar o conhecimento histórico para além da sala de aula, ampliando, inclusive o papel do professor como comunicador do seu trabalho, configurando-se em um novo espaço de trabalho tendo em vista a falta de vagas no mercado tradicional. O site *YouTube* vem se constituindo em uma ferramenta que aproxima o conhecimento acadêmico do professor de ensino básico e, também, do aluno, atraindo esses dois à Universidade e ajudando a mesma a romper e trazer ciência História para a sociedade. É possível perceber diversas possibilidades de troca e aprendizado envolvendo esses atores. O recurso audiovisual tem um apelo muito grande para esses jovens.

Ainda que existam conflitos entre o que é o saber docente e o saber que venha a ser produzido fora dos muros da academia e da escola, hoje, é inescapável refletir sobre o papel que a Internet tem na construção e no acesso do conhecimento e da informação por esses jovens. Apesar de todas as proibições de aparelhos tecnológicos e da falta de estrutura de rede nas escolas, não há mais como evitar o avanço das mesmas, pois isso não inibe o aluno de citar um vídeo, um filme ou uma imagem que foi compartilhada na Internet. Ao mesmo tempo, os *smartphones* tornaram-se uma ferramenta de expressão e que tem função de dar sentido ao mundo desse jovem, mesmo que de maneira induzida pelos algoritmos.

Partindo dessa noção da importância da comunicação audiovisual para o jovem do século XXI, o *YouTube*, ao invés de ser tomado como um elemento opoissor do professor e da sala de aula pode ser um aliado muito bem-vindo, uma vez que permitiria desenvolver em conjunto – professores e alunos – novas formas de leitura do mundo, de desenvolvimento da consciência histórica, reforçando a noção crítica da realidade como a História sempre nos convida a fazer.

Nesse contexto, é perceptível a entrada na sala de aula desses elementos, a partir do que muitos alunos traziam questões que foram apresentadas em *blogs* ou canais de *YouTube*. O livro didático e as apostilas, mesmo estando à mão, parecem uma mídia difícil de ser manuseada para essa geração de nativos digitais, ainda que o livro não tenha perdido seu status de referência, tanto para professores quanto para alunos. Essa geração criada na era dos *smartphones* responde de maneira cada vez mais rápida em trabalhos em que se diversificam as mídias. As ferramentas digitais trazem uma série de conteúdos diversos que podem ser reorganizados de forma a produzir conteúdo a partir do olhar do estudante com a orientação do seu professor. Independentemente do uso do aparato tecnológico, como bem destaca em sua tese, Marcella Albaine Faria da Costa (2019), é possível obter o olhar histórico e a leitura

de tempo que esse jovem estudante faz, mesmo em um contexto limitado de infraestrutura e material. O que nos direciona é estabelecer que esta tripla relação entre professor/aluno/tecnologia pode ser analisada em suas tensões, disputas, sentimentos, saberes, modos de ser e estar no mundo que podem ser construídos a partir deste encontro.

Ao mesmo tempo em que o papel do professor e da própria ciência histórica tem sua autoridade questionada, percebe-se uma abundância de passados disponíveis, ofertados e que geram fascínio a um consumo principalmente ligado a elementos culturais e da cultura pop. Estes aspectos aparecem na sala de aula quando os estudantes levam questões que envolvem algum ator, algum período histórico e, ainda que a sua maneira e bagagem cultural, procuram refletir sobre a verdade daquela representação dada por aquele produto midiático. Nesta seara, muitos canais e perfis de online se utilizam desse encantamento o qual o passado nos traz para atrair e engajar seu público. A forma como um isso é conduzido, muitas vezes carece de fonte e uma análise metodológica clara, uma vez que a preocupação maior é gerar o máximo de interação com seus seguidores, independentemente das interpretações apresentadas. Como o professor é afetado por isso? Como podemos lidar com isso?

Nesta conjuntura de disputas é preciso entender como os professores têm sido pressionados em um ambiente que constantemente gera excesso de informação, dados, referenciais, memórias e fontes. Como é possível o professor estabelecer em seu horizonte trabalhar a autonomia e o protagonismo de seus alunos para lidar com os desafios nesses espaços que se apresentam como informativos e de construção do conhecimento para além da sala de aula? Como lidar com os desafios que invadem a sala de aula através da expansão de canais revisionistas e negacionistas que nossos alunos acessam? Ao mesmo tempo em que enfrentamos censuras, ataques, difamações e tentativas de silenciamento a partir das instituições privadas, pais e responsáveis, grupos como Escola Sem Partido, além do próprio atual Presidente da República e Ministro da Educação que não alimentam nenhum tipo de respeito à cátedra⁴.

Assim, este trabalho nasceu com a ideia de tentar entender como funcionavam os canais de YouTube dentro do contexto do ensino de história. Uma possibilidade inicial era de construir um canal próprio junto com os alunos. O que não foi possível diante da pandemia e da suspensão das aulas presenciais nas escolas em que leciono por mais de dois anos. No entanto, na esteira dessa ideia inicial o trabalho se encaminhou para entender a relação desse

⁴ BETIM, Felipe. Campanha “anti-doutrinação” contra professores eleva estresse em sala de aula. El País. 14 de maio 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html> Acesso em: 29 ago 2021.

ecossistema do ensino de história, a internet, as redes sociais e seus efeitos sobre professores, estudantes e consumidores desses canais.

É verdade que as redes sociais amplificaram muitas vozes e muitas demandas de grupos que se estavam marginalizadas nos espaços reais e virtuais – e certamente o foram – no mundo todo. Tais demandas tinham por finalidade o reconhecimento de memória, de identidade, de gênero e, conseqüentemente, houve reações opostas. Todo esse movimento provoca uma tensão que, baseada na mobilização de sentimentos, positivos ou negativos, confrontam ou acolhem tais exigências. Essas demandas não passaram ao largo da Universidade, como bem notou Valdei Araújo.

Em nossos espaços universitários, observamos um movimento crescente de questionamento de programas e bibliografias supostamente indiferentes às novas demandas dos coletivos sociais que reivindicam que suas questões, seus saberes, epistemologias e presenças sejam reconhecidos nos currículos, programas e salas de aula. As questões de raça, gênero e sexualidade não são apenas novos temas ou problemas que poderiam ser simplesmente incorporados, os seus sujeitos reivindicam novas epistemologias, novas disciplinas e institucionalidades. (ARAÚJO, 2017, p.193).

A partir desta observação, percebe-se que as redes sociais se retroalimentam desses elementos, de ações e reações dos indivíduos, que operam agindo/reagindo em grupos sociais, a partir de suas bolhas de identificação⁵. Assim, é fundamental para compreender como funciona a arquitetura da relação dessa estrutura entre a Rede e seus usuários, sejam professores, pesquisadores, alunos ou consumidores. Inteirar-nos desse quadro pode nos ajudar a entender como o Ensino de História pode se beneficiar disso, assim como buscar alternativas para enfrentar a difusão da desinformação, negacionismo e da *fake news* enquanto projeto político-ideológico e até mesmo educacional.

Cabe aqui uma observação: também é importante lembrar que a mentira não é uma novidade da História do século XXI, tampouco é na própria História da Humanidade. A mentira já foi uma ferramenta retórica, e também um recurso utilizado e politizado por diferentes grupos sociais e políticos com seus objetivos específicos. Contudo, ela nunca foi usada com a profundidade e na escala com a qual encontramos hoje, tendo em vista toda a capacidade de difusão possível por parte das TDIC (PINSKY, 2021).

É nesse mote que o trabalho do professor de História precisa de maior apoio. Diante deste ambiente anticientífico e anti-intelectual formado nos últimos anos e que sofremos

⁵ Essas “bolhas” são determinadas pelos algoritmos das redes sociais e dos aplicativos que criam um perfil baseado nas preferências e escolhas de sua interação pessoal, levando até ao usuário, o conteúdo que o algoritmo “entende” que ele consome. Conferir em HAN, 2018; MOROZOV, 2018.

maior vigilância, pressão e censura. Nunca a liberdade de cátedra foi tão ameaçada, uma vez que a postura crítica do senso comum tem se utilizado do termo “doutrinador”.⁶ Ao mesmo tempo em que a figura do professor é a representação de uma autoridade dentro de um determinado espaço. Esta autoridade, no seio escolar, pode se apresentar de duas maneiras: a disciplinar e a intelectual. Se a primeira, afeta de maneira geral os professores independentemente da disciplina e já vem se deteriorando nos últimos anos devido aos constantes problemas de valorização da profissão, de diálogo e conexão com os alunos, de uma estrutura escolar defasada para a vivência do jovem do século XXI, a violência escolar, onde o professor fica entre os anseios da comunidade escolar como um todo (pais, estudantes e gestores). A segunda é um fenômeno que vem se apresentando de forma mais recente que vem sendo sentida especificamente pelos professores de História. Todos parecem ter a sua “verdade” e querem defender/desafiar essa autoridade intelectual do professor na sala de aula.

Por um lado observamos as disputas no campo da História, entre as demandas das lutas identitárias e a luta para se manter os conteúdos temáticos tradicionais à disciplina. (ARAÚJO, 2017). Por outro lado, mesmo com todos os esforços e críticas de especialistas de Educação, as Humanidades perdem mais espaço para outras atividades, tidas como mais importantes na formação pessoal do estudante. Esse ponto é explorado por grupos de orientação político-conservadora, como o MBL, Escola Sem Partido e empresas de divulgação desses grupos – como a Brasil Paralelo – na medida em que buscam, no reforço dessa tradição, desqualificar a ciência histórica, professores, pesquisadores especialistas e mesmo que de maneira indireta, os grupos minoritários da sociedade. Esse quadro de intensas variáveis nos mostra o quanto é preciso se posicionar como professor e educador tendo em vista o seu papel de formador dos estudantes. Tal papel vem sendo ameaçado e, querendo ou não, seremos forçados a refletir em uma História disciplinar para além da sala de aula e das provas de Enem.

Dito isso, abro esse trabalho pensando sobre como é ser professor hoje no universo das redes sociais, da internet, em meio a esse mar de informações misturado a todo tipo de negacionismo, revisionismo e pós-verdade. Contextualizando esse momento em que estamos vivendo que afetam as relações de ensino, as relações de professores e alunos, seja como uma

⁶ Caso emblemático é o do canal de denúncias criado e incentivado pela deputada Ana Caroline Campagnolo, do PSL-SC, para que os estudantes pudessem denunciar aquilo que considerassem manifestações políticas e ideológicas na sala de aula, mesmo que não haja uma definição clara do que seria um “professor doutrinador”. LINDNER, Julia. Deputada aliada do Bolsonaro cria canal anônimo de denúncias contra professores universitários. **O Estado de São Paulo**. 29 de out 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deputada-aliada-do-bolsonaro-cria-canal-anonimo-de-denuncia-contra-professores-universitarios,70002571720>> (acesso em 15/12/2019).

ferramenta que facilita o contato e a troca, bem como um ambiente que pode ser utilizado para questionar o trabalho e a produção intelectual dos professores. Outro fator levado em consideração é a arquitetura das redes sociais, seus algoritmos e os interesses das grandes corporações envolvidas na distribuição dos conteúdos e dos dados de aplicativos e usuários envolvidos.

Assim, busco refletir como a História Pública e a História Digital nos ajudam a pensar como entender esse ecossistema de relações. De que modo isso afeta professores, estudantes e pesquisadores de História, analisando como o consumo midiático do passado possui um papel na construção de identidades, bem como as redes sociais se tornam, principalmente para as gerações atuais, um espaço de manifestar seus modos de ser e estar no mundo? O quanto disso transborda para a sala de aula? Como lidar com a falta de referência e profundidade crítica daqueles que consomem a história na internet apenas de maneira midiática? Como a falta de profundidade crítica facilita a absorção dos discursos que mobilizam os afetos que são direcionados para cumprir a função valorizar uma história monotemática e monocromática? Como o professor pode se preparar e como usar as redes digitais associadas a seus alunos em tempos de tantas distorções de *fake news*? Importante refletir qual o papel do professor em uma era de informações tão distorcidas oriundas de múltiplas fontes e que afetam diretamente a leitura de mundo dos indivíduos, assim como a formação de suas subjetividades.

No segundo capítulo aprofundamos a reflexão sobre como a plataforma do *YouTube* surgiu como um espaço de colaboração e distribuição de conteúdo online dos mais diversos tipos e passou a ser um espaço de aulas online, jogos, vendas, filmes, mas também um território de controle ambíguo no que tange as regras de difusão das informações e conteúdos produzidos. O que antes era um celeiro de ideias de conexões, espaço de informações, passou a ser um espaço de teoria da conspiração e de material jornalístico e didático extremamente duvidoso, abrindo espaço para um celeiro de desinformação sobre os mais diversos assuntos, de modo que a própria plataforma monetiza e incentiva a desinformação⁷.

Sendo assim, direcionamos nosso olhar para o canal do *YouTube* da produtora Brasil Paralelo. A partir da análise de um de seus vídeos sobre o sistema educacional brasileiro e crítica a Paulo Freire, observamos as suas táticas e construções narrativas usadas para distorcer o papel do professor e o ensino de história. Foi observado como certos valores de uma história midiaticizada, estabilizada, congelada em seu próprio passado de modo a

⁷ SCOFIELD, Laura e SANTINO, Matheus. YouTube ganha dinheiro e desobedece às próprias regras com negacionismo climático. **A Pública**. 29 mar 2022. Disponível em: <<https://apublica.org/2022/03/youtube-ganha-dinheiro-e-desobedece-as-proprias-regras-com-negacionismo-climatico/>> Acesso em: 29 ago 2022.

mobilizar afetos para cumprir expectativas específicas da audiência a qual é direcionada. Como a empresa emprega seu poder de comunicação e produção para produzir uma história específica, para um público específico, ignorando os métodos e procedimentos da história como ciência. Procuramos estabelecer como o estatuto de verdade é distorcido de maneira a caber em uma história que representa os anseios de uma parcela específica do público e de seus acionistas/patrocinadores para usar o passado idealizado como justificativa para solução das contradições do presente, muitas vezes, ignorando-as.

Dessa forma, procuramos entender como os canais e perfis negacionistas buscam minar o papel do professor e do ensino como forma de pautar uma agenda antidemocrática, na qual se exclui tudo aquilo que difere do que é entendido como seu padrão idealizado.

No terceiro capítulo foi direcionado para pensar em experiências positivas do uso da história nas redes sociais e das novas tecnologias, de modo que professores e estudantes possam se apropriar e direcionar uma reflexão deste material. Assim analisamos o caminho do trabalho do canal de *YouTube Leitura ObrigaHistória*, que devido a problemas influenciados pela relação com o algoritmo, veio a se transformar no programa de podcast *História FM*, sendo que posteriormente, deu origem a outros programas de temáticas históricas específicas.

A respeito da mudança de plataforma tecnológica a ser utilizada, o material se mostrou rico em possibilidades para pensar em como trazer elementos plurais a sala de aula. Seja ele como forma de atrair os alunos, iniciar um tópico específico, ser um complemento de uma aula ou mesmo uma base com a qual o professor possa se atualizar em assuntos nos quais não tem tanta facilidade ao ensinar. Conhecer novos elementos da pesquisa acadêmica sobre um tema curricular pode nos ajudar a observar formas diferentes de abordagem junto com o estudante de maneira complementar materiais didáticos usados no ambiente escolar.

A partir disto proponho apresentar uma metodologia na qual o uso de redes sociais e plataformas de áudio e vídeo que se utilizam da produção de conteúdo voltado para história, de modo a direcionar o desenvolvimento de experiências de aprendizado e ensino em meio ao crescimento da pós-verdade no universo digital.

Assim, buscamos mostrar, a formação crítica e cidadã dos estudantes a partir do desenvolvimento de um ferramental analítico, de um letramento digital, os quais, em conjunto com seus professores aprendem com objetivo de dialogar com fontes, compreendendo os diversos passados envolvidos e desnaturalizando memórias, reforçando o caráter democrático do acesso à pluralidade de passados.

1 ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DIGITAIS E DE PÓS-VERDADE

A História no século XXI pode ser vista dentro de um modelo de mais um produto de consumo das redes sociais. No *YouTube* e no *Instagram* surgem a cada momento novas páginas, perfis e canais dedicados à História. Cada qual com sua abordagem específica, temática, metodologias, ferramentas, didáticas e seus objetivos. Tal variedade de produções, de origem acadêmica ou não, vem ao longo dos anos, atraindo os olhares de pesquisadores das áreas de História Pública e da História Digital. É notório que, no curso da expansão das Redes Sociais e do desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, estes locais se tornaram espaço em disputas de narrativas, que se aproveita de características peculiares da comunicação online – imediatismo, atualização das ferramentas, fluxo de informação e produção incessante – e que criam uma nova relação entre público, conteúdo e historiografia (LUCCHESI, 2013). Isto porque, tanto história quanto a memória passam a ser uma demanda social, para além de ser uma prerrogativa de exclusividade acadêmica. Assim surgem produções colaborativas dos meios virtuais por meio de obras interativas e comunitárias. Esta é uma característica presente no ciberespaço enquanto local de construção desse tipo de redes de produtividade cultural, política, social e intelectual.

A História Pública e Digital se entrelaçam de tal forma que é preciso refletir nos modos de ser, fazer e estar na Internet produzindo conteúdo de História. Não se trata somente de enxergar a função da internet como uma ferramenta ou como meio, mas entender o ciberespaço como local de produção, ampliação e divulgação do conhecimento histórico, como potencial formador e transformador do cidadão do século XXI, permeado pelo fluxo de dados digitais. Tendo isso em vista, é fundamental compreender como modos de sentir e ser são absorvidos por estudantes, pesquisadores e professores dentro desses meios e como nos relacionamos com isso.

Ao compreendermos toda a gama de possibilidades de produção de conteúdo que os meios digitais promovem, a partir das imagens, textos, vídeos, áudios, edições, hipertextos, referências, fontes veiculadas e distribuídas de maneira quase que instantânea, podemos também conjecturar sobre o quanto o desenvolvimento da tecnologia permitiu que a manipulação desses dados e fontes criasse toda uma nova forma de comunicação e expressão. Se isso parecia ser restrito, a princípio, ao humor dos *memes*, logo se passou a ser uma forma também de produção e consumo de narrativas de História, disso surgem novos olhares. Nesse sentido, segundo Daniela Moraes (2018) é preciso direcionar o olhar sobre a Aprendizagem

Histórica Digital que se dá a partir da “apropriação crítica do conjunto de conteúdos de história produzidos para as redes sociais online, cuja apresentação faz uso de uma estética midiática” (MORAES, 2018, p.56).

Embora não seja o escopo central desta pesquisa, apenas quero destacar que temos caminhos para pensar em como se ensina e se aprende história através dos meios digitais, ao mesmo tempo em que o professor, atualmente, precisa lidar com a distorção, a negação e a falsificação da ciência histórica. Ter essa convicção enquanto profissional de Pesquisa e Ensino de História é fundamental para o enfrentamento de atores que insistem em espalhar o ódio, a insanidade e a desqualificação do outro como forma de reduzir o espaço democrático.

Uma preocupação que se demonstra importante é que a preocupação com a relação tecnologia e educação no Brasil é o peso maior dado ao aparato tecnológico em si do que o aspecto do humano (professores e alunos) envolvido. Os PCNs, nos anos 90, trazem essa visão messiânica de que a tecnologia vai conduzir a melhora do ensino brasileiro de uma maneira geral. Marcella Albaine (2019) observa que:

Os PCNs sinalizavam o caráter estritamente técnico e instrumental da ação docente e discente no uso da tecnologia; penso que, a depender de como esse processo de inversão seja conduzido, possa aí se reinstalar a soberania tecnológica em detrimento da ação do professor. A leitura atenta do documento permite entrever que não basta que se insiram plataformas ou ambientes virtuais de aprendizagem e que se espere do estudante a maturidade para lidar sozinho com esse universo que o mundo tecnológico oferta. (COSTA, 2019, p.23)

Justamente por essa falta de maturidade, de elementos conceituais, de entendimento das plataformas com maior profundidade faz o papel do professor importante como àquele que vai trazer uma reflexão e sentido para além do instrumental. Professores e alunos devem se apropriar dessas mídias sociais como forma de construir suas interpretações e saberes, como nos indica Paulo Freire (2017). Esta dita forma de Aprendizagem Histórica Digital não deve ser vista como uma fórmula salvadora. Mas uma alternativa a mais para se pensar em estratégias para o Ensino de História e a forma de como a dinâmica do aprendizado nas redes sociais funcionam para com os estudantes. Sejam eles “*homo zappiens*”, sejam os infoexcluídos (MORAES, 2018), que de alguma forma ou de outra precisam do professor como aquele que vai direcionar o consumo desse conteúdo na sala de aula. Principalmente pelo fato de que existe uma ênfase maior na cultura digital que será vista como competência na BNCC. As escolas, possuindo recursos ou não, acabarão por buscar explorar o ambiente online de alguma forma.

É nessa perspectiva que olhamos para a história escolar como uma ferramenta essencial para a construção da identidade do jovem estudante e o reconhecimento que ele terá de si mesmo. A história como disciplina formadora para a vida prática. De modo que os atores envolvidos, professores e alunos, serem capazes de, em conjunto, construir significados e sentidos à sua experiência de ser e estar no tempo. Entrecruzar os caminhos do Ensino de História, da História Pública e Digital é apenas um dos muitos elementos que podem dialogar para a construção e destaque da pluralização de histórias e narrativas que possam destacar os atores sociais valorizando a tendência democrática (ABREU e RANGEL, 2015).

No quadro que se apresenta a produção de História Pública nas redes sociais é preciso compreender essa relação de três pontos: o do historiador, seus públicos e a historiografia, os quais devem ser contextualizados dentro de suas variações de seu espaço/tempo (MALERBA, 2017). Porém, é preciso notar que na atual conjuntura das tecnologias da informação, nos meio digitais e na internet, as audiências não possuem um papel passivo. Para o bem ou para o mal, também gera conteúdo, sendo um item importante do tripé acima mencionado. É com esse ambiente construído dentro da internet, o surgimento de novas mídias, o incentivo a novas formas de expressão e linguagens que vem sendo criadas, ocorreu uma alteração no perfil do público consumidor e do produtor de história. Esse espaço se constitui como um lugar de direito à memória, mas também de construção e reivindicação de sua identidade. Grupos que eram tradicionalmente excluídos buscam ter suas vozes ouvidas na Internet.

O aspecto democrático da Web 2.0, em um primeiro momento de sua concepção, deu a ilusão de que esse seria um espaço de oportunidades colaborativas e criação. Teóricos do Design, da Comunicação, da Filosofia e do Marketing, enxergavam no ciberespaço um local de trocas culturais, de formação de ações coletivas de construção de conhecimento de maneira colaborativa (LEVY, 2010; JENKINS, 2011; CASTELLS, 2011). Com o avanço dos anos, a expansão do acesso à internet e o apuro tecnológico tanto de *hardware* e *software* tornaram complexas as relações nos ambientes virtuais, notada nos diferentes aplicativos criados, na ascensão do *big data*, essa perspectiva otimista do mundo virtual e das relações construídas a partir dele são confrontadas e postas em cheque, por uma nova dinâmica de se comunicar, de se relacionar com a informação e a mensagem e os atores sociais envolvidos. Novas produções surgem nas redes desafiando a autoridade de historiadores e professores e dada a sua produção intensa e frenética, aliada a uma distribuição fluida, onde um item que se torne viral pode ter milhares de visualizações, reações e compartilhamentos em pouco tempo.

Apenas para ilustrar, atualmente, mais do que nunca, se faz necessário pensar a História enquanto campo de ensino e pesquisa, levando em consideração a conjuntura política

e histórica do Brasil e no mundo. Recentemente, a partir da última década, testemunhamos que os valores democráticos tornaram-se alvos de ataques constantes e firmes, de forma que narrativas, no mínimo questionáveis, sustentam visões revisionistas e negacionistas são usadas franca e abertamente com o objetivo de se comunicar com aqueles insatisfeitos com os efeitos das crises socioeconômicas da virada do último século. Nosso trabalho enquanto historiadores e professores passaram a serem postos em xeque diante de uma acusação de “doutrinação”, em sua maioria por pessoas que produzem “conteúdo” fora de uma perspectiva científica.

Percebemos ao longo da virada para o século XXI a promoção do campo que ficou conhecido como História Pública – o uso da História para além do controle institucional acadêmico, utilizando-se de outras plataformas de comunicação para sua circulação, se configurou a partir de uma noção de uma fluidez do passado como objeto de disputas políticas (ROVAI, 2017). Elementos como os usos da memória, a abordagem social e cultural de uma visão histórica para além do mundo eurocêntrico, outras formas de visão de mundo e outros personagens na centralidade dos estudos.

A expansão e o consumo de produções de viés histórico ganhou grande importância nos últimos anos e o consumo gerou um interesse maior por produções históricas (MENESES, 2019). As redes sociais não ficaram atrás. A internet passou a ser uma nova esfera pública virtual, que afeta as identidades, comportamentos e as ideias que são forjadas, propagam-se rapidamente nos meios digitais. (MENDES, 2018). Esse novo quadro tem grande alinhamento para com os jovens que fazem parte do universo de nativos digitais. Nascidos em um período onde as tecnologias da informação e os meios digitais já estão mais do que estabelecidos, tomam o ciberespaço como um local que auxilia e reorienta as formas de sociabilidade, percepção de tempo, da memória e formas de comunicação e expressão. (PRENSKY, 2001)

O imediatismo e a rapidez são marcas fortes da sociedade contemporânea, por exemplo, no que se refere à questão da memória, a sua fluidez é característica presente na sociedade contemporânea. A título de ilustração, é possível apontar uma característica que muitas redes sociais atuais incorporaram: a função de postagens programadas, que se apagam depois de um determinado período de tempo. Essa mesma sociedade seleciona aquilo que é memorável ou não. Diante desse desafio, repensar a forma como os conteúdos de História são elaborados e aplicados é parte inexorável na construção de um conhecimento histórico que dialogue com as novíssimas gerações. (MENDES, 2018, p.10)

Diante desse contexto é preciso refletir na importância do papel da História Pública e sua contribuição ao ensino. Pretendo aqui ponderar sobre como o papel do historiador e do

professor de História ainda se faz necessário, mesmo fora da academia e como a produção da internet afetam a sala de aula, em um momento em que a sociedade parece viver um mundo onde tudo é instantâneo, como se houvesse um presente estendido. O professor precisa assumir esse espaço em disputa e compreender que a formação de um indivíduo também passa pela compreensão do uso e do funcionamento das mídias digitais e redes sociais. Contudo, percebemos uma ambivalência, onde ao mesmo tempo temos um fascínio pelo passado, traduzido por todo o aparato memorial que é reivindicado por grupos específicos, sejam historiadores ou não, por outro lado, existe uma desconfiança de que a História possa nos ensinar algo (GUMBRECHT, 2011). Haja vista o quanto esse processo que amplia a demanda dos atores sociais e a circulação do conhecimento sobre um passado trazido quase sempre por uma interpretação particular. A partir disso, é necessário compreender como acontecem estas tensões e de que maneira são negociadas e disputadas.

A partir da primeira década do século XXI, a crise da Democracia enquanto sistema e modelo sócio-político tem suas consequências exacerbadas a partir do avanço de grupos extremistas de direita. Ela é sustentada em dois pilares: a narrativa do medo e o sentimento de nostalgia, que reforçaram essa sensação de confronto e oposição à Democracia, a partir da negação das demandas pelo reconhecimento da diferença. Essa nostalgia se reforça numa fantasia do passado, onde se encontra uma idealização de felicidade que não se encontra no presente – que é incerto. Assim, a nostalgia mira a restauração de elementos conservadores que teriam se perdido na pauta democrática na qual outras vozes ganharam espaço e que tornaram a realidade mais complexa. (GAIO, 2019)

Outro ponto importante a ser considerado nesse processo é que se o passado é pensado pelo presente cada geração redefine suas práticas, repensa seu ofício, com seus conflitos inerentes. Assim também é com nossa profissão enquanto professor e historiador. As novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) tem um papel de destaque na virada do último século. A Web 2.0 está no cerne da transição de uma cultura alfabética para uma cultura digital. O mundo virtual afetou a noção de Tempo/Espaço, Fontes/Dados. Elementos-chaves para o trabalho do Historiador/Professor. A partir disso, percebemos duas consequências: a) novas formas de se expressar e dispersar informação, novas narrativas, menos lineares e hipertexto; b) “Efeito Google”⁸ a forma de como estamos lidando com o excesso de consumo e produção de informação. (LUCCHESI, 2013)

⁸ Reflete um estudo que corre desde 2010 sobre os efeitos do uso da internet na busca por informações estaria afetando nossa capacidade cognitiva e de memória. ALECRIM, Emerson. É assim que o Google está mudando a

Com o aumento da crise política e econômica nota-se o fortalecimento de vozes dissonantes ao projeto de democracia inacabada do Brasil e seu plano de valorizar a diversidade começa a se esfalar, principalmente após o governo Dilma. Isso gerou a perda de garantias sociais e avanço cada vez maior das práticas autoritárias. Principalmente pelo fato, de acordo com Henrique Gaio (2019), houve uma “redução do espaço da Política enquanto lugar privilegiado de encontro e reconhecimento da diferença e reivindicação das promessas não cumpridas pela democracia.” (p.184). Isso demonstra a incapacidade da crise política brasileira de se defender de ações individuais e coletivas consideradas antidemocratas e autoritárias.

Durante o contexto inicial do desenvolvimento da Web 2.0 havia uma conjuntura na qual a rede compreendida positivamente e se constituiu uma falsa sensação de liberdade democrática na produção de conteúdo. No entanto, essa percepção camufla diversos interesses políticos, projetos ideológicos diversos através de processos de despolitização. É nesse ambiente que reside um espaço para semear e florescer um conteúdo profundo de pós-verdade. Ancorado na perspectiva desse ambiente supostamente livre de ideologias, mas que esconde um projeto ideológico sim de tirar o sentido de determinadas pautas políticas. Dentre muitas delas, iremos nos concentrar na Educação.

A arquitetura de como se formaram as redes sociais como Youtube, Twitter, Instagram também favoreceram a esses aspectos. Proliferaram perfis e canais de reprodução de notícias, de análises conjunturais e políticas. Em muitos casos esses comentaristas desenvolviam seu material com pouca profundidade analítica, que acabavam por favorecer ao processo de desinformação, despolitização e polarização de discursos. Assim, retroalimentando preconceitos e distorções facilitando ainda mais a difusão das *fake news* (MENDES, 2018).

Vendida como um ideal democrático de acesso ao conhecimento e a informação para aqueles que a adentravam, a expansão da Internet foi também concebida como um espaço de liberdade no sentido político (MENDES, 2018). Onde seria um espaço de expressão de cidadania, como uma ágora virtual. No entanto, esta concepção ocasiona uma falsa sensação de liberdade democrática, onde se ocultam projetos ideológicos muito específicos, através de táticas de despolitização. Com esse acesso maior as fontes das redes sociais percebe-se que os leitores do mundo digital trazem para sala de aula uma deformação em seu conhecimento. Essa deformação vem a ser ampliada devido à maneira como a História, enquanto disciplina e ciência, vem sendo apropriada por diversos canais na Internet.

[...] A internet ainda resguarda, no senso comum, certo sentido de liberdade e democracia que desconstruo à frente. Essa falsa impressão de esvaziamento ideológico guarda, na verdade, muitos projetos ideológicos. Na minha percepção, reside aí um grande problema. A busca por análises imediatas que se propõem como acabadas e completas contribui negativamente para os debates e reflexões críticas mais profundas [...] (MENDES, 2018, p.33).

A dinâmica da “polêmica da semana” que infesta às redes sociais amplia a ânsia por análises imediatistas e resolutivas. Tais análises geram engajamento e visualizações através dos algoritmos, independentemente do sentido dos comentários, sejam positivos ou negativos. Esse aspecto das redes deu força ao conflito de ideias e até mesmo ao confronto direto, onde muitas vezes o debate e as reflexões mais críticas são superados por atitudes de “bando” que buscam contrapor com táticas agressivas, ataques em grupos, uso de perfis falsos, onde o objetivo não é debater e sim fazer valer sua “posição” naquele assunto. Ao usar a tela do computador ou do celular como proteção se abre um espaço para que esse indivíduo expresse toda a sua carga negativa de frustração ampliada por esses aspectos das redes. As emoções estão sempre muito mais sensíveis e são utilizadas nesse sentido. Um ponto muito importante ao observar a construção de uma pós-verdade é o uso de elementos morais e sentimentais para conferir carga emocional ao indivíduo que se quer atingir. Quanto maior essa carga e identificação, maior ele se agarra essa “verdade”. As emoções tem papel importante nas ondas de indignação, do “cancelamento” que serve de motor e combustível para afetos instantâneos como nos mostra Byung-Chu Han⁹.

[...] A comunicação digital, em contrapartida, torna uma descarga de afetos *instantânea* possível. Já por conta de sua temporalidade ela transporta mais afetos do que a comunicação analógica. A mídia digital é, desse ponto de vista, uma *mídia de afetos* [...] (HAN, 2018)

O direcionamento desses afetos e como eles agem tanto individualmente quanto em grupo estão ligados ao excesso de informação que vivemos mais e mais na Web 2.0. Muitos indivíduos têm desenvolvidos Síndrome de Fadiga da Informação (SFI). O cansaço da

⁹ A Cultura do Cancelamento tornou-se um termo com grande espaço no cotidiano diante do crescimento da participação das vozes, antes excluídas do debate por cidadania e direitos, que atualmente ganharam espaço nas redes sociais, de forma a criticar e cobrar à responsabilidade de indivíduos em suas atitudes ou forma de se comunicar seu comportamento e pensamento.

É importante notar que não é a pessoa que está sendo cancelada em si, mas a sua postura entendida como incorreta. As redes sociais, principalmente o Twitter, tem se demonstrado um espaço onde a audiência, muitas vezes, é o “tribunal” do *influencer*. O que vem gerando muitos debates e críticas sobre o uso do termo, as situações que abarca e suas consequências. Conferir: LAGO, Miguel. Derrubem as Estatuas: Quem reclama da “cultura do cancelamento” está cego para cultura do outro. **Revista Piauí**, Ed. 168, Set 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/derrubem-as-estatuas/>. Acesso em: 1/3/2021 e SANCHES, Mariana. O que é a “cultura de cancelamento”. BBC, 25 jul de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53537542>. Acesso em: 1/3/2021.

informação tem gerado dificuldade de concentração, de interpretação e de absorção da mesma com qualidade (HAN, 2018). Tendo em vista, o contexto e da dificuldade brasileira de desenvolvimento da leitura e de se formar bons leitores¹⁰, somos um terreno mais do que fértil para a pós-verdade.

O excesso de informação afeta a capacidade analítica do indivíduo. Incapaz de separar aquilo que é essencial do que se está em questão, o cidadão consumidor das *fake news* torna-se alvo fácil. Se os algoritmos das redes são treinados para obter o máximo de dados sobre seus usuários nos mais diversos aplicativos, sites e redes sociais disponíveis, nossas redes são cada vez mais personalizadas ao nosso gosto. Cria-se uma linha única, onde poucas variáveis são permitidas dentro de um *feed* de notícias de uma rede social. (MOROZOV, 2018). Byung-Chu Han (2018) entende que esse excesso de informação leva a depressão por uma relação entre o narcisismo do indivíduo e a sobrecarga que o sujeito sente pela reverberação de si mesmo gerado pela autorreferência exagerada das redes.

[...] Há significado apenas lá, onde ele de algum modo se reconhece. O mundo aparece a ele apenas sob a sobre do Si. No fim, ele se afoga em si mesmo, esgotado e cansado de si mesmo. A nossa sociedade hoje se torna cada vez mais narcisista. Mídias sociais como o Twitter ou Facebook acentuam esse movimento, pois elas são mídias narcisistas [...] (HAN, 2018)

O YouTube acaba agindo de forma semelhante na maneira em que as recomendações surgem indicadas no *feed* do usuário. Cria-se um padrão de consumo a partir do algoritmo, onde temas próximos e/ou contraditórios são recomendados entre si. O engajamento é o que mede o alcance de um produto, postagem ou vídeo, independentemente da reação ser positiva ou negativa. Isso reforça o quanto as reações, emoções e os afetos regem as redes sociais.

Soma-se a isso o fato de que o investimento em tráfego pago é que vai determinar o quanto a sua postagem vai rodar. Tendo em vista como os canais de propagação de pós-verdade são financiados, isso tem um impacto no quanto eles conseguem “furar a sua própria bolha” e viajar ainda mais na corrente do fluxo informacional. O consumidor de informação no YouTube muitas vezes fica dentro de um espectro de consumo sendo recomendados vídeos do mesmo assunto e gradativamente chegando a extremos de desinformação, despolarização e

¹⁰ A última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2019, demonstrou que houve perda no número de leitores em todas as classes sociais no período comparativo com o ano de 2015. Com um aumento considerável no uso das redes sociais nesse mesmo período. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores>. Acesso em: 3/3/2021.

radicalismo¹¹. Isso é um facilitador para vídeos que se caracterizam pelo uso da pós-verdade, pois ela não “precisa” de referencial e sim de confirmação das expectativas da audiência. Não importa se é um pensamento científico ou não. Assim, a crença do indivíduo naquela informação o motiva a compartilhar o máximo possível.

Sonia Meneses nos alerta de como isso acontece dentro do material produzido com sentido “histórico”:

Assistimos, portanto, à emergência de discursos reativos e conservadores que se sustentam na difusão tanto de falsos contrários – como disse antes – como de falsos similares, com a intenção deliberada de estimular conclusões altamente tendenciosas sobre os processos históricos. Nesse sentido, coloca-se como problema uma ação consumidora que se elabora solicitando uma mudança conservadora ao se opor frontalmente aos processos de transformação política, social ou cultural dessa sociedade (MENESES, 2019, p.85).

Diante desse quadro é necessário que enquanto professores, historiadores e pesquisadores de Ensino de História possam buscar formas de leitura e consumo que esses canais vêm promovendo e que tipo de apropriação é feita. A partir disso, cunhar uma ação para preparar nossos estudantes, principalmente, a como identificar e compreender o papel da desinformação e como ela pode ser desconstruída.

É nesse ponto que percebemos um investimento pesado em negação da política nos termos democráticos. Esse processo não deve ser confundido com desinformação, manipulação de dados ou outra faceta de *fake news*. É um processo que envolve a distorção de conceitos políticos da sociedade com o intuito de dificultar uma maior identificação do indivíduo ou de um grupo com sua realidade social vivida, levando-o a defender ou se posicionar política e ideologicamente em oposição a projetos que seriam positivos para suas demandas (FERNANDES, 2019).

Diante das perseguições que os professores, as escolas e as universidades vêm sofrendo sistematicamente ao longo dos últimos anos, estruturou-se um contexto anti-intelectual muito intenso. Associado a uma expansão do acesso a informação dada pela vida

¹¹ Para entender melhor a polêmica do sistema de recomendações do algoritmo do YouTube, vídeos extremistas, pedofilia, teorias da conspiração e suas repercussões, conferir:

BROWN, Jennings. YouTube diz que vídeos extremistas não têm bom engajamento no site — então o que é isso? **Gizmodo**. 4 abr 2019. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/youtube-videos-extremistas-desempenho/> Acesso em: 4/3/2021.

FEITOSA JR., Alessandro. YouTube diz que vai parar de destacar vídeos de teorias da conspiração. **Gizmodo**. 28 jan 2019. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/youtube-parar-destaque-teorias-conspiracao/> Acesso em: 4/3/2021.

O MAIOR PROBLEMA DO YOUTUBE. É SÉRIO. Publicado por Felipe Neto. 1 Video (17min). 21 fev 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=70GxO69R5Qo&ab_channel=FelipeNeto Acesso em: 4/3/2021.

digital, transformou a experiência do conhecimento e do saber em algo pessoal, fácil e gratuito, fora do ambiente formal da sala de aula. Esse ambiente robustece a situação de professores desmotivados, mal remunerados e culpados pelo fracasso dos resultados dos alunos – sempre lembrado pela mídia formal e especializada - configura um cenário brutal para educação brasileira e um campo fértil para reprodução das *fake news* que vão se sustentar mutuamente.

Entendo aqui a *fake news* como um fenômeno muito mais complexo do que a construção de uma mentira ou negação de um fato. É a distorção ou inversão do estatuto da verdade de um contexto, como nos explica Christian Dunker (2020):

[...]Fake News não é só um fato que pode ser checado e desqualificado, ainda que neste ínterim ele tenha causado prejuízos, por vezes irreparáveis. Fake News afetam os fatos criando erros, mas também mentiras e ilusões. São estas as três inversões da verdade:

- a. A verdade sem compromisso temporal com a história de sua formulação, portanto sem potência de fidelidade passada (ilusões de memória).
- b. A verdade sem desejo, portanto sem capacidade de engajamento, sem compromisso e sem promessa (mentiras desejanter).
- c. A verdade sem fatos, consensos ou verificação (falsidade das afirmações).

(DUNKER, 2020, p. 31)

Seja no YouTube ou Instagram tais canais desenvolvem uma História para consumo, com o intuito de falar a um público mais interessado, no entanto, mais leigo, contudo, com acesso direto e incentivado a consumir de acordo com parâmetros específicos definidos.

[...] Inegavelmente, temos uma significativa audiência conservadora que acessa os conteúdos dessas obras aqui mencionados, mas ela não é única, e os espaços de redes sociais, blogs, vlogs e outras plataformas podem funcionar também como lugares de luta e tensão de ideias.(MENESES, 2019, p. 86)

Tais tensões se apresentam como um conflito entre Capitalismo e Democracia. Onde o indivíduo entendido como diferente e defendido pela Democracia passa a ser entendido como uma oposição ao “progresso” que o Capitalismo tem como objetivo. É nesse ambiente em que o Capitalismo de Vigilância também floresce (ZUBOFF, 2018). A troca da cidadania pelo consumo a partir da negociação dos dados dos indivíduos usuários de aplicativos para grandes corporações do Vale do Silício e de corporações que compram dados das primeiras tem transformado o homem em um refém de si mesmo na arquitetura das redes, aplicativos, torres de celulares, câmeras e drones. A sua individualidade pode ser negociada, associada e identificada a partir da *Big Data*.

[...] Para a Google e outros agregadores de big data, no entanto, os dados são apenas bits. As subjetividades são convertidas em objetos que reorientam o subjetivo para a mercantilização. Os sentidos individuais dados pelos usuários não interessam ao Google ou às outras empresas nessa cadeia. Dessa forma, os métodos de produção de *big data* a partir de *small data* e as formas pelas quais o *big data* adquire valor refletem a indiferença formal que caracteriza o relacionamento da empresa com suas populações de “usuários”. As populações são as fontes das quais a extração de dados procede e os alvos finais das ações que esses dados produzem. (ZUBOFF, 2018, p.34)

Até que ponto esse nível de informação de dados pode direcionar pesquisas, estudos e definir conteúdos e currículos que serão mais exibidos – e conseqüentemente, serão mais acessados – nas redes sociais? Como o uso dos dados determina o direcionamento a ser dado a um tipo de assunto, fonte ou tema desejado pela Google e outros agregadores para definir o que vai estar mais disponível enquanto informação de um produto. É importante lembrar que os clientes da Google são Pessoas Jurídicas e outras grandes Corporações. Ao refletir sobre o YouTube, isso explica a pouca preocupação do site em controlar aquilo que é publicado, desde que existam anunciantes para os vídeos publicados.

É nesses termos do contexto de um conflito entre Capitalismo e Democracia que temos o esforço por um fortalecimento do Estado brasileiro em criar uma cidadania seletiva, a qual a Constituição de 1988 não foi capaz de garantir igualmente para todos. Os excluídos do processo de cidadania de 88 são alvos de pânico coletivo gerado pelo medo como afeto político, que muitas vezes, são construídos a partir da lógica das redes sociais, carregada de pós-verdade, onde se alimentam de polêmicas como forma de buscar o maior alcance possível de sua ideologia. Se por um lado as mídias digitais deram voz e espaço para aqueles que se sentiam excluídos, por outro, deu voz também para aqueles que acreditam ter perdido o seu espaço de privilégio.

Diante desse processo, observando esse conflito de vozes com a expansão das mídias digitais e as redes sociais, que podemos perceber o estímulo da imprensa hegemônica. Troca-se de liberdade por segurança – os Direitos Humanos são entendidos como obstáculo para aqueles que são a favor da pacificação e controle das classes sociais consideradas perigosas. O público alvo de um canal negacionista se alinha com essa postura de que os direitos das minorias são um entrave à segurança da família tradicional. Algo que só existia em um passado idílico que é usado para justificar seu desejo de retrocesso ao projeto autoritário e elitista do país.

Há muito tempo já se discute que não é apenas na escola que se forma o indivíduo. A instituição tem sim um papel importante e ainda tem um peso, mesmo com todos os ataques que sofre, sejam políticos ou ideológicos. Como destaca Jurandir Malerba, (2017) é preciso

construir uma cultura histórica para além dos muros da academia e que “cada vez mais pessoas interessadas em fazer sentido do passado voltam-se à história como espaço de experiência para guiar sua ação ou para utilizar esse conhecimento como arma política no presente” (MALERBA, 2017, p.146). Como enfrentar esses desafios enquanto professor de História? De que maneira podemos compreender a contribuição da História Pública na Rede enquanto prática democrática?

Tendo a concordar com Jurandir Malerba (2017) quando aponta sobre a relação dos historiadores e os seus públicos e que queremos falar para qualquer um “que queira saber sobre o passado e sua relação com o tempo presente” (p.146). Essa democratização da história deve ser o pilar no qual o professor deve se sustentar ao combater as distorções e falseamentos aos quais nossos alunos são expostos.

Entendo que a pluralização de narrativas deve ser incentivada, assim como, podemos mencionar o uso das ciências também em suas variações. Sustentar a História com a parceria de suas ciências auxiliares e abrir os horizontes para novos aliados e novas representações do passado. As múltiplas concepções de passados podem e devem ser pensadas em como são ligadas e/ou atravessadas pelo presente.

Ao escolhermos um pretérito, observou Hayden White (2014, p. 134), escolhemos um presente e usamos aquele para legitimar e dar inteligibilidade a esse. As consequências éticas e políticas destas opções não podem ser secundárias à atestação da veracidade de determinados eventos e processos; ambas precisam ser pensadas concomitantemente. (ÁVILA, 2021, p.165)

Em seu artigo, Arthur Ávila (2021) demonstra como Passado e Presente se relacionam, a partir da escolha de uma abordagem negacionistas do Brasil Paralelo para a escravidão, tirando dela sua historicização, a ação dos abolicionistas, em uma tentativa de reforçar um esvaziamento da desigualdade racial existente no país. É uma opção de se contemplar esse passado a partir do interesse e do significado que se quer se dar a ele no presente.

É preciso definir os termos de enfrentamento das ameaças à democracia que nossa sociedade vem passando. Diante deste quadro, precisamos pensar alternativas que nos ajudem a construir caminhos para a História e o Ensino de História se posicionar. Entendo que essa reflexão é complexa e não se esgotará neste trabalho. No entanto, cabe refletir e desenvolver em como o Ensino de História, a História Pública e Digital relacionam-se e quais são as oportunidades e opções que podem ser usadas no avanço de uma História engajada e crítica.

O primeiro aspecto é pensar tanto a História Pública quanto a História Digital para além da proposta da divulgação científica. Obviamente, esse horizonte não deve ser perdido,

no entanto, é possível enriquecer mais o diálogo com a sociedade: novas interações, novas audiências, novas vozes, novas escritas, trazendo para esse espaço um maior contato com as outras disciplinas.

Ávila (2021) propõe uma ferramenta de enfrentamento, a partir da perspectiva do pluralismo historiográfico, citando Hayden White, que nos daria caminhos para agir para diversificar as narrativas, diversificar os olhares para a realidade, contribuindo para a leitura crítica da mesma:

[...] o pluralismo historiográfico admite que existe “um número de relatos igualmente plausíveis sobre o passado ou um número de diferentes, mas igualmente significativas construções do passado” (WHITE, 2010, p. 226) que chamamos de “história”. Isto – e ressaltar a importância desse ponto –, não quer dizer que o “pretérito nunca tenha existido, que não possamos ter informações mais ou menos precisas sobre ele e que não possamos convertê-las em conhecimento” (WHITE, 1999, p. 2) com a aplicação dos vários métodos que pensamos ser adequados a esta tarefa, porque o podemos e o fazemos. Uma defesa do pluralismo historiográfico não é, de forma alguma, a ratificação da negação, da mentira, da falsidade ou, para usar o linguajar contemporâneo, de *fake news* diversas, como se fossem equivalentes ao labor historiográfico responsável. Logo, o pluralismo não leva à aceitação acrítica de qualquer interpretação ou à suspensão de julgamentos acerca da “responsabilidade perante as regras da evidência” ou a “consistência lógica” (White, 1994, p. 114) de uma representação [...] (ÁVILA, 2021, p.173-174)

Ao observarmos o momento antidemocrático em que estamos vivendo, onde as minorias são atacadas abertamente, desqualificadas, invisibilizadas e perseguidas, a partir de posicionamentos ambíguos e contraditórios do próprio Estado brasileiro e que, em última instância, visa a aniquilação da sua oposição. Diante do fato de que esse embate é constituído a partir da anulação da identidade – ou da existência – do outro, e que busca reforçar uma vivência anterior já padronizada, masculina e branca, é indispensável insistir em uma dinâmica de pluralismo historiográfico como forma de contrapor e, também, abrir o leque de novas narrativas, validando novas existências, outras vidas.

Façamos aqui uma ponte com o lugar da sala de aula como espaço onde memórias múltiplas ganham expressões e que se relacionam diretamente com as pressões de um mundo sustentado pela comunicação/informação oriundo das novas tecnologias e redes sociais. E como lidar com isso? Como, pensando como professor, dar consistência e suporte para que o estudante possa saber ler e criticar o jorro incessante de informações as quais são bombardeados a todo o momento? Como tratar as distorções e falseamentos que são usados para justificar projetos ideológicos antidemocráticos? Ficar apenas no aspecto da crítica histórico-factual não resolveria sem compreender os meandros que mobilizam as táticas e os afetos envolvidos de tais grupos que se alimentam do ódio nas redes sociais. É certo que

muitas vozes buscam ser ouvidas e o espaço virtual está aí para ser disputado. Entendo que uma reflexão importante nos traz Valdei Araújo (2017)

[...] O caminho para uma resposta eficaz estaria no equilíbrio entre as demandas disciplinares por consciência histórica e cognição e a demandas contemporâneas por presença e performance participativa. (ARAÚJO, 2017, p.199)

Seguir a proposta de desenvolver em conjunto com o aluno formas de aguçar sua sensibilidade histórica (ABREU e RANGEL, 2015), dando a ele o ferramental do pensar histórico, a realidade e ao outro. Neste sentido, não basta demonstrar a verdade histórica como proposta de solução a toda a sorte de pressões que a história-ciência e o seu ensino vem passando nos últimos anos. Não apenas pelos ataques negacionistas, distorções e falsificações, mas também como os atentados ao profissionalismo e autoridade dos professores/pesquisadores de Humanidades. É preciso, então, compreender os grupos, perfis e indivíduos, que promovem tais narrativas, contextos, o funcionamento das tramas das redes sociais, dos aplicativos, seus financiamentos, sua arquitetura, compartilhamento e fluxo de dados, assim como o comportamento do algoritmo que desenham os caminhos pelos quais as mensagens e informações, chegarão ou não até ao público alvo. Certamente os elementos políticos, econômicos e tecnológicos envolvidos devem ser observados com profundidade e de que forma isso vem afetando nossa relação com o conhecimento, ensino e aprendizagem.

Como mencionado ao introduzir este capítulo, o ensino de história ganhou a internet há alguns anos. O nível de aprofundamento e sofisticação nos levou a novos campos de pesquisa como a História Pública e a História Digital, que surgiram separadamente, contudo, vem tendo suas fronteiras cada vez mais borradas (NOIRET, 2015). Professores de História assumem papel de divulgadores científicos, assim como movimentos e grupos sociais que buscam dar visibilidade a determinados historiografias negligenciadas ou mesmo silenciadas.

Experimentamos neste início de século um momento de tensão entre as demandas sociais que desejam mais evidências para narrativas decoloniais, classe, gênero e raça; e, ao mesmo tempo, com a ascensão um ambiente da extrema direita que busca capitalizar a partir do confronto desses elementos, buscando ecoar no senso comum do cidadão que se sente mais “afetado” por tais narrativas. No entanto, de acordo com o Valdei Araújo (2017), esta disputa por fontes não é uma novidade, a partir da democratização da história:

Parece-me que a ênfase hoje dada no debate a uma explosão da demanda por história e de novas formas de representação tende a exagerar o seu aspecto recente, pois

desde o XIX, pelo menos, que a história disciplinar teve de disputar e conviver com inúmeras outras fontes de história. (ARAÚJO, 2017, p. 204)

O que nos remete a uma aproximação entre o espaço plural das redes sociais e a História Pública para combater um ambiente que vem se tornando cada vez mais tóxico, principalmente nas redes sociais. Onde encontramos diante de um quadro que tem por finalidade uma homogeneização de um molde comum de vida humana encontrando eco em uma sociedade que sente muita dificuldade em aceitar as transformações de certezas tidas como fixas. Pois essas tentativas de se afixar identidades a determinados modelos reforçam violências cotidianas, preconceitos e desigualdades. Como, então, podemos lidar com os sentidos forjados para esses tipos de arquétipos? Penso que a sala de aula e os recursos digitais podem ser explorados para pensar esses elementos em disputa, contudo com docentes e discentes se apropriando do conteúdo e produzindo de uma maneira a dar sentido as suas experiências e vivências. Os grupos sociais não podem ser visto como meros expectadores

O cenário atual se destaca não tanto pela centralidade da noção do público como audiência, mas pela reivindicação de uma cidadania que quer ser pensada como polo ativo na produção de uma historiografia socialmente distribuída, ou seja, da democratização das condições de escrita e apresentação de histórias, aqui entendida como intervenções sobre a historicidade que extrapolam os regimes discursivos estabelecidos ao longo do processo de modernização. Esse fenômeno não pode ser visto apenas como uma ameaça à historiografia profissional, mas como uma reação compensatória que não tem sido suficientemente respondida no interior do campo. (ARAÚJO, 2017, p. 206)

Ora, então, podemos refletir a Historiografia conjugada com a História Pública a partir da chave de um espaço colaborativo, em conexão com a noção do pluralismo historiográfico que fomentaria um ativismo por essa compreensão de uma ampliação da participação dos atores sociais envolvidos na (re)construção das narrativas. É fundamental alimentar essa concepção de que é preciso dar voz a(s) história(s), como prática democrática, dar o direito à existência a um cidadão e seus grupos por eles representados. Dar a oportunidade de escolha do passado em contextos em que se busca negar a grande maioria da população o mesmo. Podemos inclusive compreender como uma ferramenta e contraponto a prática negacionistas contemporânea (ÁVILA, 2021).

Incluimos aqui a possibilidade de ponderar sobre a figura do professor de história como um historiador público. É importante desconstruir a ideia, principalmente para os alunos, de que o estudo de História se resume única e exclusivamente ao passado. Uma vez que já percebemos avanços nos anos 90, a partir dos PCNs sobre a prática do ensino de história direcionada para a formação de um indivíduo cidadão, capaz de se reconhecer e

construir sua identidade em diversos âmbitos de pertencimento (MAGALHÃES, 2003), atualmente esses elementos não se restringem mais às salas de aula. Canais de *YouTube*, perfis de *Instagram*, de *Twitter*, as redes sociais como um todo se transformaram em um espaço onde presente é consumido e disputado com o passado para legitimar seu argumento e ponto de vista. Isto, por si só, já representa um grande desafio para os historiadores profissionais e professores, principalmente pelo fato de haver se formado um mercado de uma história para consumo modista (OLIVEIRA, 2020).

Então não basta refletir sobre a sala de aula, o papel do professor e a relação com alunos e redes sociais, sem ao menos buscar entender seu funcionamento e como é possível construir o conhecimento a partir de todas essas variáveis. Sendo assim, é necessário trazer essa pluralidade de narrativas como democratização na prática, contendo nesse elemento, o reconhecer da voz do outro, a alteridade como componente basilar da cidadania e do papel ativo do homem na História. A produção escolar pode e deve ser conjugada com as produções e epistemologias locais, de modo a se expandir para a comunidade escolar como um todo. Neste sentido, dar voz ao estudante e estimular ele a expor o seu olhar sobre a história, sobre o mundo e o tempo é importante.

Acredito que existe aqui toda uma perspectiva que nos dá a orientação de se buscar e lutar por um direito à história (ARAÚJO, 2017), como plena condição de produção desta experiência de nossa condição humana. Isto é, como àquela disciplina que dá a condição e o instrumento do pensar historicamente para que o indivíduo se encontre e se reconheça no mundo, a partir de si, do outro, das suas relações e como ele se insere nessa realidade. E ainda que, com a reforma do Ensino Médio, a disciplina de História tenha perdido espaço e tempo de aula, caberá aos professores utilizar a seu favor as brechas necessárias para radicalizar sua interação com o aluno e a construção desse conteúdo a partir de uma interação e uma atuação maior desses atores frente ao conhecimento, uma vez que a própria BNCC traz a afirmativa de que o passado é uma produção do presente elaborada por vozes diferentes.

Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambos expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico. (BRASIL, 2017, p. 395)

A partir daqui quero retomar Valdeci Araújo (2017) em sua análise sobre o papel do historiador como curador e tendo em vista o contexto das novas tecnologias digitais. Esse

trabalho pode ser um incentivo para professores e alunos desenvolverem projetos de curadorias pessoais, de modo a divulgar e ampliar as experiências vividas. Histórias de pessoas próximas à comunidade escolar, criando uma rede de contatos, trazendo novos relatos de indivíduos que constroem suas narrativas e que, junto ao professor/pesquisador/curador, vão pensar juntos.

Um exemplo possível seria, diante do contexto da pandemia, um projeto que pudesse ser desenvolvido com os alunos a partir de suas memórias construídas durante o seu isolamento: suas vivências, sentimentos e olhares, cabendo um trabalho em conjunto de alunos e professores dar sentido, estabelecer escalas locais, nacionais e mundiais, assim como as temporalidades e as fontes utilizadas. Ser curador na acepção de, através de uma cultura colaborativa, das novas tecnologias digitais, ampliar as oportunidades e a capacidade de produção e divulgação dessas vozes plurais. O trabalho do historiador como curador requer a aproximação e a criação de outros instrumentos/ferramentas, laboratórios – que pode ser a própria sala de aula ou a própria escola, dialogando com outras disciplinas – para se ampliar os produtos com os quais vamos nos comunicar com novas epistemologias e conhecimentos. É como Valdeci Araújo (2017) nos ajuda a refletir, pois:

[...] Trata-se, na verdade, de compreender os regimes de autonomia que organizam a circulação dos discursos em nosso mundo e atuar em todas as suas dimensões. Ao lado do historiador-pesquisador e do historiador-docente estamos vendo emergir o historiador-curador, para isso precisamos reestruturar nossos cursos, em particular nossos bacharelados, hoje limitados pela tarefa de reproduzir quadros para a universidade e a pesquisa. Precisamos transformar nossas graduações, criar instrumentos institucionais como laboratórios de audiovisual, ampliar os produtos nos quais se espera que um historiador possa se comunicar, redefinir os currículos de modo que possam atingir um novo universo de competências, aproximar o campo de áreas como a comunicação, a antropologia e as ciências da informação (ARAÚJO, 2017, p. 212).

Esta aproximação sugerida a outras áreas não é novidade no Ensino Básico. Desde os PCNs, nos anos 90, temos essa abordagem destacada para que a História escolar busque dialogar com outras Ciências Humanas. Algo que já é natural, de acordo com esse contato, uma vez que nos auxilia em:

[...] estudos de diferentes problemáticas contemporâneas em suas dimensões temporais. Por meio de trabalhos interdisciplinares, novos conteúdos podem ser considerados em perspectiva histórica, como no caso da apropriação, atuação, transformação e representação da natureza pelas culturas, da relação entre trabalho e tecnologia e das políticas públicas de saúde com as práticas sociais, além da especificidade cultural de povos e das interrelações, diversidade e pluralidade de valores, práticas sociais, memórias e histórias de grupos étnicos, de sexo e de idade. (BRASIL, 1998, p.33)

Diante disto, é importante destacar que o professor-curador, vai ser mais ainda historiador-público. Contudo seu trabalho não será individual, e sim, com participação da comunidade escolar que está envolvida na reconstrução desse seu passado. Todo o processo de curadoria, seleção e preparação feita tendo como norte tais elementos da prática formadora cidadã, nos encaminha a uma postura de uso da História como abertura para uma prática democrática. Isto nos permite estabelecer nossa âncora existencial sobre quem somos nós, de onde viemos e para onde queremos ir.

Penso no quanto as pautas de gênero, classe e raça gritam nas escolas das periferias e o quanto é necessário criar as condições para que, junto à sua comunidade escolar, eles possam construir suas narrativas, com acompanhamento do professor, estimulando sua reflexão, aprofundando o desenvolvimento de uma cultura histórica. Em tempos de Escola sem Partido, Brasil Paralelo e *youtubers* negacionistas e reacionários¹², criar uma alternativa ao modelo de fechamento proposto por ultraliberais e extrema direita se faz mais do que necessário. Enfrentar tais modelos que são amplamente patrocinados é tarefa inglória, verdade. Contudo direcionar essa tarefa direcionada aos alunos e no que ele pode desenvolver de forma crítica com isso. E neste aspecto, o foco mais importante no aspecto democrático que desejamos sublinhar aqui é a natureza do humano: nossas diferenças, nossas histórias, com empatia e cultura do ser.

¹² Caso do Youtuber e Podcaster, Bruno Aiub, conhecido como Monark envolvido em polêmica no final do mês de Outubro ao declarar sobre liberdade de expressão em relação ao Racismo. Cf. LIMA, Kaique. IFood rompe patrocínio com Flow Podcast após tuítes de Monark. **Olhar Digital**. 29 de out de 2021. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2021/10/29/internet-e-redes-sociais/ifood-rompe-patrocínio-com-o-flow-podcast-apos-tuítes-de-monark/>> Acesso em: 4/11/2021

2 SEMEANDO MENTIRAS NAS REDES

Como foi enfatizada no capítulo anterior, a mentira como estratégia política não é uma novidade na História (PINSKY, 2021), contudo, o ambiente criado para a pós-verdade no século XXI vem na esteira do desenvolvimento do intrincado debate revisionismo/negacionismo.¹³ Importante destacar que essa confusão em relação aos termos não se restringiu apenas ao debate historiográfico e ao mundo acadêmico, uma vez que as próprias sociedades podem criar outras leituras de si mesmas e de seus passados. (VALIM, AVELAR & BEVERNAGE, 2021). Portanto, esse aspecto da falsificação da história deve ser entendido como uma estratégia política que se estrutura para além da discussão centrada na questão do Holocausto judeu. Assim como deve ser uma preocupação para os professores de história em todos os segmentos de ensino.

Globalmente testemunhamos diante do que foi o processo eleitoral nos EUA e o plebiscito sobre o Brexit, ambos em 2016, a ponto de transformarem a expressão pós-verdade (*post-truth*, em inglês) em “palavra do ano”, e que foi definida como um adjetivo em que os fatos possuem menos importância do que as crenças pessoais do indivíduo¹⁴. Internamente, acompanhamos um processo que ganha força com o Golpe que derruba Dilma Roussef e que culmina com as eleições de 2018, onde o grande palco deste espetáculo de mentiras foram as Redes Sociais e os aplicativos de mensagem.

Neste sentido, é preciso contextualizar alguns elementos e refletirmos sobre como o negacionismo, as *fake news*, as novas tecnologias de informação e o espaço público se relacionam. Observa-se, neste jogo de forças, que o espaço para o debate comunitário de maneira democrática vem sendo minado a partir do uso de estratégias de distorções de fatos, padronizações de informações, o que nos leva a redução do espaço plural para a argumentação e o contraditório trazendo a impressão de que há um consenso natural da opinião pública disfarçada dentro dos meios de comunicação tradicionais. Isto porque, as empresas de mídia, comunicação e propaganda tem acesso aos nossos dados, nossos movimentos no cotidiano da cidade, os espaços virtuais e reais que frequentamos, de forma a distinguir exatamente ao que consumimos, quais são nossas preferências políticas e ideológicas, o que e o quanto lemos; o

¹³ VALIM, Patricia e AVELAR, Alexandre de Sá. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult**. 3 de set 2020. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>> Acesso em: 8 de set 2021.

¹⁴ Como Trump e o Brexit ajudaram a cunhar a “palavra do ano” escolhida pelo dicionário Oxford. **BBC**. 16 nov 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165>> Acessado em: 25 de outubro de 2021.

que acessamos, de maneira a moldar e direcionar como as notícias e as informações chegam à audiência. Incluindo a forma como nos sentimos, agimos e reagimos ao que nos conectamos, em sentido literal ou emocional, nas redes sociais. Cada um desses detalhes pesa no momento da construção do programa, da narrativa, do *link*, do *meme*, o qual se pretende passar a mensagem e como ele vai chegar até o indivíduo a partir dos rastros de dados que deixamos online, assim como quem está mais ou menos apto a absorver determinada informação. (Cf. MOROZOV, 2018; HAN, 2018; PEREIRA, 2019).

Com toda a sorte de variáveis disponíveis sobre o público consumidor empresas podem direcionar melhor o seu conteúdo, material de divulgação, propaganda de maneira quase individualizada. Olhando para o ponto de vista de empresas que lidam com a informação e conhecimento e como isso afeta o debate público no século XXI diante de uma nova compreensão sobre o público, o debate contido no espaço público, um aspecto muito caro ao ambiente neoliberal.

[...] o incremento do individualismo e seus mecanismos de hegemonia produzem um tipo de relação social e de interação entre capital, sociedade e indivíduo em que se estabelece um curto circuito do primeiro com o último, uma identidade de valores e de procedimentos que isola a sociedade como personagem e eleva, virtualmente, a liberdade individual ao maior valor [...] (PEREIRA, 2019, p.257).

Como bem vimos a sentir diante de todo o processo das relações políticas da última década, esse “curto circuito” também se alonga para aquilo que seria a busca por soluções democráticas. Essa lógica enfraquece a crença de que o debate público, a esfera pública – seja ela real ou do ciberespaço – como um local onde a diferença é algo natural e que isso não impediria a concessão e conciliação, como aspectos políticos de uma sociedade. Para isso, existe um esvaziamento desse sentido da sociedade e do espaço público, assim como a capacidade reflexiva do indivíduo se torna extremamente prejudicada por elementos que vem a constituir esta nossa “era digital” que, segundo a lógica neoliberal, são dentre eles: o excesso de informação, estímulos e impulsos para preencher um vazio de sentido desse espaço público; o excesso de cansaço causado pela exigência performática da possibilidade de estar sempre pronto e apto para produzir, consumir e dar um sentido positivo para tudo que a sociedade de consumo nos oferece; o que causa uma sobrecarga em nosso sistema de concentração e atenção. (Cf. HAN, 2017; 2018).

No limite, todo nosso sistema cognitivo é prejudicado diretamente ao criar uma ideia de que estamos em um e em todos os lugares ao mesmo tempo, e absorvemos as informações de maneira acrítica, moldadas, preparadas, como se não fosse plausível a possibilidade da

noção de contraponto em uma sociedade também formada por individualidades. Ademais, o modo como a informação, a notícia, a comunicação circula progressivamente a partir do uso das novas tecnologias, contudo, sem que os indivíduos envolvidos no processo estabeleçam contato de si com o mundo, o que impediria ou criaria uma maior barreira para a consideração da alteridade e da diferença como parte natural de ser humano. (Cf. HAN, 2017; PEREIRA, 2019).

Neste sentido controlar a informação para moldar o pensamento e uniformizá-lo de maneira a não permitir a possibilidade para àquilo que é considerado distinto, diverso, possa se destacar.

[...] Ironicamente, trata-se de um narcisismo coletivo, dada a equalização e achatamento das experiências, uma vez que a utopia atual das manifestações do individualismo é ser o mais igual possível ao que se espera. O repúdio à diferença converge para uma utopia de um perfeito controle do mundo e de suas variações. A medição, a régua e o controle servem melhor ao livre fluxo do capital que o excêntrico, o arredo, a idiossincrasia. (PEREIRA, 2019, p.258).

Ao mesmo tempo, uma sociedade inundada com informação e hipercomunicação, torna-se refém de si mesma na sociedade da transparência. Uma vez que na visão de Byung-Chu Han (2017), este excesso traz o espaço despolitizado, desconectado de qualquer aspecto que se questione o sistema político-econômico. O que gera uma perda do senso crítico, produção de sentido, apenas consumindo informações, imagens, textos, vídeos e sons, a partir do deslizar dos dedos nas telas.

Em tal ambiente social é fértil para as táticas negacionistas e de pós-verdade – das mais simplórias às mais sofisticadas – devido à possibilidade que as tecnologias permitem desenvolver e espalhar tais mentiras são quase infinitas. As redes sociais se tornaram um espaço para um tipo de negação que, Patrícia Valim e Arthur Avelar, chamaram de “negação inocente”, que se baseia a partir de suas experiências individuais como se fossem atestados de verdade. O que nos trouxeram novos elementos de preocupação de um negacionismo que se rearranjou para esse novo século.

[...] O negacionismo, neste início de novo milênio, tornou-se mais multifacetado, definindo-se não mais apenas em função dos conhecidos negadores do Holocausto, mas também a partir de uma miríade de formas de negação de outros genocídios e também de reconstruções revisionistas de passados mais ou menos sensíveis em diversos países. [...] (VALIM, AVELAR & BEVERNAGE, 2021, p.17).

Tendo em vista as influências da globalização, dos movimentos migratórios e das diásporas, que acabam por envolver a construção de sentidos coletivos e de politização das

comunidades e, conseqüentemente, aumentando as tensões entre os grupos envolvidos no processo. Esta característica do negacionismo hoje não deve ser deixada de lado, tanto pela autoria coletiva quanto pela atuação de seus líderes individuais.

Os autores não ignoram o papel das novas tecnologias de mídia na difusão do negacionismo e no efeito da “indiferença da verdade”, onde

[...] está claro que essas novas tecnologias afetaram a maneira como muitas pessoas avaliam a autenticidade das afirmações e como criticam ou reivindicam a autoridade epistêmica. Essas mudanças criaram novas possibilidades para o florescimento do negacionismo histórico e do revisionismo ideológico, e o estudo das suas manifestações atuais deve prestar a devida atenção a este contexto mais amplo de um cenário de mídia em constante mudança. (VALIM, AVELAR & BEVERNAGE, p. 18).

Mais do que nunca, não basta apenas, ensinarmos a selecionar a informação. Como professores, urge que possamos estimular o pensamento crítico de outras formas, com interações para além do digital. É neste quadro de excesso de informação, questionamento da autoridade do especialista, possibilidades de difusão rápida da mensagem e acesso aos dados dos usuários que se desenvolve o projeto de história, no mínimo, superficial e antidemocrática da empresa Brasil Paralelo. Pois o negacionismo não se trata apenas de criar mentiras, mas de manipular a verdade ou doses dela.

O desenvolvimento de um perfil ou canal no meio virtual atualmente não é tão simples e depende de uma série de fatores. Estes fatores passam muito mais pela forma de se apresentar, se comunicar, do que pelo conteúdo que é veiculado. Além disso, é importante ter em traçar estratégias que envolvem profundamente o funcionamento da relação Capital-Algoritmos-Applicativos-Empresas (MOROZOV, 2018).

Uma questão que não pode ser deixada de lado e excluída é o contexto político de ascensão da extrema-direita, que já vinha se expandindo nas últimas décadas. A eleição de Trump, nos EUA, saltou aos olhos esse problema, no entanto, já era possível detectar que havia um movimento de corrosão da razão, apelando-se para a emoção e buscando em algo externo o “inimigo” a ser vencido pelos problemas econômicos e sociais gerados pelo Capitalismo. Em outro nível, o indivíduo comum e que sempre se sentiu ressentido nessa crise, principalmente, pós-2008 foi o grande para-raios desse discurso. E o que antes ficava restrito a pequenos grupos, que poderiam ser considerados excêntricos e deslocados por suas teorias conspiratórias passam, a partir das novas tecnologias, a serem ouvidos. A atingir e criar assimilação a maiores grupos, uma vez que existe uma metodologia para essa ciência

falsa, além da geração de *likes* e compartilhamentos falsos – gerados por *bots*¹⁵ – como forma de impulsionar a postagem negacionista. (KAKUTANI, 2018).

Um dos canais que vem crescendo e se aproveitando desse ambiente de polarização no país chama-se Brasil Paralelo. O canal foi criado em 2016 com a produção de vídeos voltada para mesas debatedoras, documentários, entrevistas e cursos de formação de conteúdo “histórico”. Chama atenção definição na seção *about* do canal do *YouTube* “A Brasil Paralelo acredita que o Brasil vai dar certo. E por meio de nossas produções trabalhamos para fortalecer em nossa cultura os valores e tradições que, notoriamente, ao longo da história conduziram a humanidade à paz e prosperidade”¹⁶. A chamada aos valores tradicionais corrobora uma intenção de mobilizar os afetos envolvidos da audiência e se relaciona profundamente com o desejo da mesma. A idealização de um Brasil já começa pela própria crença de que é um anseio do senso comum de que todo o cidadão aspira pelo sucesso do país. Sem definir, obviamente, o que seria esse “sucesso”.

O nome da produtora teria sido inspirado no filme *Insterstellar*, de Christopher Nolan, de 2014. Na película em um futuro hipotético apocalíptico, os protagonistas viajam pelo espaço em busca de um planeta com as mesmas condições da Terra, quando atravessam um buraco de minhoca e chegam a um *universo paralelo* que seria a solução para a extinção da humanidade. É possível entender como os produtores enxergam a si mesmos e o seu trabalho.

[...] A ideia é de que a cultura brasileira estaria em deterioração, e, teria criado todo o estado de mal-estar e desorientação. A produtora se propõe a indicar o caminho, conduzir à “salvação”, que não está no “Brasil oficial”, hegemonizado pelas esquerdas, e, portanto, falso e decadente. (FIRMINO, 2020, p. 173-174).

Também é interessante notar a escolha do termo “Paralelo” como forma de intitular-se, de maneira a cultivar essa característica com o discurso de que são *outsiders* – no sentido de rejeitados, reforçando o ressentimento de uma classe que não se sente mais na centralidade das ações, atenções e contribuição para o desenvolvimento da sociedade brasileira – em relação à História acadêmica e escolar. Caberia a empresa o objetivo de desvelar este controle

¹⁵ *Bots* são robôs em forma de aplicativos automáticos que buscam agir como um perfil humano em uma rede. Eles surgem a partir dos primeiros testes de IA no uso das corporações para fiscalizar trabalho, fazer atendimentos simples e sistematizados junto ao público, dentre outras funções. Com o avanço do papel das redes sociais na política, os robôs passam a ter um papel importante em movimentar e impulsionar a mensagem de determinado candidato, onde os mesmos usam de sua capacidade de replicar para forçar o algoritmo a entender que existe engajamento para aquela mensagem, tornando ela viral. Há uma relação direta entre os *bots* e o armazenamento de dados, uma vez que os algoritmos automatizam a gestão de operações ligadas ao nosso convívio social. Cf. (KAKUTANI, 2008; SILVEIRA, 2019)

¹⁶ Brasil Paralelo <<https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw/about>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2021.

das ideias, das mentes, a partir das universidades e escolas “aparelhadas”, tendo o professor como àquele que esconde a verdadeira história. E que, por conta disso, deve ser combatido. Trata-se de uma estratégia que mobiliza os afetos daqueles que, de alguma forma ou de outra, sentem-se “injustiçados”, abandonados e esquecidos. Esta audiência, então, constitui-se por pessoas com alto grau de identificação e apego a teoria da conspiração e complôs.

No site principal, há um esforço maior ainda em estabelecer um perfil da empresa como “privada e 100% independente”, desvinculada de qualquer tipo de relação com dinheiro público. É uma empresa que não deseja estar ligada a qualquer definição partidária ou organização política. O discurso tem a intenção de reforçar a ideia de “isenção ideológica” que está presente em modelos de “grupos educacionais” como Escola sem Partido. E busca ser associada a uma noção de pureza e superioridade moral, por essa suposta neutralidade discursiva. O objetivo é claramente alavancar os sentimentos da audiência em relação a identidade nacional, como a própria empresa define em seu site principal:

“A missão da Brasil Paralelo é resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros, e o entretenimento é uma das principais ferramentas para esse resgate. Nossa orientação é sempre a verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos e somos contrários à ideologização em produção de conteúdo.”¹⁷ (Grifo deles).

O apelo ao emocional do público alvo, campanha de marketing digital agressiva e a adesão de um formato específico de linguagem e estilo de comunicação tem sido uma característica extremamente funcional da empresa. Tal tática se evidencia no caráter em que, ao mesmo tempo, convoca a audiência para a “missão” de participar do financiamento do canal, reforçando a ideia de desvinculação com o “dinheiro público” – tratado aqui em tom condescendente quase como sinônimo de corrupção. Fica demarcado que ser membro do clube de doadores é ser parte de algo “especial”, de destaque, onde o indivíduo passa a fazer parte de um plano maior que luta pelo “resgate” intelectual do Brasil. (FIRMINO, 2020).

Para a empresa, conhecimento e entretenimento estão na mesma chave do processo de aprendizagem. O “resgate” proposto passa por uma noção de “serviço” atrelada ao projeto “político” da plataforma. Rodrigo Turin (2020) percebeu isso:

Um fator fundamental, que é necessário destacar desde já, é essa imbricação entre as dimensões do “serviço” e da “política”, assim como do “serviço” e da “história”. Não é possível separar essas instâncias. Na medida em que a empresa se insere no setor de serviços (ela não é e não quer ser uma organização civil ou um partido político), ela tem como filão de investimento mercadológico a história política.

¹⁷ Brasil Paralelo <<https://conteudo.brasilparalelo.com.br/quem-somos/>> acessado em: 2 de março de 2021.

Pode-se identificar, aqui, uma nova experiência na qual a lógica de mercado e a ação política se sintetizam enquanto forma e conteúdo. (TURIN, 2020, p. 21)

É nesse contexto do mundo neoliberal que se encaixa o perfil do Brasil Paralelo como um projeto que Turin denomina de “história como serviço”:

[...] Ela emerge do imenso crescimento do setor de serviços na economia neoliberal, como também sinaliza a fragmentação da esfera pública, possibilitada pelo modo de funcionamento das novas empresas de tecnologia. A privatização da representação histórica é a grande característica dessa nova modalidade, alterando profundamente os usos e os sentidos sociais da história. (TURIN, 2020, p.22)

É a partir desse ponto de vista que a Brasil Paralelo oferece a possibilidade de ser “membro apoiador” – uma lógica muito comum no *YouTube* para gerar conteúdos pagos para uma audiência específico de clube – onde esse membro teria acesso a cursos de formação, material extra, complementares aos vídeos produzidos e que são incentivados a serem compartilhados, divulgados e exibidos em todos outros tipos de reuniões de “cidadãos comuns preocupados com o Brasil”.

O aspecto patriótico é incorporado sempre que possível na fala de marketing de vendas do material do canal. Onde o “investimento” é referendado como um auxílio a melhorar a cultura brasileira.¹⁸ Ou seja, a empresa não tem nenhum constrangimento em vender seu produto que fomenta um pensamento como um – *think tank* – contudo, alardeando que não produz conteúdo “ideológico”. Ao mesmo tempo em que se atesta que a educação foi transformada pelas novas tecnologias, se reforça a ideia de que ela está à venda com diversos banners, avisos e chamadas para ação de “compre agora”. (TURIN, 2020)

O que se percebe é o uso público da história e do passado de acordo com interesses específicos, para variados públicos de forma a aumentar a possibilidades de investimentos possíveis, tanto no sentido do financiamento coletivo quanto do tradicional. Sendo essa uma característica mercadológica e de serviço amplamente destacada, cabe aqui o aprofundamento da procedência e do tipo de produto que é oferecido. Pois está claro que, por mais que reivindique uma neutralidade discursiva em suas atividades, a empresa apresenta em suas produções todo um recorte de um projeto que não se limita a ser apenas educacional, como também pode ser entendido de caráter ideológico e político (NICOLAZZI, 2019). Nas próximas linhas tentaremos estabelecer algumas análises sobre diferentes produtos, que

¹⁸ Brasil Paralelo <<https://conteudo.brasilparalelo.com.br/quem-somos/>>

demonstram a diversidade de estratégias na construção de sentidos próprios e caros a sua audiência específica¹⁹.

Um sentimento muito caro que sempre vem a ser destacado nas apresentações de diversos vídeos é o contraponto com a política pública – sendo sempre associada à corrupção – e que, a Brasil Paralelo, sendo uma empresa, seria superior a esse sentimento mesquinho. Há uma tentativa de personalizar a empresa de modo a se conectar com a audiência através de um discurso anti-estatista e liberalista, demonizando a escola e o financiamento público e seus servidores. Propõe-se isto de uma forma a fazer o seu interlocutor se identificar como uma confraria de escolhidos, com a finalidade de salvar o país, uma vez que o Brasil estaria se degenerando devido à perda dos valores tradicionais. O resgate de tais valores é imperativo no trabalho da empresa e os temas mais caros na programação do canal são educação e a família.

A postura da empresa remete a visão neoliberal que vem tomando conta da educação no Brasil nos últimos anos. Um novo jargão econômico aparece com força nos estudos e análises sobre a educação no Brasil, onde a perspectiva negativa sempre se destaca como um fracasso, ou “gerações perdidas”,²⁰ sem levar em consideração a adequação de projetos educacionais de forma padronizada em um país de proporções continentais é uma tarefa colossal. O canal busca uma conexão com seu público de forma a transformar ele em parte produtor parte consumidor daquilo que veicula. Reiterando a força da tradição da “alta” cultura como forma de legitimar aquele espaço para indivíduos especiais, selecionados, preocupados com o futuro do Brasil. Assim a audiência é convidada a fazer parte do Clube de Membros por um valor mensal²¹.

Neste sentido, o sistema de ensino público é alvo de críticas sempre associado a algo ultrapassado, doutrinador, manipulador e destruidor do futuro do jovem brasileiro. Existe aqui uma aproximação da proposta do projeto Escola sem Partido no qual o sentido de que a escola

¹⁹ Entre maio de 2020 e março de 2021, primeiro período de visitação para análise dos vídeos sobre Paulo Freire até agosto e setembro de 2021 para um retorno, houve uma mudança na estrutura do canal. Para além da produção de documentários longos, passa a ter programas semanais no formato talk show, com uma estética e estrutura que remonta a do canal Flow Podcast. Cf. <<https://www.youtube.com/c/FlowPodcast/featured>>. Com mais de 3 milhões de inscritos é um canal que se notabiliza pela ideia de “ouvir os dois lados”, mesmo que toda a orientação seja de própria de uma ideologia clara reforçadas pelos seus apresentadores na condução de suas entrevistas. Algo que fica mais claro ainda no canal irmão, Cortes do Flow, que possui mais de 2 milhões de inscritos. Cf. <<https://www.youtube.com/cortesdoflow>>.

²⁰ É importante notar que o discurso que norteia o argumento o senso comum passa bastante por essa ideia de uma “terra arrasada” da educação brasileira o que favorece soluções como uma reforma do ensino onde “meritocracia e empreendedorismo” tornaram-se palavras mágicas. Cf. BORGES, Helena. Conheça os bilionários convidados para “reformatar” a educação brasileira de acordo com a sua ideologia. The Intercept Brasil, [s. l.], 4 nov. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2CdnGOh>> Acesso em: 8 abr. 2020.

²¹ Clube de Membros é um recurso disponível pela plataforma onde o produtor de conteúdo ou canal cria um vínculo com sua audiência através de pagamento mensal dos seus membros. Cada canal então cria sua forma de engajamento através de prêmios, ofertas exclusivas, sorteios, entre outras estratégias de marketing.

deve ofertar de acordo com os valores a família demandou em seu contrato. Mais uma vez, fica claro que o objetivo aqui é destacar que os interesses particulares são as prioridades.

[...] O ataque e o esvaziamento da dimensão republicana da escola, com seus princípios de igualdade e de isonomia, se alimentam da necessidade de fortalecer a educação como um serviço privado como também servem de marketing para atrair seus clientes, diferenciando-os da massa. (TURIN, 2020, p. 23)

Devido a essa abordagem pela qual o canal optou – de que o sistema escolar brasileiro é manipulador e capturado por ideologias políticas de esquerda – escolhemos trabalhar com o vídeo-documentário *Pátria Educadora*. Um produto que foi dividido em três capítulos²², onde cada um desses filmes comporta aquilo que, na percepção da empresa, é preciso para compreender o “fracasso da Educação Brasileira”²³.

O canal constrói uma série de pequenas chamadas feitas ao longo do final do segundo semestre de 2019 e início do primeiro trimestre de 2020 de divulgação da produção. O primeiro vídeo estreia em maio de 2020. É preciso destacar um elemento que salta aos olhos inicialmente: a escolha do nome do documentário: “Pátria Educadora” – lema do governo Dilma, onde a presidenta tinha por objetivo aumentar os investimentos em educação, o que sabemos, hoje, não foi possível, devido a uma série de fatores políticos que não cabem neste trabalho. No entanto, em todos os vídeos de divulgação do produto, o canal reitera sempre que não tem apoio financeiro e que não tem nenhum caráter ideológico o seu trabalho. Ora, desde a própria escolha do título do documentário e seus capítulos, aliada as chamadas de divulgação e o conteúdo discursivo voltado para ideia do Estado como controlador das liberdades individuais, já evidenciam o posicionamento ideológico da empresa que busca demonstrar o “fracasso da educação brasileira e do método Paulo Freire”.

Há um esforço de que os fatos e imagens escolhidos para serem apresentados nos vídeos se adequem a narrativa daquilo que se pretende contar. Todo o cenário é montado para estabelecer que a produção está a cumprir aquilo que promete – desmascarar o plano de “hegemonia cultural da esquerda”. É possível dizer que existe um modo negacionista de conduzir esse processo, uma vez que para o canal, as fontes são distorcidas ou simplesmente não citadas ou analisadas de maneira a caber no interesse raciocínio que a empresa que induzir aos seus “membros-apoiadores”. Neste sentido, existe todo um conjunto de material,

²² Os três capítulos se encontram no link:

Brasil Paralelo. <https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyT5hrAH4kMyT40RECjOtyN_>
Acessado em: 10 de janeiro de 2021.

²³ Chama atenção o fato do título de cada capítulo estar em inglês: *The End Of History; For The Beards Of The Prophet e War Against Intelligence*, respectivamente.

que formam um léxico e interligam as produções da Brasil Paralelo, o que vem a estabelecer todo um ecossistema de análise conjuntural própria e específica do país na visão deles. (FIRMINO, 2020).

Toda hierarquia e desencadeamento das narrativas apontam para propostas que se contrapõe ao sistema político atual, assim como à mídia tradicional, e às universidades. Todo o presente se mostra corrompido, longe de um caminho de virtudes, estabilidade e paz, garantidos pela tradição. (FIRMINO, 2020, p. 185)

De maneira geral, o canal segue uma majoritária narrativa de desqualificar o trabalho do professor, do historiador e da ciência. Ao mesmo tempo, que busca reivindicar para si o status de porta-voz de revelador de uma verdade que estava coberta por uma maquinação das universidades e das escolas. A grande maioria dos vídeos tem chamadas provocantes, que incitam a audiência diante de possíveis revelações que o Brasil Paralelo pode trazer. O canal comercializa uma imagem de que sua missão é “denunciar” uma “História oculta do Brasil”, “uma História que o seu professor de História não quer que você saiba”. Essa proposta já demonstra que existe uma intenção de que eles possuem uma História própria e pronta. E que o papel do professor e da educação nacional deve ser e será sempre questionado. E não apenas de questionar, contudo, a partir da falácia da neutralidade discursiva, o que se propõe é objetivamente legitimar o seu espaço e, assim, suas pautas antiprogressistas e anti-intelectual. Todo o ecossistema do site, do canal do *Youtube* às produções e forma de se comunicar com seu público é revestido de uma intenção de usar a própria ciência para deslegitimar e colocar em xeque outros os estudos científicos da historiografia clássica. Daí a necessidade de se reiterar os ataques constantes a Universidade pública, aos servidores, aos professores e pesquisadores, sempre provocando e semeando a dúvida, questionando as pesquisas e o conhecimento científico.

Este *modus operandi* de se fazer aparentar para sua audiência como antissistêmico age como catalisador que, ao mesmo tempo, alimenta e alastra o sentimento de identificação e laço com a audiência, assim como nutre o negacionismo. Tal abordagem trazida pela Brasil Paralelo se pauta por uma história monocromática, tradicional, herdeira de uma historiografia dos oitocentos, que tende a ignorar e invisibilizar outras vozes que compõe nosso passado. Não existem outras epistemologias possíveis sob o olhar desta produtora. Permanece aqui toda uma mobilização que objetiva reforçar os sentimentos e idealização de determinada cultura histórica²⁴ de como uma sociedade se enxerga e que o Brasil Paralelo se utiliza para

²⁴ Aqui remetemos ao conceito de cultura histórica mobilizado por Caroline Bauer e Fernando Nicolazzi (2020)

distorcer as formas de elaborar o passado, o presente e o futuro. Para assim, encaixá-lo em um molde estabelecido no qual uma relação de seu produto para com aqueles que alimentam ressentimento pela perda de seus espaços sociais a partir das políticas afirmativas envolvendo gênero e raça. Nesta acepção, não basta apenas uma negação em si, é preciso trabalhar esse arcabouço, esse ecossistema que se usa das redes sociais para criar o sentimento de pertencimento do indivíduo que assiste o canal à já mencionada “negação simples”. É um recurso muito utilizado no sentido de distorcer fatos a partir da justificativa de trazer outra versão dele, “saber todos os lados” da questão (VALIM & AVELAR, 2020). Sem contextualizações adequadas e honestas, o que temos são falsas equivalências onde toda a discussão gira em torno da orientação que precisa ser dada a quem assiste.

Percebe-se que a produtora se beneficia de um ambiente que foi estruturado em conjunto com a ascensão de um modelo do nosso Estado de uma “governamentabilidade negacionista”. De acordo com Valim & Avelar (2020), é toda uma “máquina de guerra” sistemática para sustentar um governo que precisa destruir o outro, aquele que é indesejável, uma vez que ainda é preciso retirar os direitos sociais, políticos e econômicos conquistados por estes ao longo da construção da sociedade contemporânea. O que é importante notar também que essa equação que envolve as novas tecnologias e questionamento da autoridade epistêmica parecem se ajustar a uma característica do negacionismo lembrado pelos referidos autores, o qual é uma reação contrária às perspectivas de enfrentamento dos traumas do passado. Em uma sociedade tão desigual quanto a nossa, se abster desse enfrentamento é reforçar um discurso antidemocrático.

Existe a construção de um sentido de verdade que busca ser cumpridor de determinadas expectativas. Neste jogo, a utilização de verdades factuais é a base na qual sustentam as mentiras e serve para criar no outro uma ilusão, a partir da manipulação de dados, imagens, testemunhos e fontes para que se produza um efeito que oculte a realidade. (DUNKER, 2020). É importante compreender a discussão que produz a concepção do sentido de verdade, na medida em que, apelam-se à falta de exercício crítico, aos problemas de interpretação de texto e contexto de seus receptores, travam-se debates que poderiam e deveriam ser agregadores em um processo de educação política, mas reforçam a ignorância. Uma vez que a disputa pelo estatuto da verdade de algum fato a ser debatido fica em pauta por detalhes que se esvaziam, contornando o sentido principal e concreto em seu sentido político. É um trabalho que pode ser lido na chave estruturada de polarizações: Bem x Mal, Moral x Imoral, Esquerda x Direita, Verdades x Mentiras.

Isto se faz de maneira simplória, sem atentar para elementos mais complexos da realidade, contexto, pensamento e da diversidade de ideias. Neste sentido, existe toda uma estrutura que se movimentou em nossa sociedade de maneira que não apenas a verdade fosse um elemento a ser questionado, como também foi reelaborado no sentido de ser mercantilizado e comercializado enquanto produto e informação. Esta condição de disputa por um sentido da verdade e o modo como a mentira/negação, pode-se originar de uma verdade – ou de parte dela – sendo reelaborada de acordo com o discurso necessário que vai direcionar e dificultar a percepção do que é compreendido como realmente verdadeiro à audiência para qual é direcionado. Soma-se a isso o contexto de crise das relações sociais relacionadas ao senso de comunidade, o negacionismo ganha força nesse âmbito e acaba por ser incentivado. (Cf. MENESES, 2019; MENESES, 2021; MOROZOV, 2018).

Cabe ressaltar um aspecto importante do posicionamento do canal. Uma vez que sua apresentação se pauta pelo ponto de vista de que a educação e a cultura brasileira estão dominadas por uma hegemonia de esquerda oriunda do *marxismo cultural*, como se esta fosse uma perspectiva hegemônica. O que acontece é que, na verdade, a produtora defende um olhar dominante e o movimento de “denúncia” feito para com as disciplinas que envolvam perspectivas não dominantes, como estudos de gênero e raciais. Tais elementos são tratados sempre a partir de uma retórica antinacionalista, desprovida de orgulho patriótico, e que, portanto, deve ser combatida no sentido de “salvar a alma” do cidadão brasileiro. (Cf. STANLEY, 2018; BALESTRO & BORGES, 2020).

Adiante tomo algumas análises de exemplos das estratégias utilizadas nos discursos, nos usos de toda uma retórica pronta e específica na qual a consequência disso é a redução cada vez maior do espaço democrático. É possível perceber, mesmo que de maneira organizada e clara, determinadas ideias e formas de pensar e enxergar a história como algo único, pronto e fechado. Alguns eixos temáticos promovidos pelo canal se destacam – Família, Educação e Nação – orientam essa reflexão e reforçam os questionamentos, por parte do canal, aos trabalhos de professores de História, principalmente aos pontos que envolvem questões de raça e gênero.

Em sua retórica e projeto de ataque a Educação é interessante notar a escolha sobre a expressão “Fim da História” como título do primeiro capítulo²⁵ para uma empresa que

²⁵ Embora não seja citado o trabalho homônimo de Francis Fukuyama em nenhum momento desse primeiro vídeo, não deixa de ser irônico o uso da expressão por um canal que ao mesmo tempo em que desvaloriza o trabalho do Historiador, busca ter autoridade sobre o mesmo. Ver: BRASIL PARALELO. O Fim da História – Pátria Educadora – Capítulo 1. Disponível em: < <https://youtu.be/EU5sAWPKgMc>>

enxerga na produção de conteúdo voltado para História, Filosofia e Política a sua área de atuação.

Nesse sentido, ao estarmos vivendo em uma crise democrática com recrudescimento da agenda conservadora da extrema-direita no Brasil, nota-se o desenvolvimento da concepção neoliberal de Educação dando sustentação ao projeto conservador ao qual o Brasil Paralelo defende. Não se trata apenas de ser um conservadorismo de Direita que busca o espaço de suas ideias. As peças narrativas construídas reforçam o sentido da governamentalidade negacionistas (VALIM & AVELAR, 2020), onde ao outro é negado sua voz, atuação e participação no processo contribuição na construção do Brasil enquanto nação.

É interessante notar a construção dos vídeos de forma a reforçar justamente aquilo que a empresa nega veementemente, o aspecto ideológico de sua própria produção. O sentido do reforço da tradição e do papel português de ser empreendedor, capaz de dominar a natureza e trazer a civilização ao Novo Mundo revela todo o esforço da produtora em ser etnocêntrica. Toda condução desse modo de fechar a história para um único molde parece seguir o sentido de retomar uma história dos oitocentos. Apaziguar esse passado e como ele ocorreu. De modo que outras perspectivas, visões de mundo e vozes tenham espaço ativo no que eles entendem como uma História do Brasil. Não existem conflitos e confrontos. É um passado idílico, mítico, uma das características pelas quais o Fascismo se apropria do passado para trazer algo dele e mudar o presente (STANLEY, 2018).

Técnicas narrativas e de edição, direção e até mesmo a trilha e efeitos sonoros são construídos para dar sentido ao que se deseja criar. Na abertura do vídeo podemos ver como isso se estrutura. A partir da introdução do tema sobre educação, primeiramente apenas como imagens do resultado do PISA²⁶, anunciado por vários telejornais, uma montagem em que se destacam o lema do governo Dilma como “Pátria-Educadora”. O mote se destaca independente do conteúdo das manchetes e das reportagens de maneira rápida e em cortes bruscos, contudo, com destaques para reforçar o papel preponderante da Educação como objetivo da presidenta. A palavra “Educadora” do logo da apresentação aparece de forma

²⁶ O resultado do último exame do PISA tem demonstrado que o Brasil continua aprofundando a desigualdade e o rendimento entre os alunos de acordo com a sua renda e classe social. Ver: KUZUYABU, Marina. Educação básica: Brasil continua abaixo da média da OCDE. Revista Educação. 13 abr 2020. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2020/04/13/educacao-basica-alunos-pisa/>> Acesso em: 7/3/2021.

estilizada ao imitar uma pichação²⁷, de maneira a se referendar a mesma com um tom depreciativo.

Sem referências a tempo ou espaço são usadas imagens da cobertura das ocupações estudantis, das manifestações do movimento do passe livre em 2013, e que são misturadas a imagens de manifestantes usam – não está claro de onde e quando são essas referidas imagens – palavras de ordens gritadas “fascistas não passarão”. Com registros cujo enfoque destaca sempre a ação daqueles que operam de forma bastante violenta, onde esses jovens pudessem ser facilmente associados com a ideia de arruaceiros, sem uma pauta concreta de desejos que pudesse ser ouvida.

Uma animação que destaca elementos descontextualizados com o objetivo de chocar. Violência física dos estudantes ao professor, temas sensíveis como sexualidade, drogas, organizados de tal forma de que esses elementos se sublinham como algo cotidiano das escolas – principalmente públicas. Porém, mais uma vez, nenhuma referência é apresentada, nenhum dado, nenhuma pesquisa. Apenas as imagens da violência empregada contra o professor e a escola (tanto como infraestrutura quanto instituição), como uma forma de exemplificar o fracasso escolar associado a essa agressividade dos alunos e a incapacidade dos professores em lidar com isso. Sem nenhuma contextualização acerca do que produz essa agressão.

Percebemos então como a História é usada enquanto forma de corroborar uma argumentação que apenas existe para os produtores e financiadores do canal e que se dizem apertidários e sem ideologias. Alternam-se cenas do movimento histórico fascista da década de 30, em destaque os Fascistas italianos, uma vez que o vídeo vai se apropriar de uma fala de Mussolini para dizer que o Estado é responsável pela formação das crianças em cidadãos. Cabe lembrar que o contexto do vídeo é justamente imputar ao Estado o papel de culpado pela crise da Educação brasileira, uma vez que o Brasil Paralelo busca também vender a ideia do *Homeschooling*. Criar uma narrativa do papel do Estado como um doutrinador e criador do Fascismo através do sistema educacional. Como se a manifestação antifascista fosse uma contradição criada pelo próprio Estado que formou esses estudantes.

²⁷ É bem exemplar essa escolha de estilo para referendar uma distinção existente entre uma “alta cultura”, representada pela produtora e uma “cultura deturpada” representada pelo grafite. Isto se evidencia em programa destinado a arte usada como forma de representação de uma distinção social e do uso de atividades artísticas como forma de hierarquização de grupos sociais, reforçando a marginalização de outros e suas manifestações artísticas e culturais. Este elemento vem sendo retomado em outra série de vídeos que aborta a temática da arte. Um dos *teasers* parte de um aspecto do senso comum do gosto como definidor da arte e que isso esvaziaria o sentido de beleza, para logo haver a comparação entre Michelangelo e a pichação sem nenhuma discussão sobre contextualização, temporalidades, autorias e sentidos atribuídos as obras. Ver: BRASIL PARALELO. Arte é uma questão de gosto pessoal? < <https://youtu.be/zH-6rqqp9ZQ>>

Um aspecto interessante na frase destacada de Mussolini é que ele afirma que a educação não é dever da família. Justamente o argumento central e principal no qual se sustenta o projeto político do grupo Escola sem Partido e o projeto *Homeschooling*. Usar o Fascismo como forma de associar ele ao Estado contemporâneo brasileiro, e assim, aproveitar-se o desgaste e a confusão que se estabeleceu acerca do conceito no senso comum quanto ao mesmo. Cabe lembrar que a conjuntura de produção do vídeo foi pouco antes da Pandemia, sendo assim, há uma discussão na qual procura tirar a autoridade do Estado na Educação e reivindica o papel para a família como um dos pilares da tradição na formação do cidadão. “Dizer que a Educação diz respeito à família, é afirmar algo fora da realidade contemporânea. Só o Estado, com os seus meios de todos os tipos, pode levar a cabo essa tarefa”. Esta frase é atribuída a Mussolini e utilizada para justificar uma intenção daquilo que se pretende neste vídeo do Brasil Paralelo. Ao mesmo tempo em que busca se afastar do rótulo de fascista, atribui o mesmo ao Estado, contando com a associação do senso comum, que defender o que é público é consequentemente defender o Estado e que isto, é papel da esquerda.

O que pretende a Brasil Paralelo com isso? Compreender como funcionam essas estratégias negacionistas e revisionistas é essencial no trabalho do professor no ambiente atual. Uma das táticas que se propõem é mesclar um molde específico de mentira que se alimenta de partes da verdade e que vem a ser nutrida, principalmente, pelo senso comum.

Esse modelo de negacionismo encontrado nas produções do Brasil Paralelo acontece porque as memórias, lembranças, e discursões sobre o passado, trazem cargas de valor, sendo, portanto, parciais, mesmo quando negamos ou não pretendemos que sejam. Assim, essas narrativas não necessitariam serem fidedignas à realidade e aos acontecimentos reais do passado, na medida em que apresentam os valores do contexto do presente em que são descritas e pelo futuro que se almeja construir do ponto de vista discursivo. (ROSA, ÂNGELO, MOURÃO, FERREIRA, 2020, p.318).

Sonia Meneses (2021) nos alerta que mesmo que a negação tem apresentado uma capacidade enorme para desgastar os sistemas democráticos contemporâneos, mesmo que as “disputas entre verdadeiro e o falso ganharam profundos enredamentos políticos” nos diversos campos do debate político. O que, no entanto, não parece ser o objetivo da produtora, alimentar um debate democrático saudável, sem distorcer, negar ou silenciar outras narrativas que não aquelas que buscam construir. Neste sentido, ainda assim, a autora nos adverte:

O enredamento negacionista a que assistimos é um movimento fragmentado que se espalha sobre os mais variados dizeres verdadeiros que sustentam a ciência, o jornalismo, a escola, a medicina, mas também a política e a justiça, para citarmos

alguns objetos desses enfrentamentos. Portanto, há um arranjo no jogo de disposição entre verdadeiro e falso, negação e afirmação. (MENESES, 2021, p.11)

Tal movimento fragmentado é uma linha de raciocínio que transcorre em diversos vídeos do canal, forma-se uma colcha de retalhos de informações variadas, que tangenciam as fontes, ou sequer as cita, porém a partir do uso da ciência e outras formas de citações e informações, assim como manipulação das fontes para cruzar fragmentos de verdades com mentiras lapidadas e negações/silenciamentos construídos.

Assim, é necessário destacar que a perspectiva histórica norteia o fio condutor da narrativa construída no vídeo chamado “Fim da História”. Enquanto o vídeo se remete a definir o papel e a importância da Educação e a História são ferramentas que demonstram a maneira a qual uma sociedade se enxerga, todas as imagens que foram escolhidas pela produtora remetem a apenas um único ponto de vista, tomado como exclusivamente universal, a partir da lógica: a Civilização Ocidental europeia, Roma, Grécia e referências Cristãs da Idade Média. Em nenhum momento é levantada a construção do conhecimento por sociedade fora desse eixo. África, Ásia, Oceania e seus povos não são mencionados como povos capazes de serem produtores de conhecimento e, conseqüentemente, História.

É conveniente que o vídeo se inicia a partir da concepção da “verdade” e que os conhecimentos e as reflexões pessoais teriam se desenvolvido a partir da busca pela verdade. A base dessa busca pela “verdade” continua sendo a Filosofia Clássica da Grécia Antiga, sem nenhum elo ao qual se refere ao pensamento indígena seja criador.

A citação da tutoria de Aristóteles a Alexandre Magno como forma justificar o *homeschooling*. O destaque do ensino caseiro com um recorte histórico feito com único intuito de associar essa ideia de grandeza de Alexandre a sua tutoria por Aristóteles em casa. Que pai ou mãe não gostaria dessa possibilidade? A força do imaginário da cultura clássica greco-romano é o fio condutor que visa explorar a admiração e os sonhos que muitos pais depositam em seus filhos e suas capacidades são reforçadas por essa imagem do líder macedônio. Com isso, ao mesmo tempo em que se desqualifica o trabalho do professor em sala de aula e da escola. Vale destacar que a perspectiva de um incentivo ao pensamento liberal individualista se alinha de forma a confrontar a noção de público e coletivo, o qual a escola tem papel fundamental na construção da cidadania e das relações sociais.

Não há nenhum constrangimento em costurar o elemento religioso, divino, cristão, monoteísta, o sentido mítico de Israel, usando uma figura simbólica como Abraão como justificativa do que é verdade. O monoteísmo cristão aparece como forma de validar o

argumento central de uma herança brasileira a partir desses elementos²⁸. Verdade é a palavra-chave que permeia o primeiro capítulo dessa produção do “Fim da História da Pátria Educadora”, em um vídeo cheio de pós-verdade. As autoridades intelectuais entrevistadas e consultadas apresentam conjecturas em alguns pontos concretas, tangenciando pontos corretos. Porém, a forma pela qual é montada, apresentada e aplicada junto com a edição do vídeo traz outra interpretação completamente diferente. A intenção parece ser a construção de uma História Única, sem conflito ou contradições. O antagonismo apenas surge na medida em que o Marxismo, ideologia de esquerda, Paulo Freire, que são citados como em tons de uma grande conspiração ou conspiradores de um plano de dominação contra o desenvolvimento e grandeza do Brasil, que a empresa, em conjunto com seus “patriotas-membros” objetivam salvar.

Reforma Protestante é entendida como uma prévia da universalização do ensino. Ela é atrelada ao aumento do poder do Estado. A narrativa parece nos levar a ideia de que o desenvolvimento da educação decai por conta da universalização do ensino.

Revolução Francesa foi distorcida de seu caráter igualitário. Os comentaristas focam na agressiva ruptura que o processo trouxe junto ao Antigo Regime. A ótica de Rousseau é distorcida por estar sempre ligada a ideia de que é o Estado que padroniza o pensamento e tolhe a criatividade. A Revolução Francesa acaba por ser traduzida como um movimento que deu excesso de liberdade e igualdade e fraternidade. A igualdade e liberdade entre os cidadãos é um problema, porque os grupos sociais envolvidos deveriam saber o seu papel, o seu lugar na sociedade e, no entanto, abandonam esse lugar para enfrentar a injustiça da nobreza. De acordo com os entrevistados no documentário, os ideais dos pensadores iluministas haviam sido deturpados pelos revolucionários. A Revolução Francesa é tratada como uma turba violenta que desejava destruir tudo aquilo que foi construído anteriormente na Antiguidade e desenvolvido no Renascimento.

A proposta do argumento parece o mesmo: usar a História como um pilar de sustentação para justificar um olhar que desmerece o trabalho da disciplina escolar, dos professores e historiadores.

Essa minha observação não é novidade do ponto de vista de uma pesquisa sobre a disputa de narrativas e de credibilidade sobre a História pelos canais de *YouTube*. Odir Fontoura (2020) percebeu esse aspecto em seu artigo.

²⁸ Esses elementos já foram explorados em outros vídeos, como na série “Brasil: A última cruzada”, em uma séria alusão de uma herança cruzadista ligada a História da formação nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j>

O segundo recorte dos 28 vídeos que representam mais de um terço de todos os vídeos analisados trata dos conteúdos que se, na maioria das vezes, procuram questionar a legitimidade da história como ela tem sido contada na escola, na universidade ou na academia como um todo, ocasionalmente procuram realocar e reivindicar essa autoridade para si. Todos convergem para uma mesma direção: são produções que visam a trazer esclarecimentos como resposta a uma “história” que, por diversas razões, seria ocultada, mascarada ou conscientemente desvirtuada. Eventualmente, para isso, reivindicarão para si um suposto método historiográfico [...] (FONTOURA, 2020, p. 52).

É neste ambiente fértil que se estimula uma série de produções que buscam suprir uma demanda de uma “história-produto”. O *YouTube* transformou o consumo de um conteúdo intelectual em um novo patamar. O termo “produtores de conteúdo” se tornou definidor de quem trabalha com as mídias sociais e tiram seu sustento de sua produção, ou seja, são financiados de acordo com a identificação que fazem com sua audiência. O Brasil Paralelo explora muito bem esse aspecto ao denominar seus membros de “patriotas”, tornando a audiência parte de uma missão, reforçando o discurso de salvar a nação.

Fica claro que a distorção de uma série de elementos históricos parece ser parte do *modus operandi* da empresa. A história aqui aparece como um produto que é customizado ao sabor e desejo daqueles que a consomem, em uma clara perspectiva neoliberal de uma educação adaptada ao gosto do freguês. Reforçando o aspecto privado sobrepondo ao conceito público de escola/ensino.

Sendo a Brasil Paralelo uma empresa que busca correlacionar de alguma forma a sua produção ao cliente, um aspecto que se apresenta no modelo de trabalho dos vídeos da produtora é o uso de “especialistas” para corroborar essas narrativas apenas tangenciam a verdade, para que ela possa ser remodelada e ajustada de acordo com os interesses da agência. Outro ponto a se considerar é a estratégia agressiva de marketing que se aproxima bastante do que propõe o projeto “Escola sem Partido”. Nisso há uma ligação com a lógica de impor o que é a visão do familismo da produtora – outra aproximação com o Projeto de lei “Escola sem Partido”.

No que tange a esta característica do seu objetivo, os constantes elos e referências, sejam diretas ou indiretamente, ao *Homeschooling* tem uma razão. Um dos alicerces no qual se estruturam o argumento dos diversos materiais produzidos pela empresa se refere a um familismo específico, tradicional, cristão e elitizado, onde se busca aparentar uma superioridade moral diante dessas características. Uma nova programação vem sendo estabelecida no canal da produtora é possível perceber a condução das temáticas através de um eixo claro. A família e o tradicionalismo são evocados como elementos formadores de

uma base no enfrentamento dos inimigos dessa virtude que foi empobrecida pelo esquerdismo e o progressismo na sociedade brasileira²⁹.

O que reforça ao que Sonia Meneses (2020) nos alerta sobre “arquétipos são insistentemente acionados sempre que se apresentam momentos de crises e rupturas”, neste sentido a produtora se investe de um papel missionário cada vez mais robusto no objetivo de salvar as almas da manipulação da política, da cultura e da sociedade. Ademais, o discurso da luta pela liberdade de expressão e da perseguição sofrida pelo canal ajuda a alavancar a narrativa de um canal renegado sem apoio do dinheiro público – por isso mais confiável – e que precisa de ajuda de seus membros, agora chamados a engajar na luta por um país melhor³⁰.

Cabe então destacar um aspecto da ação dessa produtora que é de fundamental interesse e objetivo que se apresentam no discurso de suas produções. A orientação para modelar um tipo específico de família que é considerada como válida. Ao mesmo tempo em que torna robusta a noção a qual o Estado e, conseqüentemente, o Ensino Público, o responsável pela deturpação dos valores morais e familiares. Tendo em vista o quanto a questão de gênero é uma pauta importante para os conservadores, o investimento nesse discurso atrai muito a audiência que se ressentem de qualquer tipo mínimo de destaque dado às questões raciais e de gênero.

Não se pode negar que há um sentido e um direcionamento estratégico no trabalho desenvolvido pela produtora. Esta linha perpassa uma noção de que mentira e verdade estão intimamente ligadas no desenvolvimento de toda a linha de raciocínio e de narrativa a qual se enraíza o trabalho da produtora. Neste sentido o que se constrói é uma conexão com o público, com a audiência em um nível de identificação pessoal, a partir de marcos da historiografia clássica brasileira. O que vemos é a reiteração desses marcos de uma inspiração da historiografia oitocentista voltada para a formação de uma identidade nacional única e exclusivamente determinada por grandes figuras que determinariam a construção e o futuro da

²⁹ Não é o objetivo principal destrinchar essa nova programação, contudo é válido destacar que esse direcionamento visa dar mais espaço e voz para as figuras de maior destaque junto ao mote ideológico da produtora. Onde há um esforço para sublinhar esses valores conservadores, onde um discurso de proteção e salvação da família tradicional surge como um dos pilares para sustentação do conservadorismo e o enfrentamento e desmascaramento do “marxismo cultural”. Destaco o programa Contraponto que possui longas entrevistas como, por exemplo, Janaína Paschoal, Ernesto Araújo, Rodrigo Constantino, Luiz Phillippe de Orleans e Bragança, Ana Paula Henckel, dentre outros. Cortes com os destaques do programa são postados na timeline do canal de forma que a audiência seja captada pelo título, uma vez que é dado destaque as chamadas. Ver BRASIL PARALELO. Contraponto. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyS5uXFgwZJm32brVfjjPCW4>> Acesso em: 15 dez 2021.

³⁰ Tais vídeos foram produzidos no contexto do momento em que a produtora era alvo da CPI Ver: BRASIL PARALELO: Foi necessário mudar. Disponível em: <<https://youtu.be/EFNtMGwnzvY>> Acesso em 15 dez 2021.

nação. Na visão da produtora, tal projeto, foi destruído ou destituído pela má condução da República que permitiu o avanço do marxismo cultural na sociedade e educação brasileira, dominando-a de maneira sorrateira.

O que pretende a Brasil Paralelo com isso? Quais são os seus interesses com essa forma de se utilizar a História para negar outras Histórias? O que se percebe neste projeto é aquilo que Caroline Bauer e Fernando Nicolazzi (2019) perceberam em um artigo sobre o fato de que mentiras com altas doses de veracidade ajudam a torná-la plenamente factível e verossímil.

O ponto fundamental em que busco refletir nessa pesquisa é que há um projeto e um programa que se apresenta a partir da lógica negacionistas. Esta lógica está intimamente ligada à arquitetura das redes sociais e suas formas de organização. E de que maneira isso acontece? A forma efetiva de comunicar, de narrar e moldar os fatos nos ambientes virtuais tem mais efeito do que se construir uma reflexão mais profunda e apropriada em que pese à apresentação de uma verdade direta e autêntica. A mentira com um ingrediente de verdade tem uma autoridade que se cunha na relação e assimilação com que se busca atingir a audiência.

Toda a estrutura do canal se volta para essa lógica. Um ponto de verdade, na maioria das vezes, extremamente pessoal, – seja de um influenciador digital ou de um acadêmico – que é base de toda a construção da distorção que a produtora utiliza como forma de comunicação. Novos programas com essa estrutura foram adicionados, para constituir uma grade de programação constante e que alimenta o canal semanalmente, o que é excelente do ponto de vista da divulgação via algoritmo, para além do investimento financeiro de propagandas pagas em outros vídeos e banners³¹. Figuras que se destacam nas redes sociais como conservadoras assumem uma postura de paladinos perseguidos e utilizam esse espaço, com exemplos e vivências pessoais nas quais reforçam a emoção de ressentimento que a evidência e avanço de pautas plurais conquistaram ao longo das últimas duas décadas. Ou seja, o que se percebe é o uso de meias verdades para reforçar a mentira, a negação e a distorção dos fatos históricos. Há toda uma dedicação em produzir esse material onde apenas uma única e exclusiva verdade – a deles – é a digna de ser registrada, pensada, valorizada, em detrimento de qualquer outra que apresente um olhar em que esteja dissociado dessa visão.

³¹ Isto permite, inclusive, que a produtora tenha seus vídeos recomendados mesmo que o consumidor da plataforma esteja assistindo um programa completamente diferente da proposta político-ideológica da Brasil Paralelo.

Bauer e Nicolazzi (2016) nos alertam que não existe “verdade moral na mentira, trata-se de uma contradição nos termos” (p.12). E que é dever nosso, enquanto historiadores, nos posicionarmos contra essas imposturas sobre os usos do passado, no intuito de salvaguardar a liberdade de cátedra das universidades, e principalmente, em minha visão, no Ensino Básico, espaço no qual os professores estão mais fragilizados e expostos juridicamente e emocionalmente. Diante disso, precisamos estudar firmemente as formas de comunicação utilizada por esses canais ou quem quer que seja que trabalhe com o fato histórico, apropriando-se do passado, dando a ele um sentido próprio. Cabe ao professor ter em mente sempre que, lutar contra tais imposturas, pode ser alimentado a partir da reflexão constante sobre a função da história e os modos com os quais se estabelecem os usos do passado.

O saber histórico não é um objeto estanque, estável, a-histórico, evidente por ele mesmo. Tampouco é uma espécie de monopólio dos historiadores, como se eles possuíssem alguma forma de cláusula pétrea que lhes concedesse o direito exclusivo de se falar a partir da história, todos os outros sendo meros amadores ou, pior, “apenas jornalistas”. O historiador é mais um participante deste jogo, que é jogado muitas vezes de forma tensa, com uma torcida pouco amistosa e com jogadas desleais por parte de muitos jogadores (historiadores incluídos). (BAUER E NICOLAZZI, 2016, p. 12).

A produtora Brasil Paralelo é uma jogadora que aposta na tensão da partida e em jogadas desleais no campo do saber histórico e dos usos do passado. A distorção de situações que envolvem os afetos ligados a seu público. Essa perspectiva aparece diretamente em programas desenvolvidos sempre para apresentar esse ponto de vista quase que personalizado para esse passado. Para além do formato documentário, em 2021, a produtora apostou fundo no modelo de programa de entrevistas que foi expandido na grade da produtora³². Outra frente em que o canal investe tem sido nos comentários e análises sobre a mídia *mainstream* com intuito de desvendar as mensagens subliminares e a doutrinação contida nos grandes meios de comunicação³³. Além do papel central de assumir-se antagônica a qualquer posicionamento político-ideológico que se aproxime da esquerda ou do progressismo. Este tem alimentado

³² *Conversa Paralela* é um programa de entrevista com personalidade, mas também abordando temas variados que interessam ao formato proposto de ser formador de opinião. Em formato de debate como um podcast, mas com imagens em estúdio gravado. Disponível em:

<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyQd5_4qpqrGF8PWDP6SMiS> . Acesso em: 6 nov. 2021.

³³ *Red Pill* é um programa que se utiliza do conceito da Pílula Vermelha do filme *Matrix*, uma referência de que a pílula desvenda o mundo real no qual o personagem principal, Neo, se encontra preso. O conceito aqui é expandido para a ideia de que o programa busca desvendar as mensagens subliminares e de domínio do marxismo cultural na cultura pop consumida pelas pessoas em geral. Cinema, HQ e Disney são alvos dos apresentadores em que buscam mostrar como as crianças – sempre se apela à fragilidade das mesmas – e consequentemente os valores da família são ameaçados por essas produções. Disponível em:

<<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyTwYAZU1srVYWtsDHHJaZRh>> . Acesso em: 6 nov. 2021.

muitos grupos conservadores e de extrema-direita, se utilizando do ressentimento masculino em relação a um mundo que não é mais feito exclusivamente para eles, onde as minorias deveriam permanecer assim e servir homens, entendidos como de verdade. Então, ser um “Redpillado”³⁴ é ser um sujeito despertado, aquele que, como Neo, rompeu a ilusão da Matrix – que é o marxismo cultural do olavismo. Estar “desperto” traz em si a noção de uma relação de confraria e irmandade, onde os membros se destacam da humanidade por não se permitirem ser dominados pela ilusão. A sensação de fazer parte de um grupo escolhido – ou despertados – traz uma associação muito forte com a noção dos escolhidos/favorecidos de Deus. Não é à toa que o discurso e narrativa tem um apelo à linguagem e tom religioso judaico-cristão. Ser “diferente disso tudo que está aí” é uma alavanca que serve como proteção contra toda e qualquer argumentação racional e científica. Cria-se toda uma estrutura na qual se mobilizam emoções, afetos e uma mística religiosa que parece nublar a possibilidade de reflexão dos envolvidos, uma vez que toda a narrativa é conduzida de tal forma para garantir que a audiência seja agradada com aquilo com a qual ela acredita ser o certo. Ou seja, cumprindo suas expectativas. Tudo isso, disfarçado de metodologia de ensino.

Os entrevistados passam sempre esse aspecto do conservadorismo como um tema muito caro ao público e a produtora, contudo, ao mesmo tempo, o que se reforça é a visão unilateral e pessoal desse entrevistado³⁵. O material produzido nestas entrevistas e programas é pulverizado na linha do tempo do canal através do modelo de “cortes”³⁶ onde se destacam as mensagens mais intensas dentro da lógica e dos interesses que o canal visa reforçar: o

³⁴ O termo “redpillado” vem ganhando destaque cada vez maior em grupos conservadores atrelados a um sentimento de confraria masculina, no qual questionam o papel da mulher na sociedade atual, se ligando a movimentos como o MGTOW (*Men Going In Their Own Way*), que reforçam seus preconceitos contra as mulheres e população LGBTQ+. Conferir em: SARMENTO, Ana. 'Redpillado': como 'Matrix' inspira grupos machistas e a extrema-direita. **Tab UOL**. 23 de nov. 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/23/redpillado-como-matrix-inspira-grupos-machistas-e-a-extrema-direita.htm>>. Acesso em: 5 dez 2021.

³⁵ Esse formato de ideia está presente nos programa de entrevistas chamado Contraponto. Com apresentação de Bruno Magalhães, o programa tem, até o momento da escrita dessa nota, 12 programas gravados com mais de uma hora de duração, com personalidades ligadas à direita conservadora. Um elenco “estelar” de figuras do meio midiático, acadêmicos, políticos e influenciadores digitais que se identificam com esse espectro político como. Nomes tais como a ex-jogadora de vôlei Ana Paula Henkel, ex-colunista da Revista Veja Rodrigo Constantino e o monarquista Luiz Philippe de Orleans e Bragança, para ficarmos no exemplo somente daqueles que tiveram mais de 400 mil visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7iXyS5uXFgwZJm32brVfjjPCW4>>. Acessado em: 6 nov. 2021.

³⁶ Esse modelo de vídeo foi popularizado pelo podcast *Flow* que além de publicar seu programa gravado em vídeo no YouTube, disponibiliza cortes como uma espécie de melhores momentos do programa. Esta estratégia é muito utilizada pela comunidade da rede e que facilita o compartilhamento, e logo, o favorecimento do algoritmo na distribuição do produto (vídeo) e recomendações para pessoas que não seguem o canal. No caso da Brasil Paralelo, os cortes são uma ótima forma de distribuir o ponto de vista distorcido da produtora, de maneira a espalhar sua forma de modular a informação, do fato e do passado à sua maneira e a tentar transformar esses pontos de vista em únicos válidos.

antiestatismo, a culpabilidade do professor na educação, a esquerda como dominante e perseguidora, o familismo como base de sustentação para a crítica dos modelos plurais nas relações sociais, assim como crítica ao Ensino Público e a irônica crença de que a mídia é manipuladora, mas apenas a mídia tradicional. Já que a produtora se nomeia como “neutra” e independente, sendo “apolítica”.

Compreender o modo no qual opera este e outros canais, as formas como induzem as informações e outras características de como conduzem a informação e os dados, os usos dos passados, os fatos e de como eles são comunicados de acordo com seus interesses torna-se tarefa necessária para o professor/pesquisador atualmente. Dito isso, é preciso reconhecer que as redes sociais deram espaço e voz para aqueles que não se reconhecem como historiadores – seja socialmente, institucionalmente e epistemologicamente – mas se utilizam da história em no desenvolvimento dos seus trabalhos. (BAUER E NICOLAZZI, 2016). Assim, é preciso olhar para a história produzida nas redes, seja no sentido de História Pública ou Digital e principalmente no Ensino de História, tendo em mente que:

[...] antes de uma disciplina científica e universitária, a história é uma narrativa sobre o tempo e sobre a experiência humana do tempo. Ela não é monopólio de uma categoria, tampouco necessita, para existir enquanto narrativa, do cumprimento dos protocolos disciplinares que regem a prática científica. Afinal, a história enquanto tal é atravessada por múltiplos discursos que vão desde a literatura até o jornalismo, passando por campos como o direito, a educação, a teologia, a filosofia e, por que não, o mundo dos falsários. [...] (BAUER & NICOLAZZI, 2016, p. 13).

Os autores acima nos recordam também do quanto é importante levar em consideração a historicidade, o contexto dos indivíduos e grupos sociais envolvidos, assim como a conjuntura no qual esse conhecimento é produzido. Neste sentido, oriento-me a partir do que propõem Bauer e Nicolazzi (2016), uma vez que é na importância de pensar as funções da história e de seu ensino a partir da noção dos sentidos que são dados ao uso público e político da disciplina. Está claro que a sala de aula, no seu formato tradicional ou online, é um campo de disputa do tipo de cidadão que se quer formar. Está claro que uma produtora gigantesca que possui um financiamento de enorme grandeza, seja ele oriundo de empresas ou por apoio voluntário de sua audiência, tem uma força formidável no jogo das disputas narrativas. Isto posto, parece uma tarefa inglória ser professor de história na atual conjuntura do século XXI. Contudo, ao que parece, enquanto professores de história, temos um dever que vai se somar à ideia de formação cidadã proposta pelos PCNs na década de 90 do século XX: a capacidade de orientar e formar o olhar crítico do estudante para compreender como se estrutura o estudo e o ensino de história.

É necessário pensar formas e estratégias para outros professores e alunos aprendam a lidar com a pluralidade de narrativas, de histórias e como o passado é usado. Quais são os interesses e objetivos de quem propões certas narrativas e pontos de vista? Formar com a intenção de demonstrar que o que nos torna humano é não aceitar que nossa história, nossa vivência enquanto espécie seja definida e determinada por um modelo único e exclusivo. E que por mais que isso nos irrite enquanto profissionais da história, ter a consciência de que essas disputas estarão cada vez mais em evidência e que, cabe a nós, em nosso trabalho, mesmo no pequeno espaço de nossa sala de aula ou em uma página do *YouTube*, perfil do *Instagram* ou um programa de *Podcast* para manter uma atitude reflexiva e mais profunda da história que se coadune com os valores democráticos e de cidadania ao qual devemos nos propor.

É a partir desta lógica que o trabalho do professor de história deve ser refletido, analisado, pensado, produzido e, por fim, avaliado. Não é possível encarar toda uma organização financiada e com uma grande estrutura da produtora, de maneira direta. O que importa é ter a noção do como e do que tem sido feito a partir da história e como ela vem sendo usada. E, a partir daí, nós professores do ensino básico, encontrarmos mecanismos e ferramentas que nos auxiliem a nos manter dentro do escopo democrático e cidadão que acreditamos corretos. Apenas confrontar um canal que além de todo apoio quem tem, faz questão de ameaçar juridicamente qualquer um que o critique diretamente é enxugar gelo. Uma vez que a Brasil Paralelo utiliza-se de toda e qualquer medida para silenciar vozes contrárias. Não apenas é uma atitude que visa reduzir o debate e, por consequência, o espaço democrático das redes sociais, mas também uma estratégia discursiva onde se acusa ao outro aquilo que ela mesma promove³⁷.

O enfrentamento dessa questão deve ser no nosso campo, aumentando a qualidade de possibilidades de trabalho historiográfico, mas sem deixar de lado a interação necessária para com o público interessado em aprofundar sobre o conhecimento histórico. Ainda que estejamos vivendo um momento muito de crise institucional, política e econômica, isso tudo repercute em nosso ambiente profissional, enquanto planejamento e carreira cada vez menos estáveis, existe uma demanda por esse consumo e uso do passado.

Desta feita, é preciso compreender que já existem análises e importantes propostas diferentes para ação do professor, ainda que se parta do mesmo diagnóstico, cabe-nos

³⁷ Sobre a censura e ataque da Brasil Paralelo aos professores críticos ao seu modelo de negócio, conferir: OLIVEIRA, Giovana. Professor de história e aluna de mestrado são ameaçadas com processo por 'Netflix da Direita'. Metro 1. 20 ago 2021. Disponível em: < <https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/110877.professor-de-historia-e-aluna-de-mestrado-sao-ameacadas-com-processo-por-netflix-da-direita>>. Acesso 10 nov. 2021.

aprofundar o desafio por esses caminhos em sala de aula. Tal diagnóstico detectou a situação para além da sala de aula, no entanto, pode ser um bom ponto de partida para uma nova relação com a mesma, uma vez que as redes sociais se apresentam presentes com questionamentos trazidos por nossos alunos. Alguns autores já abordados aqui demonstram sobre a insuficiência da ciência histórica em lidar com temáticas e experiências de passado não-ocidentais e de temporalidade linear. Valdei Araujo (2017), que já citamos aqui, nos mostra como a possibilidade de desenvolver e dar um sentido a essa demanda histórica trazidas por memórias e pluralidade de histórias que temos em nossa sociedade. Arthur Ávila (2021) apresenta a importância do posicionamento do professor-pesquisador-professor que deve enfrentar a governamentalidade negacionistas e buscar alternativas para o embate contra essas propostas de distorções da história e “insistir na defesa de um pluralismo historiográfico impenitente”. (p.13).

A ousadia se faz necessária em momentos que precisamos defender a História com o desenvolvimento de um trabalho confiável para a compreensão dos movimentos históricos e historiográficos, das relações com a memória e o ensino, mesmo diante da crise política e econômica em que estamos. É neste desafio ético em nosso ambiente contemporâneo, que na produção do seu conhecimento em conjunto com seus estudantes na sala de aula, devemos: “intensificar valores democráticos por vezes desgastados e enfraquecidos em ambiente de crise democrática” (PINHA; RANGEL; PEREZ, 2020, p.9). Reforçar o papel da História como disciplina que valoriza democraticamente a diversidade da humanidade ao longo do tempo deve ser objetivo que precisam ser mirados pelo professor de história hoje e sempre.

3 PROFESSORES, ESTUDANTES E AS REDES SOCIAIS: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

A partir do que foi desenvolvido nos capítulos anteriores, partimos aqui para uma reflexão que norteia o propósito desta pesquisa e reflexão. Como fica o papel do professor em meio a esse processo? Como podemos agir em sala de aula? Quais estratégias podem ser traçadas junto aos nossos estudantes de maneira a estimular uma reflexão crítica mais profunda em meio à enxurrada *fake news* e negacionismo que testemunhamos hoje? De que maneira a forma como consumimos e trabalhamos o conteúdo produzido na História Pública e História Digital ajuda-nos a entender passados plurais e mais democráticos?

Uma contextualização se faz necessária acerca das transformações das relações entre professores e alunos na escola mediante ao papel das redes sociais e as novas tecnologias. É preciso observar que esse estudante de hoje não é o mesmo da virada do século XX para o XXI, contudo, tanto esse quanto o atual estudante e a atual escola são atravessadas por esse processo de consolidação das redes sociais como um espaço de vivência e experiência da vida social.

Inclusive cabe um pequeno recorte e reflexão sobre como existe uma visão sobre a Internet que ainda se encontra em um embate. Se por um lado, temos um olhar positivo e otimista sobre a rede global que caracterizou o final do século passado, por outro, não podemos deixar de ter um olhar um pouco mais crítico sobre como a Internet hoje, não representa mais aquela otimista interpretação de uma rede de informações dinâmicas, colaboração, compartilhamento e produção de conhecimento.

Pretendo apresentar aqui uma proposta metodológica capaz de auxiliar a apropriação do ambiente digital para a sala de aula no contexto do Ensino de História.

E para compreendermos um pouco esse caminho é preciso olhar para como se configura a realidade da sala de aula e seus atores – alunos, professores e a comunidade escolar – que é atravessada e engolida pelas transformações trazidas pelas novas tecnologias de informação. Ao passo que existe também um jovem consumidor dessas redes sociais que configura uma nova relação com seus pares e, também, com as autoridades da escola. Então, é preciso também ponderar esse aluno nativo digital e como ele é tomado pela sociedade, pelas políticas públicas, pelos aplicativos, pela iniciativa privada que se apropria da Educação e algoritmos que coletam dados pelas redes sociais nas quais se engajam.

O fenômeno da globalização na virada para o século XXI, já deixava claro os seus efeitos na vida das pessoas e a promessa de um mundo novo que era visto como algo extremamente positivo. A ruptura das fronteiras do mundo real a partir do virtual, da conexão, do contato trazia um olhar empolgado de que a sociedade caminhava para uma era cheia de positividade na qual o mundo se tornava “menor”³⁸.

Essa perspectiva de que o processo de globalização afetou as relações sociais e com o conhecimento na sala de aula nos leva o olhar para essa geração do *zapping* informativo que a partir de retalhos de conhecimento constrói uma cultura de aprendizagem pautada na dinâmica das novas tecnologias das comunicações e das redes sociais. Estratégias de aprendizagem, de relacionamento, de convívio, de formas de expressão e transformações sociais relacionadas com a globalização. (CAIMI, 2014).

Tais facilidades tecnológicas não mudaram o papel do professor de ser aquele que torna a reflexão dos conceitos e elementos históricos e memorialísticos acessados, inteligíveis. Neste sentido, sempre foi fundamental que o professor tenha capacidade de mobilizar seus alunos a se apropriarem do conhecimento histórico de tal forma que saiba usar da melhor maneira os suportes de informação, as fontes e os elementos tecnológicos que tem a sua disposição. Assim, por ser aquele que compreende o uso das fontes, as temporalidades envolvidas, as mudanças e permanências, o professor deveria também se preocupar em como as novas tecnologias usam as fontes históricas, as memórias e como esse discurso chega ao estudante. Atualmente é necessário ao professor saber lidar de que maneira tais narrativas e esses usos do passado são constituídos. Auxiliar os alunos a desenvolver uma bagagem conceitual e metodológica que o permita compreender como são utilizados os procedimentos básicos do conhecimento histórico do ofício do historiador (CAIMI, 2014). Tendo em vista o contexto das *fake news*, isto se faz mais do que necessário.

A partir disso é preciso refletir em nossa prática de ensino interligada ao aprender do jovem estudante. Estamos em um momento em que são desenvolvidas uma série de pesquisas, metodologias e materiais destinados a ensinar melhor nossos alunos, contudo é preciso não perder o foco de como a comunidade estudantil se apropria de determinada informação. E que diante do contexto em que nos encontramos percebe-se uma grande dificuldade de transformar a informação em conhecimento. Sendo assim, é importante entender como as novas tecnologias tem levado a informação ao estudante através das redes sociais e como ele

³⁸ Um reflexo disso era a charge do mapa-múndi diminuindo de tamanho ao longo dos séculos com a globalização atenuando o tempo de distância de contato entre as pessoas devido ao desenvolvimento dos meios de transporte e da revolução dos meios de comunicação

tem lidado com isso, a despeito de toda a dificuldade que essa nova geração tem tido com o excesso de informação no ciberespaço.

A nova geração de estudantes da última década tem uma relação intrínseca com as redes sociais e com as novas formas de sociabilidades tem origem e/ou são reforçadas pelos aplicativos dessas plataformas online e que se intensificam cada vez mais com o passar do tempo. Estas tais formas de se relacionar entre o estudante, a instituições escolares e as disciplinas que estudam em suas respectivas séries gerou um choque na virada do século XX para o XXI, cujas ondas ainda reverberam até hoje. Este embate se configura na incongruência dos valores e objetivos formadores da escola quando foi criada no século XIX para os desafios do mundo atual. A escola, no formato atual, pode ser entendida como uma instituição, uma máquina, uma tecnologia ultrapassada por não ser capaz de lidar com as novas performances e corpos que o século XXI produziu. (SIBILIA, 2012). Um choque que se dá entre o novo x velho, interior x exterior, mundo x escola³⁹.

[...] Todavia, surge aqui um choque digno de nota: justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram e cresceram no novo ambiente, têm de submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição de confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel às suas tradições, continua a funcionar com o instrumental analógico do giz e do quadro-negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos, das carteiras alinhadas, da prova escrita e da lição oral. (SIBILIA, 2012, p. 51).

Esta percepção de choque fica mais clara quando notamos as novas formas de expressão geradas pelas redes sociais e como isso se transformou de maneira muito rápida. Há cinco ou seis anos atrás, ouviríamos nossos alunos falarem sobre serem *vlogueiros* – o *blogueiro* que dá dicas sobre o seu assunto preferido através de vídeos, com elementos de dança ou de sátira – sendo que hoje a dinâmica é de narrativas fragmentadas e muito curtas, em vídeo, em conjunto com áudio/música alteradas de forma a dar sentido de entretenimento na maioria dos casos. Esse elemento presente é característico da rede social do momento entre os jovens, o *TikTok* e que recebe severa concorrência do *Instagram* através da ferramenta *reels*.⁴⁰

³⁹ Em breve precisaremos observar esse tipo de impacto a partir da Reforma do Ensino Médio, que mesmo sendo vendido como uma modernização parece que vai aprofundar esse conflito de valores, assim como o distanciamento entre o ensino público e privado. VEIGA, Edson. Novo Ensino Médio começa sob questionamentos e críticas. **Deutsche Weller Brasil**. 31 jan 2022. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2p8e3ath>>. Acesso em: 16 fev 2022.

⁴⁰ Cabe lembrar que esta rede social está envolvida em uma disputa muito forte no mercado desde que o *Facebook*, também detentor do *Instagram*, não conseguiu comprá-lo. Conferir: Antes de criticar *TikTok*,

É possível ao observar o comportamento dos jovens em idade escolar nessas redes que a percepção de Paula Sibilia (2012) se confirma. A escola de hoje enfrenta cada vez mais dificuldade de lidar com o controle de tais corpos e mentes, expressões e valores, principalmente diante da diferença de geração para com os professores. Esse conflito se dá não apenas por essa dificuldade do jovem se moldar a essa estrutura datada do século XIX, como também pelo fato das constantes tensões entre que são trazidas de fora para dentro da escola. Gênero, raça e classe são questões que invariavelmente surgem na sala de aula sempre que o aluno é instigado a pensar sobre sua realidade e as relações possíveis, pois esses conflitos estão destacados no cotidiano de nossa sociedade. Cada vez mais estes conflitos rompem os muros da escola, tanto de fora para dentro e vice-versa.

Se hoje percebemos a tensão e os conflitos que existem entre a escola e os estudantes, atravessados pela interferência – ou a falta – da família, nem sempre foi assim. O ensino formal, com o auxílio da família no processo, foi capaz de “inventar” a escola e a criança. Elementos fundamentais para afirmação do projeto social industrial do século XIX. É neste contexto que temos a divisão da máxima de que a família é a encarregada pela educação no espaço pessoal, enquanto a escola tem a função de educar para o espaço amplo e público (SIBILIA, 2012).

[...] Poderíamos dizer que uma das funções da escola era de que a criança aprendesse a distinguir entre seu pai e a lei: esse código universal constituiu um eixo vital da modernidade, dedicado a proibir as mesmas coisas a todos os cidadãos, de modo impessoal – algo que devia se assimilar na escola uma vez delineada a missão paterna no seio do lar. Sem dúvida trata-se de uma visão pouco idealizada da instituição familiar, ainda que os afetos em que ela foi macerada, graças aos influxos românticos que insuflaram o *éthos* burguês, também tenham contribuído para aumentar a eficácia desse aparato. (SIBILIA, 2012, p. 32-33).

Dessa forma, não há como não pensar a escola, a relação com os estudantes e as novas tecnologias sem entender o contexto particular das relações em que estão inseridas, bem como o contexto universal em que estamos vivendo. É, ao mesmo tempo, a contradição entre o incentivo ao individualismo e a busca por ser “autêntico” das Redes Sociais em conflito com uma escola padronizada e modulada ao estilo do período da Revolução Industrial. Uma escola muito mais disciplinar do que criativa. Outro ponto perceptível dessa dinâmica é a função da escola de preparar o aluno para esse convívio em sociedade baseado na formatação de um comportamento esperado, principalmente moral, hierárquico e normativo. A escola e a família

trabalharam em conjunto, ao longo dos séculos, para que o jovem assimilasse essa estrutura de ordenamento e de reconhecimento de seu lugar nesses espaços. É nessa perspectiva que o individualismo emerge como uma forma de se refletir quem é esse ser que reprime seus desejos em nome da lei, das figuras autoritárias que estruturaram sua vida, dentre elas, seu pai, seu professor ou o Estado. (SIBILIA, 2012).

Esse tipo de formatação histórica, que começou a se implantar a partir do Renascimento mas teve seu auge nos séculos XIX e boa parte do XX, dedicou grande doses de energia à configuração de certas subjetividades, enquanto evitava cuidadosamente o surgimento de formas alternativas. A escola foi um componente primordial desse empreendimento, embora tenha sido apenas mais um entre diversos moldes aos quais recorreu a sociedade industrial para formatar seus cidadãos. (SIBILIA, 2012, p.43)

No entanto, com a metamorfose e, conseguinte, esfacelamento da família nos moldes tradicionalmente conhecidos a partir da segunda metade do século XX, intensificada pelo surgimento de uma nova configuração familiar formada por mulheres-chefes por mais de uma geração, mães solteiras, sem a (ou com limitada) participação da figura paterna masculina, a família passa a ter um papel ambíguo na relação com a escola. Principalmente por conta da mudança de paradigma sobre a própria concepção de escola, onde a Educação passa a ser entendida como um serviço⁴¹. Isso ganha uma conotação maior no contexto de uma Educação avaliativa, pensada a partir de *ranking* de provas de vestibulares. Os resultados em tais concursos passaram a ser usados como medidas de exigência e avaliação do “serviço”. O aluno, pouco a pouco sendo entendido como um cliente, ao passo que o professor vai deixando sua aura enquanto figura de autoridade disciplinar e, em alguns casos, até mesmo intelectual pela família e direção escolar para se tornar um mero operário que precisa entregar resultados esperados/desejados a contento, sendo aferida a qualidade do seu trabalho dentro desta ótica.

Diante desse quadro, o movimento de enxergar o aluno como cliente ganhou mais força na virada para o século XXI. As escolas, principalmente as particulares, investiram em sua infraestrutura tecnológica como forma modernização de seu aparato escolar. Este componente foi anunciado um diferencial, moderno, inovador, uma tendência para atrair um

⁴¹ Não procuro estender essa discussão sobre a participação familiar ou não como uma demanda ou interesse de acompanhar o desenvolvimento do aluno na escola. No entanto, a escola acaba por ser negligenciada, uma vez que muitos responsáveis, em sua maioria as mulheres, estão lutando para sustentar sozinhos seus lares, dificultando a participação na Educação desse jovem. Enquanto as famílias mais estáveis financeiramente, apenas os resultados nos concursos e provas são relevantes na escolha da instituição que ficará responsável e será cobrada por isso mediante a esse resultado esperado – a aprovação. Mais dados específicos disponíveis pelo IPEA. <https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html> Acesso: 05 set 2021

perfil social específico de estudante/clientela. No sentido oposto, a falta de investimento nesse campo na escola pública, aprofundado principalmente no contexto atual da COVID-19, expôs ainda mais as desigualdades. Estes alunos, extremamente prejudicados e sem o mínimo básico para conseguir acessar com constância as plataformas de estudo, necessidade de trabalhar para ajudar a família começam a desistir ou evadir⁴².

Outro ponto importante a ser observado é a abordagem sobre a Educação sempre do ponto de vista mercadológico, principalmente quando se coloca o estudante no centro da análise. Não com o foco voltado para a sua aprendizagem e crescimento, mas o seu desejo e praticidade de acordo com o “mercado de trabalho”. Neste contexto surgem pesquisas que trazem dados tais como “geografia, história, biologia e física são consideradas descartáveis para 36% dos [estudantes] entrevistados”.⁴³ A abordagem é focada no desejo dos estudantes por uma escola que se mostre prática e o ensino seja relevante para a vida, sendo que a ênfase aqui dada ao mercado de trabalho como elemento essencial para esse jovem.

Tais problemas e dificuldades muitas vezes surgem como uma forma de ilustrar e reforçar o “fracasso educacional” contemporâneo brasileiro ao não atingir as metas propostas por órgãos ligados a ONU. Algo que já aparecia nas primeiras décadas do Século XXI uma vez que o modelo escolar brasileiro é considerado sempre abaixo do que é esperado nas avaliações mundiais, tais como o Pisa, com a classificação do Brasil sempre alardeada sendo comparada diretamente sem as devidas análises conjunturais. Isto vem a robustecer a visão de que o estudante lido como um cliente que precisa ser satisfeito e que a educação precisa ser gerada como uma demanda (SIBILIA, 2012). Esse é um terreno muito fértil para a construção de distorções e *fake news* sobre a Educação, onde a abordagem guiada apenas pelos resultados, rendimento a partir do Enem, vestibulares e a lógica dos concursos dita a discussão nos grandes meios de comunicação. Da mesma forma que isto favorece narrativas criadas em torno de afetos que se mobilizam expectativas de toda comunidade escolar envolvida.

O projeto escolar formado no século XIX no mundo e que se seguiu ao longo do século seguinte no Brasil se referia a uma cultura de saberes específicos, para corpos específicos padronizados, de modos de ser e de estar no mundo. Atualmente os jovens da Era Digital – sejam sujeitos excluídos ou não desse ambiente – são pressionados pelo imediatismo

⁴² Em longo prazo teremos muito problemas com os quais precisaremos lidar com os alunos que sofrem com essa desigualdade que ficou ainda mais exposta a partir da pandemia. Conferir: IDOETA, Paula Adamo. Pandemia deve intensificar o abandono de escola entre alunos mais pobres. **BBC**, 23 de jul de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53476057>> Acesso em: 10 ago 2021.

⁴³ Conferir: Estudo revela motivos para o desinteresse de estudantes pelo ensino médio. **Correio Braziliense**, 25 de jun de 2013. Disponível em: <<https://bitly.com/nJKIW>> Acesso em: 10/08/2021.

trazido pela internet, aliado ao sentimento de inadequação e completa dificuldade de expressar e identificar seus sentimentos vividos ou experimentados. O que afetou o desenvolvimento de sensibilidades e ferramentas necessárias que auxiliariam o aluno a apreender a ler o mundo, gerar empatia para esse reconhecer a si e ao outro na alteridade. No contexto da pandemia essas dificuldades se aprofundaram⁴⁴.

O jovem sem possuir o hábito e o aparato perceptivo minimamente necessário para refletir sobre o tipo de informação está consumindo e absorvendo nas redes, torna-se vítima do fluxo incessante de informações que jorram de seus celulares e aplicativos, expondo-o a todo tipo de conteúdo capaz de gerar, consumir e repassar a partir disso. Ao professor, hoje, não basta apenas saber como isso acontece – na medida em que ele também pode ser vitimado por esse fluxo constante que te prende às redes sociais. É preciso compreender como esses elementos se constituem e como atuam os canais/perfis, influenciadores digitais, assim como se comportam as redes sociais e o algoritmo, de maneira que isso afeta a produção de conhecimento na sala de aula.

Essa pressão se representa no quanto a cultura letrada e o uso da palavra enquanto ferramenta, composição básica para a comunicação dos seres humanos, vem sendo sufocado pelo audiovisual. A interatividade é uma marca também desse audiovisual do século XXI: *YouTube*, *Instagram* e *TikTok*, disputam o espaço virtual e a atenção de sua audiência através de conteúdos gerados a partir de vídeos, *memes*, músicas, danças, mensagens, interatividade e jogos eletrônicos.⁴⁵ As operações de leitura e escrita não se limitam mais apenas ao texto, ao código escrito propriamente dito. Novos códigos e capacidade de leituras são exigidos. Diante disso, a competição que a sala de aula sofre com as novas mídias e redes sociais a torna mais deslocada, mais distante de sentido para o aluno. A apatia e o descaso com o saber se representa nesse descompasso entre o espaço virtual e o espaço escolar. Mais uma vez retomamos Paula Sibilia (2012) observa que novos “modos *performáticos* de ser e estar no mundo, mais aptos a agir ante ao olhar do outro, ou mesmo diante da lente de uma câmera (o reluzente universo da imagem), do que a se retraírem a sua própria interioridade (o mais antiquado império da palavra)” (p.72). A contradição dos jovens estudantes exibirem-se nas redes sociais através das diversas performances de comunicação criadas, danças, música,

⁴⁴ IDOETA, Paula Adamo. Pandemia deve intensificar o abandono de escola entre alunos mais pobres. **BBC**, 23de jul de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53476057>.> Acesso em: 10 ago 2021.

⁴⁵ Os jogos de videogame, por exemplo, deixaram o espaço do entretenimento apenas e ganharam o *status* de esporte, arte, *storytelling* e design. Pode ser um importante espaço de entendimento de como funciona a lógica da comunicação e do fluxo de informação para as novas gerações, pois nesses espaços outras formas de ser e estar no mundo estão sendo construídas.

games, paródias, *memes* e etc., e, no entanto, a dificuldade de encarar a si mesmo, seus sentimentos, é uma dos motes em questão que simbolizam o olhar que precisamos ter para entender como funcionam essas subjetividades.

Como podemos compreender papel do Professor de História em meio essas novas tecnologias e a sua relação com as novas formas de ser e estar no mundo dos alunos? Precisamos nos adequar e perceber melhor as características das conexões as quais esse estudante cria e se identifica para que a construção coletiva de um conhecimento seja direcionada para a formação com os alunos e as mídias com as quais se relacionam. Em conjunto, professores e estudantes podem desenvolver um olhar para uma leitura de mundo na qual se apropriem criticamente do conhecimento produzido a partir dos contextos desses suportes tecnológicos e midiáticos.

Esse novo tipo de leitura *transmidiática* exige que o indivíduo elabore estratégias para habitar o fluxo de informações entre as quais, se inclui a tentativa de se vincular aos outros para dar coesão à experiência. (SIBILIA, 2012, p.76)

Entender a complexidade dessas relações é necessário para pensar em propostas de como podemos lidar com o Ensino de História no contexto dos ataques constantes sofridos por distorções, negacionismo e falsificações da História. Não é apenas o desenvolvimento e do aprofundamento de um estudo teórico-metodológico, contudo, compreender o professor, os estudantes e suas relações com o ambiente aos quais estão inseridos e de que forma tais informações chegam até nós. Afinal, todos estão sujeitos ao peso trazido pela vida *online*.

Atualmente, o uso de canais e perfis online que trazem a informação junto com a opinião é a realidade do consumo de muitos que têm na Internet seu espaço de interação, entretenimento, consumo e de estudo. Mesmo entre os estudantes das instituições públicas de ensino básico as quais trabalho isso é perceptível. Entendemos que a disciplina escolar história deve possuir o papel de ter um ensino orientado para a vida, a partir da relação dos saberes, docentes e discentes. Nesta perspectiva, vivemos um momento de uma explosão da valorização do consumo de produções midiáticas baseadas em mitologias, narrativas e memória histórica, as quais são utilizadas para a justificativa de discursos de eventos político-sociais, principalmente no que se refere ao universo fora da Academia. Como bem nos lembra de Sonia Wanderley,

Esse fenômeno levou historiadores e outros cientistas sociais a cunharem a noção de cultura histórica, buscando abarcar um conjunto de narrativas produzidas não necessariamente pela historiografia, mas, por outras instâncias socializadoras,

tradicionais ou recentes, que vêm ganhando espaço na produção de significado para o passado. Refiro-me às mídias analógicas, mas, cada vez com maior vigor, às digitais; a instâncias estatais, ao cinema e demais linguagens artísticas, aos museus, etc. (WANDERLEY, 2019, p. 3).

Seguindo na esteira deste raciocínio, é preciso lembrar o papel do professor como historiador público também, que deverá dar sentido ao diálogo entre o saber escolar, a narrativa historiográfica, organizar as múltiplas práticas midiáticas envolvidas com os significados que são levados à sala de aula e que remetem a tensões e contradições das narrativas na construção das identidades na sociedade. Contudo, olhar para os canais pelo aspecto da História Pública e o seu consumo apenas como uma produção de divulgação, cursos e aulas online nos moldes para vestibular seria superficial

Assim, seria importante ter em mente que é necessário compreender os usos do passado a partir dos interesses daqueles que se apropriam da História. Caberia ao professor apenas pontuar esses elementos ao apresentá-lo ou trabalhar em profundidade com essa mídia em sala de aula? É importante acreditar em um papel ativo e instigador do educador em conjunto com os estudantes. Um aspecto extremo destaque para o professor é não se limitar a apontar o que foi feito de certo e errado no processo da construção do conteúdo – no uso da mídia ou da tecnologia em si –, todavia, demonstrar como foi feita essa análise sobre o passado e por qual motivo esse passado foi narrado dessa forma específica. Quais decisões foram tomadas para tal abordagem? Por que esse modelo definido? Quais as escolhas feitas entre o que deveria ser (ou foi) destacado e/ou esquecido? E por quais motivos se determinou tais escolhas? Ao Historiador/Professor caberia apenas traduzir esse material para o aluno? É possível, ao professor da sala de aula, mediar essa relação em outra forma de aprender História?

Reforço que este trabalho não pretende aqui assumir uma postura extremista seja exclusivamente crítica ou de idealização das redes sociais. Da mesma forma, assim como o seu papel relacionado à formação das gerações de jovens estudantes e também consumidores-produtores tratando-os, pejorativamente, como pessoas manipuladas e usadas. Tal linha de raciocínio apenas reforça noções de deterministas e que ignoram os interesses, valores, desejos, orientações, pressões e vontades de cada um dos atores envolvidos nestes cenários e disputas. Diante disso, não há como escapar das transformações que vêm ocorrendo com o avanço dessas novas tecnologias e como o conhecimento vem sendo construído e divulgado na Rede. Assim, é necessário refletir e compreender qual é o papel do Professor de História diante do desafio que a Internet e suas múltiplas facetas nos impõem.

Assim, perante uma gama de papéis que podemos assumir neste contexto, seja como mediador, como autor, educador, professor e pesquisador, tendo em vista que o ambiente escolar também é atravessado pela influência dessas novas formas de lidar com o binômio informação/conhecimento na rede, não podemos nos furtar de nos arriscar entender esses fenômenos.

Retomamos a percepção de que desde a última década do século XXI houve um crescimento estupendo do interesse do público não especializado pela produção dos estudos históricos no Brasil. O consumo desses trabalhos que se tornaram rapidamente *best-sellers* contextualizou-se como um nicho de negócio muito bem apontado por Jurandir Malerba (2014). Esse crescente interesse público deu cria de obras com características de narrativas específicas “história no formato de saga; nas veladas explicações históricas, ênfase na psicologia dos personagens, que são condenados ou absolvidos como heróis ou parvos de mau-caráter” (MALERBA, 2014, p.37). Esse modelo parece encontrar um terreno fértil na internet e nas redes sociais, pois funciona a partir da mobilização de emoções e afetos, o que cria laços com o público consumidor. Isto ajuda a manter o público fidelizado a uma narrativa que vai sendo construída de forma a cumprir as expectativas aguardadas por essa audiência. Não existe um convite ao leitor para uma reflexão sobre o que é abordado e a forma como as fontes são trabalhadas, não há essa preocupação por parte de alguns canais de *YouTube* que se orientam no sentido de uma única e acabada, como no caso o Brasil Paralelo.

Tendo em vista as análises que fizemos acerca do contexto em que se desenvolve o canal Brasil Paralelo e a forma como ele constrói o *seu sentido* de História enquanto uma ferramenta discursiva para dar um direcionamento ideológico ao seu trabalho, mesmo que reafirme constantemente que não o é. Então, precisamos pensar em mecanismos de desenvolvimento de como o professor deve agir diante dessa constante ameaça que se tornou a pós-verdade e as *fake news* no século XXI, o que transformou as redes sociais em mar revolto de negacionismo e revisionismos.

A concepção de história enquanto ciência vem sendo ameaçada por esse processo. Como enfrentar a distorção causada por essa “história-produto” a qual o Brasil Paralelo se utiliza para distorcer e recriar narrativas de acordo com seu projeto político e ideológico? Como o professor de História poderia pensar a sua didática em tempos em que o estatuto científico da verdade pode ter seu sentido distorcido, retorcido e reconfigurado de acordo com um projeto político? Como é ser professor e ter que lidar com fontes que se vendem como divulgação histórica dentro de uma única perspectiva possível real e que os alunos tem acesso com maior facilidade e entendimento?

A partir desta visão é importante compreender como são mobilizadas as fontes, as memórias, as emoções e as identidades de acordo com este projeto político e ao que ele se propõe a criar. Em face ao processo pelo qual as memórias se constituíram na construção de uma demanda por modelos de outras narrativas históricas direcionadas para noção de alteridade e de pluralidade de identidades, sendo que, anteriormente, eram pensadas apenas pelo ponto de vista de uma universalidade para formar o conceito de uma nação. Tal conceito buscava estabelecer uma amenização das diferenças étnicas na construção do Brasil. (SILVA, 2017). Da mesma maneira vemos o uso da História nas redes sociais como forma de ressuscitar esse pensamento padronizado carregado de sentimento do patriotismo.

É nesse caminho que se relacionam o negacionismo com o estabelecimento da nova direita muito ativa nas redes sociais enquanto discurso e projeto político, onde se encontra “um clima dedicado ao passado, mas que recusa a legitimidade da história como conhecimento” (SOUSA, 2022, p.3). Ou seja, mesmo que seja cada vez mais acessada, a história é utilizada apenas como um recurso narrativo pessoal no qual se busca adaptá-la ao modo de pensar aproximado de emissor e receptor. Desta forma, se cria uma realidade consumível, sem que haja um questionamento mais profundo da audiência de como se chegou a esse raciocínio.

A tensão gerada por conta de disputas de sentido e compreensão dos sinais de memória que são demandados por distintos grupos sociais, e que atualmente, reivindicam o direito de lembrança ou esquecimento da publicidade dessas memórias é impossível de se ignorado por profissionais da área de História. O que reforça a reação dos projetos políticos negacionistas e revisionistas que se sustentam a partir de um duplo movimento: a desqualificação da História tal como ela é trabalhada no seio da universidade, contudo, argumentam para si uma autoridade para retificá-la e aprimorá-la. (FONTOURA, 2020). E isso inclui trazer para sala de aula com os alunos a discussão de como isso se estabelece.

Diante desse aspecto é importante trazer a concepção do sentido do que significa estudar e ensinar história. Durval Albuquerque (2012) nos aconselha sobre fazer defeitos nas memórias. Em um momento no qual a história da historiografia e o ensino de história são de tal forma pressionada, para o bem ou para o mal, a partir dos usos e abusos da memória, tendo a concordar que esse conselho é mais do que bem-vindo.

No caso específico do Brasil Paralelo percebemos esse tom conservador no qual se busca ressuscitar os elementos de um passado nacional glorioso, baseado em “heróis” e uma mítica nacional em um flerte com a historiografia positivista. Entendemos então ser fundamental retomar o papel protagonista de professor e investigador, em conjunto com seu

aluno, para desconstruir, desfazer e refazer os percursos e os norteamentos que essas memórias se sustentam. Identificar nelas em que solos se assentaram se estão firmes ou não, testar seus suportes. (ALBUQUERQUE JR, 2012).

Um ponto importante a ser destacado é a maneira como a História passa a ser consumida nos últimos anos e de como ela vem sendo apropriada nas redes sociais como um produto pronto para consumo, como um serviço *on demand* e personalizado. (TURIN, 2020). Canais como o da produtora Brasil Paralelo se apresentam dessa forma. Inclusive fundeia seu argumento de não usar dinheiro público no financiamento de seu canal, como forma de justificar uma face “apolítica e apartidária”, mesmo que apenas superficialmente⁴⁶.

Canais no *YouTube*, perfis de *Instagram*, vídeos de *TikTok*, páginas de *Facebook* e programas de *Podcast* proliferam nas redes a se vender como produtores de conteúdo – o que reforça a lógica da história-produto – ainda que se busque passar a ideia da divulgação científica.

Uma forma de viver e específica de se relacionar no mundo digital passar a existir com o desenvolvimento do sistema algorítmico e das plataformas. Estas se alimentam dos dados produzidos por cada um de nós, tanto como consumidores quanto produtores. O direcionamento do conhecimento, da produção da informação e da forma de se comunicar não existe sem passar pela lógica de captura de dados criada pelo Google e que se expandiu para outros aplicativos. É algo indispensável para se entender a conduta da publicidade nas redes. (Cf. HAN, 2018; MOROZOV, 2018; SILVEIRA, 2019).

Para oferecer o que as pessoas buscam, era preciso saber o máximo possível sobre cada uma delas. Isso permitia que plataformas oferecessem a seus usuários aquilo que pudesse “melhorar sua experiência” e torna-las “mais confortáveis” para atraí-los por meio de notícias e anúncios. Os algoritmos forma decisivos para a **concentração das atenções** na internet em alguns nós, sites e plataformas colossais. (SILVEIRA, 2019, p.7). (*grifo meu*).

⁴⁶ Esta questão é importante, uma vez que em 2020, a produtora foi citada em reportagem sobre ter gasto mais de R\$ 319,8 mil em anúncios de Facebook e Instagram no período de agosto a setembro com o objetivo de angariar novos membros para serem apoiadores do canal. ALVES, Fernanda e SACONI, João Paulo. Produtora apoiada por bolsonaristas é campeã em anúncios de cunho político no Facebook; saiba valores. Sonar – A Escuta das Redes. Blog. Publicado em 23/09/2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/brasil-paralelo-e-campea-de-gastos-com-anuncios-de-politica-no-facebook-para-vender-assinaturas.html>> Acesso em: 29/05/2021.

Esse mote foi usado para um vídeo que publicado no canal em 18 de dezembro de 2020, usando o testemunho de membros que se dizem orgulhosos de financiarem o canal, no entanto, chama atenção uma declaração deles que diz “me identifico muito com o trabalho da plataforma, especialmente no que diz respeito à História do Brasil, por entender que boa parte dessa história me foi negada nos anos escolares”. Ou seja, se retoma e reforça o sentido de que a escola/professor negou a História do Brasil aos brasileiros.

Entendemos que, de fato, a história enquanto disciplina escolar, por mais que seja questionada nas redes sociais, não significa necessariamente que haja um desinteresse pelo passado. Muito pelo contrário, este interesse vem se intensificado ao longo dos anos – principalmente em aspectos da cultura pop onde é possível criar pontes com as salas de aula. A história enquanto no sentido da aparência, curiosidade e pitoresco ainda vende muito. E mesmo que seja desprezado – na acepção do senso comum –, o passado é um objeto de consumo atualmente. E ainda que o seja, é a partir de uma produção que sintetizada e delimitada de uma narrativa específica para justificar um determinado argumento ou posicionamento ideológico. Neste sentido há um olhar para que as ideias sejam objetos de consumo e àqueles que a buscam, querem ser tratados assim, por pensarem dentro da lógica que foram ensinados melhor: como consumidores. O consumidor/cliente quer serviço, deseja ser nutrido e até mesmo a história, principalmente quando orientada apenas com narrativas sem reflexão, procura satisfazer os desejos íntimos de autorealização desse sujeito. É aqui, que esta história produzida nas redes sociais ataca um elemento importante para o ensino de história e que favorece o reconhecimento do outro, do diferente: A perspectiva.

[...] Em vez de ter a perspectiva como um caminho para a reflexão e o debate público, redes sociais privadas e a nova direita falam da perspectiva como um direito que, na prática, é a anulação do gesto crítico que o conceito de perspectiva pressupõe. (SOUSA, 2022, p.3).

Então como lidar com esta questão? Entendemos que cabe ao profissional de história não se distanciar do debate. De uma maneira ou de outra estaremos diante dela, uma vez que somos questionados pelo posicionamento constante em quase todos os assuntos. Contudo, o professor precisa perceber a seara na qual está adentrando. Entender o funcionamento da lógica da internet e como as redes sociais privadas tem se utilizado dos espaços virtuais para decidir qual a pauta deve possuir o maior destaque de acordo com a sua realidade de sala de aula e da comunidade escolar na qual está inserido.

Na atual conjuntura do que estamos vivendo existe um ambiente de disputa. Este embate se faz no espaço público virtual entre a história enquanto disciplina e divulgação científica e a história enquanto um produto comercial. Essa disputa se dá no cotidiano do ciberespaço, onde canais de *YouTube* se tornaram os veículos de comunicação que buscam se apresentar como uma alternativa para além da mídia tradicional e que respinga o espaço da sala de aula. Rodrigo Turin (2020) aponta que essas modalidades de história estão em

confronto dentro de um mesmo tempo cronológico, ainda que não dividam valores da contemporaneidade.

A história disciplinar e a história como serviço encontram-se, assim, confrontadas em um mesmo tempo cronológico, sem que sejam propriamente contemporâneas. Elas habitam temporalidades. Elas habitam temporalidades distintas, conformadas por diferentes linguagens. O tempo da cidadania, da emancipação e da dúvida, com suas condições institucionais, coloca-se em tensão com o tempo acelerado do consumo, das certezas predispostas, otimizadas pelo funcionamento das grandes plataformas digitais, e da privatização da representação histórica. Como cada uma dessas modalidades de representação histórica vai conseguir fazer valer o seu próprio tempo, com suas respectivas configurações sociais implícitas, é uma história em aberto. (TURIN, 2020, p.34).

É diante desta “história em aberto” que o professor de História se encontra desafiado. Nesse ambiente, nos encontramos em um conflito que nos direciona o nosso olhar para dentro de nós enquanto profissionais historiadores. Em um parêntese rápido, destaco o fato de quanto o processo de regulamentação da profissão de historiador vem sendo estruturado a partir das noções de mercado, como bem apontou em outro artigo Rodrigo Turin (2018).

O projeto é para regulamentar a profissão do historiador, definindo certas condições mínimas de formação universitária para o exercício da atividade, assim como a necessidade de órgãos e instituições terem em seus quadros esses profissionais regulamentados, caso elas exerçam algum tipo de “serviço em história” (termo do projeto). O que especificaria propriamente esse ramo de “serviço em história”, ou como ele seria determinado posteriormente, não é exposto no projeto, mas o termo em si parece indicar uma preocupação de aproximar a profissão das tendências contemporâneas do mercado, como o “setor de serviços”, marcado tanto pela diversificação das mídias e dos espaços de consumo do passado, como por contínuas transformações nos postos de trabalho; daí, também, a impossibilidade mesma de determinar, de antemão, como “projeto”, o que especificaria o trabalho de “serviços em história”. (TURIN, 2018, p.197)

Que “serviço” de História é esse? Seria o professor/pesquisador de História contratado para documentários, programas midiáticos, consultoria histórica? O quanto o profissional de História teria controle sobre seu trabalho, sendo ele um “serviço” feito pelo interesse de um “cliente”? Note-se que a própria produtora analisada no capítulo anterior entende o peso da autoridade do historiador e usou disso ao distorcer a essa noção com o intuito de confirmar expectativas dentro de uma narrativa de interesse próprio e do “público” que demanda esse conteúdo – vide as chamadas do canal que sempre destaca que as produções são financiadas pelos seguidores e que busca ensinar sobre o Brasil para todos os

brasileiros – porém a abordagem de marketing privilegia a tática do *freemium*⁴⁷, o que demonstra um contrassenso ao discurso veiculado na propaganda de cursos usando uma retórica idealista de salvação da pátria a partir de um projeto educacional não doutrinado pela esquerda.

Sendo assim, para retornar a questão de que estamos vivenciando um desafio frente ao que se apresenta como essa história-produto, onde as empresas como o Brasil Paralelo e figuras públicas de destaque no meio editorial borram as fronteiras entre o mercado e da política, da ciência e da religião, do público e do privado, envolvendo tudo no mesmo balaio. É diante dessa configuração que o professor de história se vê tensionado, em uma disputa extremamente desigual entre o espaço virtual e o da sala de aula. Dentro de uma lógica disciplinar da história é muito mais complexo e difícil enfrentar esse tipo de desgaste causado pelas distorções históricas promovidas por sites e canais de *fake news*. Ao mesmo tempo em que precisamos lidar com a demanda de um aluno que, com pouca leitura, com pouca experiência de vida e com pouco o tempo de estudo da disciplina na grade curricular traz questionamentos e detalhes de um recorte muito específico das redes sociais. Como organizar o ensino de história que busca uma narrativa quase global com detalhes específicos que os alunos trazem? É possível lidar com isso?

Conforme avança essa perspectiva de consumo da história, podemos observar a difusão de uma cultura de memória energizada por uma indústria cultural que se apropria da própria memória e a mercantiliza, sendo elas consumidas de maneira rápida, o que cria uma ambivalência de fascínio pelo passado e, ao mesmo tempo, um esvaziamento do seu significado histórico. (GUMBRECHT, 2011). São desafios como esse que o professor de História precisará se atentar ao longo do século XXI. Aprender a lidar com esses fenômenos parece ser a tônica de refletir sobre a prática de Ensino de História. É com este pressuposto que pretendo apresentar aqui uma metodologia de análise de um canal do YouTube que seja capaz de elucidar questões para professores

Para além dos canais negacionistas, obviamente existe muita produção relevante e adequada na internet. E ainda bem para o professor. Este é um espaço que precisa ser entendido como uma esfera política em disputa. Dito isso, é possível encontrar tanto material que se concentra no conteúdo voltado para vestibular quanto o que possui a qualidade de

⁴⁷ Modelo de marketing digital que busca oferecer serviços de graça em um primeiro momento com o objetivo de captar consumidores/clientes do produto/serviço oferecido. A partir das leads (os dados do cliente do produto oferecido gratuitamente) obtidas gera um banco de dados de possíveis clientes. Aplicativos como Spotify e Dropbox são exemplo de *freemium*. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/estrategia-e-gestao/modelo-freemium-spotify/>> Acessado em: 25 de maio 2021.

pesquisa, ensino e objetiva uma divulgação científica sem perder o rigor acadêmico. São materiais que podem e devem ser levados em conta por professores e estudantes, seja do ensino básico ou superior, para pensar o seu desenvolvimento e a sua relação com a história disciplinar.

A partir do que é proposto no desenvolvimento da reflexão deste trabalho, desejo construir enquanto produto uma metodologia de análise para utilização das redes no ensino de história, em seus impactos positivos para o ensino aprendizagem de história na escola hoje. A produção de conteúdo na web pode ser orientada para os alunos, assim como para os professores pode ser uma boa fonte de inspiração, críticas, reflexão e aprofundamento para desenvolver um procedimento próprio de acordo com a necessidade de suas turmas e sua realidade social. Da mesma forma que, com os próprios alunos bem orientados, podem eles mesmos trazer enriquecimento à sua reflexão com temas históricos de seu interesse e que traga sentido para a sua existência pessoal.

Assim, apresentarei alguns modelos que caminham na direção de uma produção histórica séria e que pode ser apresentada enquanto contraponto ao que é produzido pelos canais negacionistas.

Da mesma maneira que é necessário treinar o nosso olhar para compreender e aprender a ler as fontes históricas em todas as suas variações, o mesmo deve valer para obras midiáticas baseadas na história e em como elas se relacionam com a realidade, é importante exercitar o olhar para a leitura do conteúdo produzido nas redes sociais. Desta forma, saber como selecionar, criticar, analisar, excluir e destacar aquilo que é importante, oferecendo e ensinando ao aluno desenvolver estas ferramentas. Isto não apenas reforça a ideia de que precisamos aprofundar e estimular o pensamento crítico do discente sem cair na problematização vazia e sem objetivo, o que evita se precipitar em modelos ideais e superficiais que alimentam fantasias de perfeição, onde ninguém teria direito de errar. Especialmente em um momento em que há uma disputa nas relações de poder que envolvem os modos de lidar com as relações de gênero, etnia, classe, religião e consumo ao ponto de que novas formas de segregação e violência simbólica se batem na mesma medida em que buscamos, no ensino de história, valorizar a pluralidade e a tolerância. (DUNKER, 2017)

A base da escolha destas plataformas digitais – entendidas enquanto instrumentos pedagógicos digitais – não se fundamentou apenas no sentido da História Pública e Digital, e sim no objetivo pedagógico. Era mais importante pensar os limites e as possibilidades de como o professor pode se apropriar e lapidar esse material para sua sala de aula e dialogar com seus alunos. Outro aspecto levado em consideração foi a partir da noção do estímulo ao

pensamento crítico, capacidade de dialogar com pluralidade de relações e ideias e que pudesse render reflexões ao professor e aos estudantes no que tange a como proceder acerca do que é produzido e apropriado da história na Internet.

Com apresentação de temas diversos e debates apurados com professores-pesquisadores que esmiúçam o tema, o *LeituraObrigaHistória*⁴⁸ é uma marca reconhecida na própria Rede como um bom trabalho de ciência em História no YouTube⁴⁹ e que, atualmente, é um podcast, o História FM⁵⁰. Partindo dessa característica específica do canal, cabem dois olhares: sobre o *YouTube* e *podcast*. Contudo é importante observar que, embora cada nicho midiático tenha as suas especificidades, existem pontos em comum e nos quais eles se tangenciam acerca do seu trabalho histórico. Outro ponto importante é que a autoridade⁵¹ que foi desenvolvida pelo canal no *YouTube* e seus produtores durante o período de seis anos desde a postagem do primeiro vídeo foi fundamental para o sucesso do mesmo enquanto referência. O que facilitou o processo de transição para outra mídia⁵².

No *YouTube* e, posteriormente, no *podcast* se busca desenvolver tópicos que consideramos importantes para este estudo. Os episódios se caracterizam a partir de uma

⁴⁸ Na descrição do canal ele se define da seguinte maneira: “O Leitura ObrigaHISTÓRIA é um canal dedicado a História Pública e demais Ciências Humanas, focado em vídeos expositivos que buscam levar conteúdo acadêmico a públicos mais amplos. O canal é formado por Icles Rodrigues (historiador e mestre em História pela UFSC), Luanna Jalles (historiadora formada pela UFSC) e Mariane Pisani (formada em Ciências Sociais pela UFSC, mestre em Antropologia pela UFSC e doutora em Antropologia pela USP, atualmente professora na UFT).” Cf: <<https://www.youtube.com/c/obrigahistoria/about>>.

Embora o canal tenha tido seu último vídeo postado há mais de um ano e conta com alguns áudios do podcast postado, ele não tem mais atualizações. Mas seu número de inscritos passa dos 400 mil. É um número considerável tendo em vista que é um trabalho sem patrocínio fixo de grande porte e que apenas conta com um regime de apoiadores voluntários via aplicativos de *crowdfunding*, como o Apoia-se.

⁴⁹ Durante um curto período o canal esteve em parceria com a *ScienceVlogs* Brasil, um perfil no YouTube que aglutina canais de divulgação científica em geral, envolvendo canais de Ciências Exatas e Humanas, como um “selo de qualidade colaborativo que garanta informação científica de qualidade, confiável e relevante.” Infelizmente a última atualização no perfil se deu há dois anos atrás, porém é possível acessar o link dos canais parceiros deste selo de qualidade. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ScienceVlogsBrasil>> Acesso em: 23 abr 2022.

⁵⁰ Atualmente o canal do *YouTube* encontra-se suspenso e sem atualizações por escolha do seu idealizador. Contudo o projeto se tornou um *podcast* – História FM – capitaneado pelo Prof. Icles Rodrigues e que se tornou o projeto principal de divulgação científica em História do canal, com professores especialistas esmiuçando temas específicos em entrevistas e debates com um ou mais convidados. Meses depois surgiram projetos “irmãos”, com outros apresentadores, mas que levam a marca *LeituraObrigaHistória*: Colunas de Heracles (História Antiga), Estação Brasil (História do Brasil), Historiconomia (História Econômica), História Noturna (uma espécie de coluna pessoal e Historicamente Correto (Um programa de debates sobre adaptações cinematográficas baseadas em eventos históricos ou de destaque midiático).

⁵¹ Conceito que tem origem no Marketing Digital onde o produtor de conteúdo se desenvolve dentro de um nicho de mercado ao ponto de se tornar reconhecido pelos seus seguidores/consumidores como uma “autoridade” no assunto. “[...] Isso acontece porque quando uma pessoa ou uma marca educa seu público, além de conquistar sua confiança, demonstra propriedade sobre os assuntos tratados e que se relacionam ao seu produto ou serviço. Isso é o que chamamos de autoridade.” Disponível em: <<https://academia360.eduzz.com/glossario/o-que-e-autoridade-digital>> Acesso em: 8 mar 2022.

⁵² Pesquisa realizada no final de 2020 pelo idealizador do História FM, Icles Rodrigues, e que teve seu resultado divulgado no site em janeiro de 2021. Disponível em: <<https://leituraobrigahistoria.com/quem-sao-os-ouvintes-do-historia-fm-resultado-da-pesquisa/>>. Acesso em: 8 mar 2022.

variedade de temas, de recortes temporais, conceituais e a busca por uma abordagem mais plural faz do canal uma ótima fonte para reflexão de como se abordar e pensar a História em conjunto com os estudantes. Diante dessa possibilidade, o professor deve ser capaz de ler também o que o canal oferece em termos de conteúdo e, assim, criar e utilizar dentro da sua realidade da comunidade escolar, de acordo com a demanda dos alunos e os objetivos a serem alcançados na sala de aula. E o que é um podcast? Basicamente, como próprio professor Icles Rodrigues explica:

“A palavra podcast surgiu da junção de dois termos: *iPod* e *broadcast*. Enquanto o primeiro é dispositivo de reprodução de som, o segundo significa transmitir e difundir. Isso, no entanto não explica exatamente o que é um podcast. A forma mais didática que os produtores de conteúdo para podcast encontram para explicar o que é essa mídia é dizer que se trata de ‘um programa de rádio que você, inclusive podendo fazer o *download*’. E de certa forma essa definição consegue dar uma ótima noção para públicos mais amplos do que é essa mídia” (RODRIGUES, 2021, p.177-178).

Esta mídia se mostra dinâmica em termos de formato. As possibilidades de programas são muitas. Desde programas narrativos, novelescos, de entrevistas individuais ou em grupo, de debate, notícias, dentre outros. Essa versatilidade demonstrada pela mídia abre uma série de possibilidades a serem pensadas na produção de reflexões sobre o aspecto do ensino de história em tempos digitais. Outro aspecto a se levar em consideração é o fato de poder fazer o *download* o episódio desejado e ouvir quando quiser. Esse fator é considerado importante de acordo com o professor Icles devido à “possibilidade (de) serem consumidos fazendo menos uso de dados de internet móvel e, por isso, acabam sendo mais acessíveis, especialmente nos casos de uma conexão de baixa velocidade ou com limite de tráfego diário” (RODRIGUES, 2021, p.178). Para indivíduos com limitações tecnológicas ou de acesso à rede, esta opção é um destaque positivo no sentido do consumo dessa mídia. Outra característica positiva do uso do podcast é a mobilidade. Cada vez mais, o uso do smartphone como ferramenta de conexão à internet, abre a possibilidade do consumo do programa de áudio no trânsito, em conjunto com tarefas domésticas, no caminho da escola/universidade. Tendo em vista os estudantes que trabalham pode ser uma ótima forma de complementar o aprendizado da disciplina.

Como nenhuma mídia ou ferramenta é perfeita, de aspecto negativo, Icles aponta o problema de inclusão para pessoas deficientes auditivas, da mesma forma que vídeos excluem indivíduos com deficiência visual.

Não cabe aqui discutir ponto a ponto, nem analisar detalhadamente o repertório de vídeos e episódios de *podcast* produzido por este canal. Contudo, consideramos importante entender como esse modelo de trabalho nas redes sociais se difere do que é produzido por canais negacionistas. Tanto dentro quanto fora da sala de aula, não basta simplesmente mostrar como cada canal se comporta, o modo como distorce uma notícia ou aproveita a forma como os meios de comunicação reduzem o mundo um conjunto limitado de informações, sem diferenças entre verdades e mentiras (SOUSA, 2022). Esta padronização que faz a informação e a não informação circular criam respostas rápidas e que são adaptadas ao gosto da audiência que se pretende atingir. Estar atualizado dentro desse recorte não reflete o que é o mundo real em sua complexidade e níveis de variáveis.

Aqui se percebe o peso do algoritmo na distribuição da informação, de modo a desvirtuar a relação entre acesso aos dados e geração de conhecimento. O que leva o indivíduo/consumidor a tomarem como verdade as informações distorcidas.

“As redes sociais e seus sistemas algorítmicos podem estar ajudando a corroer esse conjunto mínimo de informações, o conhecimento político comum, à medida que garantem a proliferação de ondas de desinformação que desvirtuam fatos e reforçam convicções preconceituosas disseminadas em diversos grupos sociais. Com as tecnologias de big data e a economia de dados pessoais não seria difícil encontrar indivíduos e segmentos que poderiam ser sensibilizados por teorias infundadas que passariam a adquirir um status de fato objetivo, mesmo que distantes da realidade” (SILVEIRA, 2019, p.93).

Aquilo que nos parece plausível e real está ligado à confiança nos meios de comunicação a partir da previsão do que pode ser ou não notícia e ao aprofundarmos essa reflexão, é neste sentido que os algoritmos e as redes sociais se relacionam com a expansão do negacionismo e das notícias falsas. Ao reduzir o mundo apenas a comunidade na qual estamos relacionados, ficamos presos a uma bolha que nos coloca em um circuito apenas sendo atualizado pelos mesmos ciclos de notícias e informações. Se o algoritmo pode ser alimentado de tal forma a reforçar crenças, sentimentos e afetos, ligados a valores morais pessoais entrelaçados nas bolhas das redes sociais, é neste ponto que se precisa estar preparado para lidar quando o que acontece (ou seria viralizar?) na internet transborda em uma via de mão dupla entre mundo virtual e a vida real. (Cf. KAKUTANI, 2018, SILVEIRA, 2019, SOUSA, 2022).

Isto nos serve, da mesma maneira, para pensarmos nas pequenas violências que atravessam o nosso cotidiano em ambiente das redes sociais e de “sites de notícias”, seja de gênero, raça, credo, onde esperamos “ansiosamente” quando acontecerá a próxima crise que

nos mantém presos a discussões pontuais. A consequência disso é naturalização dessas violências, tornando mais difícil ainda o debate estrutural da situação a qual vivemos, onde a resistência daqueles que são ressentidos pelos oprimidos ocuparem seus espaços.

É necessário criar uma cultura de leitura crítica da mídia digital para lapidar o olhar tanto do professor quanto do estudante de forma a que seja fundamental perceber alguns pontos que colaboram, aprofundam e sustentam a crítica ao conteúdo. Para isso é necessário compreender os pontos positivos do que fazem esses produtores de conteúdo de maneira a valorizar o trabalho de pesquisa sério e profundo acerca da história disciplinar.

Nosso olhar, enquanto professor e estudante, deve se direcionar para apreender de que maneira a história é apropriada na internet, ao mesmo tempo, ler quais mecanismos de aprendizagem nas redes sociais estão sendo utilizados para este aprendizado. Atualmente, é necessário saber interpretar novas formas de comunicação e expressão do mundo digital e, com isso, instituir uma leitura crítica da mídia com a qual o professor, no século XXI, terá de se preocupar, seja em qual segmento educacional ele estiver.

Pode a História e o Ensino de História redemocratizar as redes sociais? A pergunta é ousada. É uma tarefa que não pode ser considerada de maneira simples. Talvez seja até considerada utópica. No entanto, reconhecer os papéis dos canais, dos perfis voltados para o consumo da história nas redes é o primeiro passo para reconhecemos a capacidade de disputar esses espaços que tem sido ambientes em que se reforçam uma visão unilateral da ciência histórica.

Ao retomar nosso olhar para o projeto já mencionado, podemos traçar um perfil dos programas tanto do LeituraObrigaHistória quanto do História FM. Nas duas plataformas fica claro que se objetiva um diálogo acadêmico, de divulgação científica da História com uma forte aproximação da História Pública. A moderação dos comentários é justificada na abertura dos vídeos a partir dessa aproximação de emular o ambiente acadêmico. Os vídeos com maiores interações⁵³ do canal – e que, portanto, são destacados pelo algoritmo da plataforma – são os que abordam questões conceituais das Ciências Humanas⁵⁴. Chama atenção esse destaque a partir das projeções do algoritmo em vídeos publicados entre três e cinco anos atrás mostra o quanto a disputa política acontece no meio virtual. Certamente aqueles que buscavam conhecer melhor tais conceitos há cinco anos já estavam esbarrando com as

⁵³ Esta medida é calculada pelo algoritmo da plataforma que se baseia no número de *likes*, comentários e compartilhamento do vídeo, definidos pela aba “mais populares/vistos”, dentro da linha do tempo de vídeos.

⁵⁴ Os três vídeos com maior interações são: *Como se definem Esquerda e Direita?* (<<https://youtu.be/PAqZbDPXkXA>>); *O tripé da Sociologia: Durkheim, Weber e Marx (Com Sabrina Fernandes)* (https://youtu.be/T_tUOFvGEWg); *O que é Anarquismo?* (<https://youtu.be/QxnYtyJxEfs>).

discussões acerca da Esquerda e Direita e os demais espectros políticos no contexto da corrida presidencial brasileira de 2018.

A decisão de mudar de plataforma foi justificada pelas constantes alterações nos moldes de atuação do algoritmo do *YouTube*, o que acarretou a não distribuição do material da mesma maneira que canais maiores e com muito investimento externo. Esta percepção da ação algoritmo na maneira como a informação é acessada e como isso pode influenciar as decisões políticas de modo a afetar o desenvolvimento da democracia já vem sendo discutido e sentido por muitos produtores de conteúdo online e pesquisadores das Ciências Sociais e Tecnologia. (Cf. GOMES, 2018; MOROZOV, 2018; SILVEIRA, 2019). Esse aspecto fica claro também em como as plataformas favorecem o crescimento de canais que se aproximam de uma visão neoliberal e de extrema-direita. Ao facilitar o crescimento e expansão de canais e materiais desse teor, a plataforma não age da mesma forma em relação ao espectro oposto, principalmente pelo fato de que são de pequeno porte e menor investimento na compra de tráfego de dados na plataforma. O que reforça intensamente e já conhecido dilema na disputa consumidor x cidadão coloca em cheque o que é realmente liberdade nas redes sociais, já que o próprio aspecto de “dar voz a todos os lados de uma questão” é tratado em todas as suas nuances, assim como as ferramentas utilizadas para isso, como elementos de marketing e mercadoria (SOUSA, 2022). Isto ainda fortifica o comportamento de “torcida” deste indivíduo que consome opiniões e pontos de vistas ideológicos única e exclusivamente por desqualificar qualquer ponto que identifique o campo ideológico que ele considera oposto (KAKUTANI, 2018).

Diante de todo o enfrentamento e dificuldade para expandir a audiência do canal do *YouTube*, uma vez que o algoritmo não favorecia. A opção foi migrar para outra mídia. A partir desta decisão do produtor, em maio de 2019, foi ao ar o primeiro episódio do podcast História FM. O programa passou a ter uma maior aproximação acadêmica, com entrevistados especialistas, professores e pesquisadores universitários, o que tornou mais dinâmico e profundo o debate e relação entre academia e o público da internet. Esta preocupação de ser fonte fica mais clara ainda ao acessar os episódios a partir do site oficial da produtora. O compromisso com a produção científica da história pode ser notado na postagem de cada episódio a presença da sua ficha técnica com as referências variadas que foram citadas pelos entrevistados, com links, caso esteja disponível online e a formatação para a citação do programa nas normas da ABNT⁵⁵.

⁵⁵ Diferentemente do que encontramos no site da produtora Brasil Paralelo, mais focado no olhar individual e valorizando a opinião e a experiência pessoal dos entrevistados, com pouca ou nenhuma fonte citada, com uma

É importante reforçar o quanto a pesquisa, o método e o procedimento do fazer histórico está presente em todo trabalho do historiador/comunicador. O material desenvolvido por toda a família de podcast mostra o destaque de ter esses elementos de referências. O que se reflete na audiência, sendo constatado pela pesquisa feita com a audiência do canal⁵⁶. Com isso, temos dois pontos a destacar: 1) o fato de que boa parte da audiência se compõe na faixa etária de 18 a 44 anos de maneira bem distribuída e 2) por conta disso, a maior parte do público consumidor responderam como graduados ou graduandos não apenas de História, e sim, de diversas áreas. Acadêmicos de alto grau aparecem em uma porcentagem baixa. O material não é tão consumido por estudantes do Ensino Fundamental e Médio, talvez por serem programas longos e com muito debate específico e para uma geração com muita dificuldade de concentração. No entanto, acreditamos que isso não deve impedir o professor, seja de qual for seu nível de Ensino, trabalhar com seus alunos e mostrar como procedimentos com as fontes na era digital podem ser usadas para uma aprendizagem histórica (MORAES, 2018). Pode ser uma forma de aprofundamento de algum tema específico ao qual o professor pode orientar aos seus alunos.

Na mesma pesquisa do programa História FM anteriormente mencionada, chama atenção, o fato de que entre os episódios preferidos do público, a presença de quatro episódios referentes à teoria, metodologia e historiografia⁵⁷. O que atesta a importância dos métodos e procedimentos como ferramenta de enfrentamento a noção de que o conhecimento está em suspenso, neutro e pronto para ser consumido de maneira acrítica. A necessidade de potencializar o debate democrático nas redes passa pelo entendimento de como elas funcionam, mas também de como consumir a produção desses conteúdos, assim como conhecer como os saberes científicos são mobilizados.

Outro aspecto importante é entender como acontecem permanências que mantêm o presente em uma relação com múltiplos passados que estão sobrepostos. De que as disputas, reflexões, debates historiográficos, abordagens, fazem parte do desenvolvimento da análise científica. A dinâmica debate/entrevista dos programas de podcast valoriza a diversidade de passados abordados e das formas com as quais se referem aos mesmos. Essa dinâmica é importante para enfrentar problemática antidemocrática apresentada por canais como Brasil

postura de uma única e inquestionável verdade. Apresentam-se mais como uma retórica antiacadêmica, anticientífica e que tende a se apresentar como marca, com tendência a forçar uma conexão ideológica com sua audiência a partir de repetições de frases e palavras-chaves, ao mesmo tempo em que oferece o conhecimento como “serviço”.

⁵⁶ Quem são os ouvintes do História FM? Disponível em: < <https://leituraobrigahistoria.com/quem-sao-os-ouvintes-do-historia-fm-resultado-da-pesquisa/>>

⁵⁷ Os episódios são: “Revisionismo Histórico”, “História como Ciência”, “O que é Fascismo?”, “Orientalismo: história, críticas e métodos de um conceito”.

Paralelo, onde a noção de história reforça uma vertente que dialoga com a insatisfação de setores sociais com uma agenda política voltada para pluralidade e a participação das minorias. (PINHA, 2021)

Para enfrentar essa aparência monocromática da História produzida por canais negacionistas, é preciso abrir a possibilidade da utilização de toda a caixa de ferramentas do historiador, apresentando todo o espectro da paleta de cores nas quais os profissionais pesquisadores e professores possuem para contribuir para um uso democrático da História nas redes sociais. Neste sentido, o material demonstra ser importante para trazer novas reflexões para jovens graduandos e professores recém-formados ou experientes, de modo a não se desconectar tão radicalmente do debate e produção acadêmica ao adentrar no mercado de trabalho. Ao observarmos a variedade de temas e entrevistas com especialistas já produzidas, levando em consideração somente o História FM (Anexo I), a multiplicidade de assuntos e abordagens mostra a importância de trazer a todos que buscam o conhecimento histórico a capacidade de abordar de maneira plural e tentar privilegiar o máximo de pensamentos, olhares e leituras de mundo possíveis. É uma importante fonte se acreditamos que devemos pautar o ensino de história voltado para valores democráticos e a alteridade.

No que se propõe a possibilidade de desenvolver essa possibilidade de disputa, enfrentamento e busca de colocar a história nas redes sociais não apenas como uma forma de desenvolver o conhecimento acadêmico ou uma ferramenta de estudo para o vestibular. Mas também como um espaço de debate e de alimentar os valores democráticos necessários para que o indivíduo possa ter acesso a outras formas de existir no mundo e que estas possam ser reconhecidas como tal. Dar a possibilidade daquele que busca o conhecimento histórico nas redes sociais, a capacidade de refletir, conhecimento, questionamentos e acesso a pluralidade de ideias. Com isso, apreender que a história está ligada ao pertencimento de uma coletividade onde uma formação crítica seja voltada para a valorização da cidadania e debate dos problemas comunitários.

Se este objetivo de formação cidadã já existe como orientação para os professores desde os PCNs nos anos 90 (MAGALHÃES, 2003), precisamos reforçar o desenvolvimento dessa orientação para os ambientes virtuais e das redes sociais ainda mais no século XXI. Assim, passamos por um ponto importante que é a curadoria do material a ser utilizado em sala de aula ou como forma de complemento dos estudos com os alunos. Como nos diz Rodrigues (2020), o professor precisa chegar às redes sociais e a internet antes e não necessariamente apenas como produtor de conteúdo, mas como aquele que vai ser responsável por orientar e fazer a curadoria do material para a pesquisa.

Porém não basta apenas esse tipo de orientação. A orientação para o modo de fazer histórico, para compreender os conceitos e se sentir um ator histórico é importante na construção da relação entre professor, aluno, o conhecimento em construção e incentivar o desenvolvimento de uma sensibilidade por outras formas de ser e estar no mundo. Se canais como Brasil Paralelo investem em uma concepção de história monocromática, unipolar, cabe enfrentarmos esse direcionamento mostrando como a realidade é complexa e, com ela, a história. Se os canais negacionistas optam por fechar o debate, negar a diferença de ideias, então é preciso insistir no oposto. Ao mostrar como o olhar para história deve ser exercitado de modo a perceber o quanto a realidade é intrincada, disputada, politizada e o quanto ela está diante de nós no presente. É preciso desnaturalizar a noção de que a História não tem campos distintos e conflitantes entre si, da mesma maneira que ocorre com as Ciências Naturais. E que, assim como nestas Ciências, a História se constrói com idas e vindas de novos objetos, fontes e procedimentos, dentro de seus limites e possibilidades, o que não significa que outras vertentes teóricas sejam completamente superadas e esquecidas. Com um bom trabalho de edição de um episódio⁵⁸ é possível e estimular a reflexão sobre debate dessas correntes em sala de aula e aprofundar a reflexão sobre como cada canal/perfil que se autodenomina de conteúdo histórico se apropria do passado.

Por mais que seja uma tarefa complexa, abordar o fazer histórico nas redes sociais é um instrumento importante para desnaturalizar o entendimento de que a produção histórica e historiográfica se resume apenas ao marxismo, como tentam fazer crer os vídeos do canal Brasil Paralelo. A produtora Brasil Paralelo se aproxima muito da lógica do já citado projeto Escola Sem Partido onde o nexos neoliberal extremo, individual e de mercado se sobrepõe a qualquer interesse de uma educação que seja plural, com vistas a reconhecer o diferente, o outro, suas vozes, ideias, memórias e histórias.

Neste sentido é preciso destacar que precisamos enfrentar os ataques à História enquanto ciência, que se dá a partir da noção de isenção martelada pelo Brasil Paralelo e o Escola Sem Partido. Estes grupos visam tornar essa ideia presente no senso comum de modo a desqualificar o trabalho profissional do historiador. Assim, tornar presente na sala de aula e também no cotidiano das redes sociais o quanto existe de disputas teóricas e acadêmicas, da mesma maneira que ocorre com as Ciências da Natureza. Dois episódios do podcast História

⁵⁸ HISTÓRIA FM 035: História como ciência: quem é quem na Historiografia? Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Julio Bentivoglio. [s.l.] Leitura Obriga HISTÓRIA, 24 ago. 2020. Podcast. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/7JAhNIrS3ALzyRyNcmpjO>. Acesso em: 09 de maio 2022.

FM se complementam neste sentido e podem ajudar professores e alunos a um debate sadio sobre como lidar com o passado e suas interpretações

O episódio sobre Revisionismo Histórico⁵⁹ se mostra importante para desconstruir a noção de isenção científica da história. Trechos, a partir da mediação e debate com o professor, nos ajudam a compreender e apresentar como a teoria e a historiografia são espaços em que o debate, a discussão, a análise de outras vertentes, de outras leituras de mundo é o que favorece profundamente na construção do conhecimento. Se parece natural para um estudante do ensino básico registrar e apreender sobre as idas e vindas do processo de construção do conhecimento e de aprendizagem nas Ciências Naturais, isto precisa ficar bem claro que também existe esse mesmo processo de revisão e desenvolvimento de um conhecimento nas ciências humanas, especialmente na História.

Saber como funciona a metodologia do uso e análise das fontes, as formas de leitura e a evidenciação deles ajudaria a criar um ferramental, um letramento ao leitor/estudante/consumidor a desvincular a ideia de que a produção de conhecimento histórico é apenas mera opinião. Ao tratar das fontes sobre Zumbi e Palmares⁶⁰, o professor Felipe Damasceno promove uma reflexão sobre como o historiador deve olhar para o documento/fontes, para enxergar as vozes dos quilombolas a partir do olhar repressivo e opressivo das instituições oficiais do Brasil Colonial. As informações trazidas por esse episódio, sob a orientação do professor do ensino básico na sala de aula, pode suscitar ao estudante a compreensão de como funcionavam mecanismos de resistências à escravidão, relação entre outros Quilombos, com povos indígenas – sejam a favor ou contra – o que nos daria uma visão de um passado plural e de como cada ator social do referido período tinha também sua própria agenda. Tal construção de conhecimento pode ser traçada com o objetivo de desnaturalizar a ideia de um passado fixo, padronizado a partir apenas do olhar que vem do presente.

Ao mesmo tempo em que o uso de tais episódios ajuda a entender como funciona a metodologia da História enquanto ciência, tornar mais consciente como funciona o trabalho através das fontes, de modo a evidenciar como se procede a sua interpretação. Apresentando como interpretações revisionistas não encontram respaldo nas fontes; como a operação historiográfica de determinados livros, canais e autores se vale de uma tensão dos usos do

⁵⁹ HISTÓRIA FM 026: Revisionismo histórico: pesquisa e ideologia na historiografia. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Demian Melo. [s.l.] Leitura Obriga HISTÓRIA, 20 abr. 2020. Podcast. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/6VB84Ar5J9aftGHRF9dIhE>. Acesso em: 12 de maio 2022.

⁶⁰ HISTÓRIA FM 015: Palmares e Zumbi: história, controvérsia e revisionismo. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Felipe Damasceno. [s.l.] Leitura Obriga HISTÓRIA, 18 nov. 2019. Podcast. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/7jGqC7idyUD1N6Oj3w7hoK>. Acesso em: 30 maio 2022.

passado para, a partir do presente, construir uma memória. Neste sentido o entrevistado reforça um aspecto importante de que precisamos dialogar com o presente, contudo, sem deixar de lado o embasamento científico que norteia a nossa profissão. Assim, esta observação pode e deve ser trabalhada pelos historiadores e professores, seja na sala de aula, seja em seu canal/perfil/blog nas redes sociais. Intensificar em apresentar como nossos procedimentos e método podem e devem ser compreendidos na busca por apreender os diversos passados envolvidos durante a pesquisa histórica. Com todas as suas disputas, contradições, assim como as outras formas de viver e ler o mundo.

Ao percorrer temas considerados sensíveis e polêmicos da historiografia, o episódio apresenta discussões e debates importantes, como a demora de certas mudanças já estabelecidas na academia estarem incorporadas aos livros didáticos. Não é possível entrar em detalhes no qual já existe uma discussão tão profunda acerca do livro didático e seus usos, apenas tenho por objetivo apontar como, através de um episódio é possível atualizar e problematizar um livro didático a partir desta nova mídia, sendo complementar ao trabalho do professor-pesquisador em sala de aula. Apresentar esta possibilidade em sala de aula é uma forma de romper com noções que parecem naturalizadas acerca da formação da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que se valoriza ensinar pensamento crítico e científico aos alunos do ensino básico. Na atual conjuntura isto se mostra necessário, uma vez que a onda negacionista se arvora a partir do argumento sobre as dúvidas teóricas geradas no interior da historiografia, suas dúvidas em encontrar “verdades plenas” sobre o passado e que isto abriria espaço para a validade de quaisquer interpretações históricas de caráter opinativo (ÁVILA, 2019; PINHA, 2021).

Desta forma o enfrentamento deste problema deve ser encarado não exclusiva e diretamente aos canais negacionistas, mas reforçar e introduzir, ao público acadêmico ou não, os instrumentos da pesquisa histórica, os debates epistemológicos e metodológicos e como a história é entendida como disciplina científica e educacional. Neste sentido, tanto os campos da História Pública quanto a Digital possuem um papel importante de mostrar que temos condições de enfrentar o negacionismo sem cair em um retorno a uma resposta “positivista” com os canais negacionistas.

Não cabe responder ao clima negacionista contemporâneo assumindo a perspectiva unilateral e hegemônica de verdade nos termos do positivismo e do historicismo, mas sim oferecer aos problemas contemporâneos um tratamento especializado, com os recursos disponíveis no nosso campo disciplinar – incorporando ao nosso arsenal, inclusive, a discussão metahistórica em torno da historicização do ato de narrar e dos dispositivos literários que enformam o discurso historiográfico, nos termos do giro

linguístico. Tais recursos são extremamente necessários para compreender este tempo presente, tão marcado por performances discursivas que, por vezes, não contam com referencial factual que lhes dêem sustentação. Nunca foi tão necessário desmontar os postulados negacionistas, (des)atualizando-o e demonstrando a historicidade do projeto político antidemocrático que lhe é subjacente, bem como seus efeitos ético-políticos para o tempo presente (PINHA, 2021, p. 19)

De modo que retomamos aqui um sentido importante do conceito de negacionismo trabalhado pela Patrícia Valim e Alexandre Avelar (2020), onde se organiza dentro da política estatal uma “governamentabilidade negacionista” moldada para estruturar ideais e programas políticos antidemocráticos, corroboram práticas que violam a história, a memória usada com objetivo de negar ao outro seus direitos fundamentais, o seu reconhecimento e como ser humano no mundo contemporâneo. Negar ao outro o direito de existir de maneira dignidade. O exemplo cristalino disso foi o veto à distribuição de absorventes a estudantes de escola pública.⁶¹ Está claro que este artifício reverbera justamente sobre os alvos preferidos do atual governo, mulheres pobres, e principalmente, negras que estão expostas a essa condição. Ao mesmo tempo é possível encontrar eco nos comentários de canais “conservadores” de que isso não seria “gasto” adequado do governo. Mesmo que não sejam representantes de uma totalidade da sociedade, normalizar esse entendimento robustece o sentimento antidemocrático. Ou seja, se reforça esse discurso de que aqueles que são os mais vulneráveis merecem naturalmente sofrer esse tipo de violência simbólica. Como bem apontou Daniel Pinha (2021, p.14), “o Poder Executivo acaba por se tornar uma trincheira da luta desses valores antidemocráticos”.

Aqui, tem-se por objetivo estimar a “tendência democrática” proposta por Marcelo Abreu e Marcelo Rangel (2015), de forma a não limitarmos nosso olhar apenas no sentido do que ensinamos para nossos estudantes. De modo que eles possam identificar, reconhecer e valorizar a necessidade de compreender como funciona o método desenvolvido pela ciência histórica, seus debates, assim como saber e respeitar outras formas de se viver e estar no mundo, dentro de um espectro plural de passados que existem na história e nos seus modos de fazê-la.

Os episódios do podcast História FM e tantos outros podem ser uma ferramenta capaz de elucidar ao leitor comum exemplos de recursos e formas de fazer próprias ao metier do historiador/professor, utilizando-se do desenvolvimento do seu trabalho para dar tratamento especializado a problemas historiográficos contemporâneos sem cair no historicismo e

⁶¹ Bolsonaro veta distribuição gratuita de absorvente menstrual. **G1**, 07 out 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/07/bolsonaro-projeto-absorvente-feminino.ghtml>>. Acesso em: 09 maio 2022.

positivismo. Sem tentar padronizar uma forma única de chegar à verdade, respeitando a importância da democracia e do debate de ideias, sem julgamentos morais, a partir de uma visão holística do processo histórico estudado. Assim, retomar a noção de que aprender com a história perpassa por aprender como ela se comporta como ciência. O que se mostra bem diferente daquilo que canais negacionistas como Brasil Paralelo e projetos políticos como Escola Sem Partido objetivam: um passado monocromático. Ter muitos passados e disponibiliza-los ao público escolar em suas especificidades é melhor do que um exclusivo e padronizado: eis o cerne da metodologia de análise apresentada aqui.

Aqui cabe reafirmar que defender este excesso de passados não significa aceitar qualquer “relativismo”, qualquer história, qualquer versão sem uma análise criteriosa que passe por verificações teórico-metodológicas e sem uma crítica concreta. Neste sentido, o papel do professor de história que está em projetos que ocupam as redes sociais, acaba por ter um papel de formação para a cidadania para além daquele que os PCNs e a BNCC projetam como sua função na sala de aula. Mostrar que o trabalho científico da história tem instrumentos metodológicos específicos e que entender esses procedimentos nos dá mais apuro crítico para reconhecer estratégias de apagamento e silenciamento de passados policromáticos.

É preciso que enfrentemos o aspecto da relação da narrativa histórica como objeto de consumo, de viés opinativo e midiático. E se é possível perceber que existe um modo de ensino que é negacionista, possuidor de uma forma, uma estrutura e um objetivo específico de espalhar a falsificação histórica, ou seja, tem um método. E se possui um método, nós, como professores e estudantes comprometidos com a democracia e a diversidade de vozes precisamos ser capazes dar ênfase em revelar como é feito o procedimento científico do fazer histórico. E um método em que possamos desconstruir junto com nossos estudantes. Romper com a noção de que existe uma luta de bem contra o mal a partir de espectros pessoais e de moralidade, o que muitas vezes reforçam estereótipos eurocêntricos, monocromáticos e monotemáticos sobre a história. As disputas sobre o passado sempre existiram e vão continuar a existir dentro do campo político e na sociedade. Assim como vão existir disputas no campo do ensino e pesquisa, no entanto, com a internet, essa disputa se expandiu para além da sala de aula.

Por mais que a figura do professor na sala de aula ainda seja atacada, muitas vezes esse ataque é motivado a partir de fora dos muros da escola. Ainda que haja um esforço enorme por parte de canais revisionistas e negacionistas em forçar uma história monocromática, existe muita História Pública e História Digital boa sendo produzida na Rede.

Aprender a como navegar dentro do oceano de informação e produção de conteúdo em que se tornaram as redes sociais e construir com o aluno uma capacidade de uma curadoria do material considerado de uma História policromática.

Canais como *LeituraObrigaHistória* e o *História FM*, para ficar apenas nos exemplos que foram analisados, nos abrem possibilidades de refletir não apenas sobre a história disciplinar, mas em como se produz uma história ligada a divulgação científica e História Pública. Por meio deles podemos nos conectar com nossos alunos a partir da reflexão produzida na academia, de modo a incentivar que eles a desenvolvam suas próprias reflexões. Neste sentido o professor de história precisa se entender também como historiador público e, em conjunto com os alunos, a trabalhar com as produções de canais e perfis voltados para história na internet, possa produzir o ferramental necessário para fazer tais leituras.

A multiplicidade de temas abordados, apresentados e analisados pelos programas de podcast e os canais de *YouTube* pode ser a porta de entrada para incentivar os nossos estudantes como pessoas que refletem sua condição humana, ao que pensamos e sentimos e em relação a como o passado se faz presente. Mostrar ao aluno que a vida é complexa, e que devemos pensar a realidade vivida em toda a sorte de diversidade em todas as camadas em que se apresenta. Neste sentido, quanto mais formatos de acesso ao conhecimento histórico melhor tanto para professores e estudantes, que juntos, vão intervir e interagir de maneira crítica sobre esse conhecimento. Nesta perspectiva, o olhar para as boas produções historiográficas na internet significa combater a história monocromática da Brasil Paralelo. Tais programas e canais vão nos ajudar a oferecer ao nossos alunos que o trabalho do historiador passa por questionamentos, interrogações e problematizações acerca da memória e das versões do passado (ALBUQUERQUE JR., 2012, p.37)

O professor, como artífice de sua aula, precisa estar a postos para construir com seu estudante um olhar para a memória, a cultura histórica, o uso das fontes, das narrativas, o debate historiográfico, nossa relação com o tempo, enfim, uma multiplicidade de abordagens de modo a incentivá-lo à reflexão, o questionamento sobre a sua própria experiência diante da História. Não apenas como uma experiência individual, mas plural. A aula pode e deve ser um espaço para abrir o horizonte do estudante para outras formas de viver uma vez que “fazer das aulas um exercício de sensibilidade histórica é tão necessário quanto os investimentos já consolidados da razão histórica” (ABREU e RANGEL, 2015, p. 21).

A partir das observações e análises dos episódios de podcast ouvidos, em sua grande maioria, desenvolvemos uma metodologia de análise que buscou demonstrar como o diálogo entre as fontes, perspectivas e a diversidade de posicionamentos e estudos podem e devem ser

plurais, tendo em vista uma formação crítica e cidadã por parte do estudante. O diálogo entre professores e alunos com as produções de história na internet deve ser permeado pela busca em mobilizar os afetos voltados para o entendimento com a diversidade de passados e de outras epistemologias que reforcem a formação democrática ao reconhecer a pluralidade de passados que o ser humano produz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais e seus aplicativos envolvidos devem ser encarados como espaços em disputa e que está sendo disputado, seja por aqueles que produzem o conteúdo diretamente para a rede, assim como aqueles que querem entender a relação dessa forma de consumo da ciência, a circulação de saberes e do aprendizado que vem se estabelecendo nesses ambientes.

É imperativo compreender como as redes – e os efeitos do algoritmo – regem o caminho da informação, da notícia, do conhecimento e qual o nosso lugar no tabuleiro desse jogo que se apresenta para nós, professores e comunidade escolar de todos os níveis de ensino envolvido. Não há mais como nos fecharmos para esse conteúdo de história, escolar ou não, que está sendo produzido nas redes sociais. É inescapável pensar nos efeitos da internet no ensino hoje, principalmente, em um país tão desigual quanto o nosso.

Diante desse contexto que foi apresentado nos primeiros capítulos em torno da relação da produção de conteúdo *online*, e este espaço como forma de interação entre os estudantes, o peso dos algoritmos na circulação da informação e da maneira como as redes sociais favorecem as políticas negacionistas, revisionistas de canais de extrema-direita é preciso pensar sobre como professores e estudantes de história podem se organizar para lidar com essa estrutura.

Agregamos a esta reflexão a proposta de Costa e Lucchesi (2016), a qual aborda que compete ao professor/historiador educar e aparelhar o estudante, do ensino básico, da graduação e leitores/consumidores da divulgação científica do estudo da história a como lidar com os negacionismos, os silenciamentos, as batalhas pela memória, o uso das ferramentas de pesquisa e as fontes de consultas digitais. Ou seja, que sejamos capazes de refletir sobre o uso da tecnologia e da comunicação através das novas mídias e tecnologias digitais sem demonizá-las e, também, sem idealizá-las. Que possamos entender seu funcionamento enquanto um elemento constituinte da sociedade humana e, como pensadores das Humanidades, nós sejamos capazes de preparar nossos estudantes com um olhar para além do manuseio da tecnologia:

O desejável letramento *crítico* digital, portanto, não se limita à habilidade técnica de manusear dispositivos de programas informáticos-digitais, mas se define pela busca da compreensão da experiência social inscrita na cultura digital. Daí, por exemplo, a necessidade de discutir, como discutimos para a imprensa impressa ou televisionada, os sentidos (usos e abusos) que determinados conteúdos podem ter na Internet. Aqui, à luz do que já sabemos sobre autenticidade, autoria e autoridade de documentos, é

preciso rediscutir o estatuto de verdade que certos gêneros carregam. (COSTA; LUCCHESI, 2016, p. 340, *grifo das autoras*).

A possibilidade de desenvolver um letramento digital não deve ser descartada, contudo, o letramento “histórico” precisa ser desenvolvido também, de modo que é necessário mostrar complexidade do universo no qual está inserido o estudante. O aluno, o professor, a comunidade acadêmica devem estar preparadas para aprender a ler a realidade a partir do mundo virtual e como ele se apresenta e interfere na sociedade. Aqui, retomamos o que propõe Marcela Albaine e Anita Lucchesi (2016), onde a escrita escolar feita pela ação do professor não deixe de considerar o papel do aluno como sujeito agente e criativo do processo de construção do conhecimento e de material didático digital. Dito isto, este tipo de letramento em conjunto com a evidenciação dos procedimentos e metodologias do trabalho do historiador público e digital se configuram em um ferramental adequado para que leitores e estudantes sejam capazes de desenvolver uma leitura crítica da mídia digital. Entender como os mecanismos que regem a escrita da história, a sala de aula e a produção dos canais digitais no contexto da História Pública e Digital, e diante disso, costurar este letramento.

A partir do que propõe o professor Durval M. Albuquerque Jr. (2012), fazer a história através dos defeitos de memória é um entre muitos aspectos os quais, professores e alunos podem e devem se apropriar para compreender o funcionamento das narrativas que são construídas nas redes sociais. Ao criticar o passado, que está paralisado, cristalizado dentro de uma visão oficial, abrimos para os estudantes o espaço para evidenciar passados ainda não explorados, outros sentidos, diferentes formas de ler e estar no mundo. A escola, principalmente a pública, ainda tem a responsabilidade de democratizar o conhecimento. Vale o mesmo para a diversidade de passados. Isto passa por apreender o sentido de como o algoritmo é utilizado para fazer uma informação percorrer um caminho específico e o motivo para esse objetivo. Esse olhar deve ser levado em conta, principalmente devido ao modo como são apropriadas as narrativas históricas, a partir da construção em torno de sentimentos e afetos que geram uma maior identificação com a causa que a empresa/canal/perfil apresenta como seu objetivo.

A produção de tais canais baseados em *fake news* tem sua lógica atravessada pelo resgate de sentimentos conservadores, de identidade nacional, religioso, notadamente cristão e afetos tradicionais ligados a um Brasil idílico, recuperando elementos estabelecidos pela gênese de uma visão nacionalista típica do século XIX. Pode-se dizer que tais canais agem em um espaço diante do imobilismo da política tradicional em frear as diferentes formas de violência geradas a partir de uma “gestão política do ódio”, uma violência capitaneada por

uma noção de cidadania seletiva (GAIO, 2019). É o olhar para o passado com ele apartado do presente, como acabado e fechado em si mesmo, contudo de forma idealística e romântica (ALBUQUERQUE JR, 2012). Essa “apropriação conservadora do Passado”, nas palavras de Sonia Meneses (2019), deve ser combatida, sobretudo, por ser usada como uma forma de justificar um modelo que tende a reforçar estereótipos, naturalizar desigualdades e perpetuar o poder de uma elite.

A partir desses olhares, somamos aos nossos os de Marcello Abreu e Marcello Rangel (2015) que nos lembram de pensar o Ensino de História hoje é ter em mente a formação do cidadão participativo em contraposição ao cidadão súdito. A sala de aula é um laboratório de experiências o qual não se limita mais ao conteúdo ensinado apenas pelo professor. Ao compreendermos que os alunos trazem suas experiências e expectativas em relação ao aprendizado e conhecimento construído por ele, o espaço da aula se configura com uma multiplicidade de referências que cabe ao professor, em conjunto com os seus alunos, organizar e direcionar suas reflexões (ABREU e RANGEL, 2015). Se o negacionismo pode ser entendido como um projeto político, a sala de aula também deve ser entendida como um espaço de formação para a cidadania política. E aqui reforçamos que devemos armar os estudantes com o olhar crítico apurado para com a realidade. Ora, uma vez que já somos acusados que ser “doutrinadores” que então não tenhamos medo de avançar em reflexões políticas, reivindicando a vocação cidadã da história escolar.

Diante dessa oferta de consumo de culturas de memórias e objetos variados de cultura histórica percebe-se a dificuldade que os alunos, principalmente no ensino básico, de apreender sobre os elementos de rupturas e permanências que poderiam ser considerados simples na compreensão de um processo histórico a ser estudado. Essa dificuldade é ilustrada pelo problema da construção de um “campo de experiência”, a partir das narrativas dos alunos, ou seja, colocar o aluno no processo de aprendizagem, de maneira provocativa, de forma a superar noções autocentradas e individualista, para não incorrer num etnocentrismo ou numa narrativa universal que iria contra a formação desse cidadão participativo. (ABREU e RANGEL, 2015).

O papel do professor em meio a esses elementos negacionistas e revisionistas é reforçar o papel da construção e formação de um cidadão crítico, olhando para o seu presente. Diante da pressão que a produção historiográfica sofre a partir de uma série de apropriações, produções midiáticas, demandas sociais e políticas internas e externas ao campo é preciso que o professor reafirme a importância da história como aquela que vai pensar não apenas o passado, como também o presente. Focalizar na constituição de memórias plurais que

privilegiem a diversidade e a diferença como produção de formação para uma cidadania política voltada para sua identidade social e cultural, e assim, sendo capaz de fornecer um ferramental aos seus estudantes a capacidade de desconstrução de elementos unificadores e padronizados que com o intuito de encerrar o debate, ainda persistem em ser utilizados, principalmente em canais do *YouTube* e outras redes sociais.

Desnaturalizar a História, sensibilizar e treinar o olhar do estudante para sentir e se aproximar do conhecimento histórico como algo que pode ser a partir de sua vivência e reflexão. Tal estratégia pode nos ajudar a reforçar a superação do sentimento de desorientação trazido pela crise que estamos vivendo em diversos aspectos políticos, mas que transbordam para a educação, para economia e o social. Neste sentido, é condição fundamental do trabalho do professor buscar essa superação ao conduzir e evidenciar em suas aulas os conceitos de alteridade e pluralidade. Trabalhar esses elementos com o objetivo de antagonizar o ensino voltado para universalidade da ideia de nação (ABREU e RANGEL, 2015). É trabalhar com o aluno o seu reconhecimento de seu lugar e seu olhar no mundo em seu tempo, mas a partir do seu passado e de seus ancestrais.

Dessa forma, entendemos que cabe ao professor estabelecer a relação do presente e do passado com o aluno, permitindo que este construa sua relação com o seu tempo e projetando seu futuro. Traduzir o passado e auxiliar o aluno a interpretá-lo dentro de uma perspectiva do presente, de forma a ter dentro de si a confiança para questionar as informações as quais tem acesso a partir das redes sociais.

A história como disciplina escolar continua a constituir-se em seu papel de produzir um cidadão crítico de seu mundo, de sua realidade. Sendo assim, capacitar e instrumentalizar o estudante de modo que ele possa estar preparado para ser capaz de fazer uma leitura crítica das fontes as quais tem acesso.

As tensões e disputas no cenário público sobre o que é ou não verdade histórica não deve ser ignorado na escola. Na medida em que o professor terá que lidar com a pressão que vem de fora da unidade escolar, do espaço público e das redes sociais, uma vez que a disseminação de olhares revisionistas e, principalmente, negacionistas de determinados eventos da história, são apresentadas uma maneira a tensionar a relação professor/aluno-família – estratégia a partir dos grupos ligados à ideologia da “Escola sem Partido”.

O grande desafio atualmente e nos próximos anos será mostrar a possibilidade de passados plurais para além da noção de imparcialidade tão propagada por sites e canais negacionistas que tentam congelar a história, paralisando-a naquele período específico do passado, de modo a parecer fixo e inquestionável. Ao mesmo tempo, não cair em um discurso

de que o excesso de passados, de histórias diversas, de diferentes atores e contextos, seja usado como forma de desqualificar da história enquanto ciência. Assim, é necessário tomar como linha de ação no ensino de história o seu funcionamento também como método e procedimento. Nós, professores, é que temos a condição de apresentar e exercitar uma reflexão histórica com o aluno.

Cabe aqui uma reflexão para se pensar um trabalho em sala menos com menos conteúdo e mais preparo para conceitos que possam auxiliar o aluno na leitura de mundo. Estaríamos dando continuidade àquilo que é proposto pelos PCNs, ao mesmo tempo, que vai se tornar extremamente necessário em um professor saber lidar com a diminuição da carga horária da disciplina devido à reforma no Ensino Médio. Desenvolver com os alunos formas de pensar o Presente e suas relações com Passado e possibilidades de futuro podem ser estratégias para enfrentar essa perda de espaço na grade de horários. A seleção de conteúdos e temas precisará de um novo olhar do professor. Talvez seja necessário pensar menos sobre conteúdos e mais sobre a forma, procedimentos e reflexões de como vamos auxiliar o desenvolvimento de uma capacidade de pensar histórico e conceitual dos estudantes.

A partir do exemplo de canais negacionistas e de suas estratégias discursivas e narrativas acerca da história, com o uso da pós-verdade nas brechas do processo de expansão das fontes e mídias digitais, operam a partir do apaziguamento da memória compartilhada entre atores sejam de quais eventos for. Como professores-pesquisadores, podemos apresentar outras brechas ou *modus operandi* do negacionismo. Dessa maneira, refletir como o professor pode agir ao identificar tais mecanismos de como a mentira e a negação da História é usada. Sendo assim, é preciso reforçar para o estudante e o público em geral que a nossa ciência histórica, e as humanidades em geral, não é uma questão de opinião. Existem teorias, protocolos de verificação, análise de fontes que são o embasamento argumentativo sobre o entendimento e o estudo de um processo histórico.

Após o retorno às aulas presenciais em decorrência da pandemia percebe-se, principalmente, o quanto os estudantes passaram por perdas que os afetaram em sua saúde mental e na sua capacidade de aprendizagem. Ao mesmo tempo que, se a vivência do jovem no mundo do ciberespaço e das redes sociais já estimulavam novas suas formas de expressividade e comportamento diante do que propõem a sala de aula e a postura da/na escola (SIBILIA, 2012), a pandemia, cujos efeitos na escola ainda estamos lidando, tornou importante lapidar um olhar configurado para ampliar a sensibilidade e empatia.

Alertar este aspecto sobre o emocional do estudante não significa que devemos assumir um papel de um profissional de saúde mental. Porém, conhecer e reconhecer os

efeitos psicológicos do isolamento do período pandêmico e o excesso de uso das redes sociais e seus efeitos na sala de aula precisam ser levados em consideração pelo professor. Compreender esse aspecto é necessário para lidar com o fato de que a percepção emocional da pós-verdade como cumpridora de expectativas vem atrelada a uma noção da experiência individual como forma de sobrepôr à coletiva, e que fortifica a negação. O que gera um sentimento de pertencimento ao grupo negacionista.

Um aspecto importante para dar base a esses elementos com ajuda dos canais do YouTube e podcast é tomar o tempo presente como um ponto capaz de dar ao estudante um referencial necessário para estabelecer a ampliação do aprendizado de história com sensibilidade e empatia. Tais características podem ser lapidadas como forma de enfrentar a mobilização dos afetos gestados no ódio ao outro, segundo os canais negacionistas, que se retroalimentam a partir da identificação de seu público.

A história e seu ensino, com as redes sociais e as novas tecnologias, podem nos trazer ferramentas, dentro de seus limites e possibilidades, para redemocratizar as redes a partir de um cultivo de olhares críticos, sentimentos empáticos, na medida em que apresentamos ao estudante, a partir do uso de canais de *YouTube*, *Instagram* e programas de *podcast*, que ele pode e deve ser capaz de refletir sobre o mundo em que vive. O que se inicia na sala de aula, no livro didático, pode se espalhar no uso das novas tecnologias. Neste sentido, compreender a importância do papel do ensino de história na constituição de instrumentos para formação cidadã, de maneira que ele seja capaz de refletir e intervir no tempo presente com o que aprendeu e de forma a saber lidar com a complexidade das questões por este tempo, como bem explica Teixeira, Magalhães e Rocha, (2009, p.16) conforme citado por Silva (2017, p.119),

O conhecimento a que ela [história escolar] visa tem relação com o objetivo de fundo de toda historiografia: suprir a carência de orientação no mundo. Para tanto é preciso construir leituras sobre o mundo e sobre si capazes de favorecer o sentimento de identidade (por conseguinte, de pertencimento) e, ao mesmo tempo, a capacidade crítica para reconhecer e lidar com as diferenças e situá-las no tempo (ou seja, situá-las historicamente). Nesse sentido, pode-se dizer que o objetivo da história escolar é ensinar/aprender a pensar historicamente, rompendo com as naturalizações e abrindo o horizonte de expectativas (TEIXEIRA, MAGALHÃES E ROCHA, 2009, p.16 *apud* SILVA, 2017, p.119).

Para que isso seja possível é preciso desenvolver seja nos canais das redes sociais, seja na própria instituição escolar, independentemente de seu nível, formas de elucidar e enfrentar o projeto negacionistas de canais como da produtora Brasil Paralelo que mobilizam afetos se alimentam do ódio que gestam em sua audiência. Que possamos ser capazes de gerar

o mínimo de sentimento de identidade e de pertencimento para além de valores monocromáticos e monotemáticos. A vida e a história são plurais.

A ação educadora do professor de história pode dar ao estudante, e também ao leitor comum o caminho metodológico que o leve a compreender o outros, gerar empatia, conhecer histórias antes silenciadas, outras formas de ser e estar no mundo, e, principalmente, apreendê-las e respeitá-las. Nesse sentido, a ação do professor pode dar a esse estudante o aparato necessário para que possa questionar, intervir, refletir, no fim, superar a forma como o negacionismo e as formas de comunicação dos mesmos operam. Assim, Pinha nos sugeriu pensar

Um caminho talvez seja desvendar ao leitor comum e ao aluno o caminho pelo qual a verdade historiográfica é produzida, dispondo-lhe o caminho argumentativo, as fontes documentais, a plurivocidade ideológica, os projetos políticos em jogo, em suma, oferecendo instrumentos para que o leitor supere a super-simplificação disponível no registro do negacionismo. (PINHA, 2021, p.19)

O tempo presente se apresenta para além de delimitações conceituais e temporais, todavia como um elemento fundamental de estrutura de análise de forma a direcionar o estudo historiográfico do professor em conjunto com seus alunos para valores éticos da diferença, trazendo temáticas e peso de outras culturas que nos formam, de outras maneiras de enxergar o mundo, saindo da tradição ocidental. Criar possibilidades de que o conhecimento histórico da humanidade seja valorizado como ele é: a representação do humano no tempo, sem hierarquizações e uniformizações de pensamento, sentidos e vivência de mundo.

A radical abertura da história, escrita e ensinada, aos problemas do tempo presente se torna incontornável. Neste sentido, não nos referimos, apenas, ao tempo presente enquanto tempo de enunciação do discurso historiográfico compartilhado entre historiadores, professores, alunos e público em geral, isto é, a tela de eventos que afeta os leitores da história; mas o lugar do tempo presente enquanto aquele capaz de vibrar as questões contemporâneas nas mais diversas épocas, tradições e temporalidades. Ou seja, esta ética democrática que, em um primeiro momento pós-Guerra, sugere uma pactuação em torno da valorização da vida e dos direitos humanos, e, mais recentemente, tem renovado o enlace entre historiografia e democracia, pode ser incorporada para pensar a política no mundo antigo europeu, o pensamento e a filosofia negra e africana, cultos e rituais de tribos indígenas, a cultura do matriarcado, os modos de produzir história fora da tradição Ocidental, em suma, um arco ampliado de possibilidades. (PINHA, 2021, p.24)

É inegável a importância de se compreender hoje o papel do professor e do ensino de história em um contexto de crise democrática causada pelo negacionismo. Assim, como é imperativo buscarmos formas de entender a relação que se estabelece com o tempo presente, as novas tecnologias, as redes sociais, de modo a reconhecer como esses elementos afetam a

compreensão do estudante sobre seu lugar no tempo, sobre si mesmo e sua relação com os outros em um contexto de um capitalismo digital que se interconecta com um capitalismo de vigilância das grandes corporações que usam nossos dados e orientam o tipo de informação que temos acesso e como essa informação chega para a sociedade. (Cf. MOROZOV, 2018; ZUBOFF, 2019; SILVEIRA, 2019).

Neste sentido, ensinar história no contexto das redes sociais perpassa por compreender como funciona essa dinâmica de como os algoritmos direcionam o conteúdo que desejam. E que muitas vezes esse conteúdo não reproduz uma ética democrática, afetando o engajamento de conteúdos de interesses de minorias, e que, contudo, são classificados como temas sensíveis ou tem a análise dos *bots* programada para inverter as relações. (MOROZOV, 2018). Por outro lado, existe toda uma lógica de mercado que guia a circulação da produção de conteúdo online, com direcionamento político e ideológico específico, de modo a propagar apenas um único olhar sobre algum fato, uma vez que os critérios de recomendação de muitos algoritmos das redes sociais como YouTube são opacos⁶².

A pluralidade de narrativas, as disputas políticas, imersão de novas vozes, de novos olhares acerca da função da historiografia, assim como também do papel do professor e, por que não, do aluno e como cada um se insere nisso? A história deve ser encarada como viva, expressiva e dinâmica. Entendida como elemento de expansão da consciência de professores e estudantes acerca de outras formas de ver o mundo, para que seja desconectado da lógica nação e civilização que remete ao modo de uma história oitocentista muito utilizada por canais negacionistas. Em tempos de crise democrática é preciso coragem do professor de história em desenvolver seu trabalho a partir da perspectiva democrática. Dessa forma, nos referimos a “um caminho historiográfico contemporâneo, de resistência e proposição a um presente atualista, passa pela reivindicação do presente como parte incontornável do trabalho do historiador.” (PEREIRA, 2022, p. 59).

A maior dificuldade que pode ser encontrada nas salas de aula é trazer para o estudante a constituição de um sentimento de experiência em um mundo cercado de estímulos fluído, veloz e intenso. A partir disso, como o professor pode se preparar a si mesmo e a seus alunos com a intenção de entender como o passado e futuro são evocados a partir do presente?

⁶² Para além dos já citados Morozov (2018) e Zuboff (2019) e Silveira (2019) que utilizamos ao longo deste trabalho, ver também para um caso específico do YouTube Brasil, cujo algoritmo recomenda vídeos específicos de extrema direita.

Cf: YouTube favorece direita e Bolsonaro ao recomendar vídeos, diz pesquisa da UFRJ. **Dialogos do Sul**. 13 set 2022. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/76646/youtube-favorece-direita-e-bolsonaro-ao-recomendar-videos-diz-pesquisa-da-ufrj>> Acesso em: 13 set 2022.

Para aprofundar sobre a metodologia de análise: Netlab UFRJ. Recomendação no Youtube: o caso Jovem Pan. 5 de Setembro de 2022, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Compreender o funcionamento desse mecanismo, a partir de como o tempo presente pode ser usado de modo auxiliar ao estudante e o público consumidor de história nas redes como essas temporalidades são utilizadas para dar sentido a discursos de politização ou negação da política. Retomamos então a noção do destaque que é preciso dar para a relação entre a historiografia e o ensino de história dentro de uma perspectiva democrática em meio à crise da democracia que vivenciamos no tempo presente. Assim, destacamos:

É deste modo que amplia as possibilidades de renovação do enlace entre historiografia e perspectiva democrática em tempos de crise democrática no tempo presente. A partir dele tem se desdobrado uma agenda de investigações, trazendo à tona a multiplicação de vozes, narrativas, disputas políticas, pluralidade, ampliação e inversão de perspectivas. E, este movimento, reorienta as fronteiras disciplinares, na medida em que a história disciplinar escrita e ensinada nos termos da concepção moderna de história, eurocêntrica e centrada no binômio nação e civilização, parece não comportar mais os propósitos de intensificação da democratização do tempo presente, tanto no sentido do alargamento em conexão com as lutas contemporâneas, quanto nas demandas por textos e aulas que vibrem o tempo presente a partir das histórias narradas. (PINHA, 2021, p.25)

A sala de aula pode e deve “vibrar” a partir da apropriação não somente das tecnologias e das redes sociais que conectam o mundo com o estudante, mas também do conteúdo que é produzido, e com ele construir uma conexão com seus alunos, assim como, os próprios alunos podem trazer suas leituras de mundo. A conjunção dessas diversas leituras em sala de aula pode nos ajudar, não apenas a lidar com o jovem do século XXI, mas também dar a ele e a nós, professores, novas formas de ler o mundo, suas disputas, seus sentidos, seus olhares, de forma a reforçar a importância da democracia.

O conhecimento historiográfico pode ser uma ferramenta mais explorada nos canais de forma a mostrar o quão complexa é a história e que nem tudo se estabelece a partir de uma noção de bem contra o mal, mocinho versus bandido, heróis e vilões, e sim, como os processos históricos apresentam e se constituem igualmente em rupturas, discontinuidades, disputas. É compreender como passado e futuro se manifestam no presente e como esses três tempos estão ligados em constante fluidez.

Explorar todas as possibilidades das novas tecnologias digitais, suas ferramentas, aplicativos, compreender o funcionamento do algoritmo e o caminho da informação/conhecimento é um caminho sem volta para o pesquisador das humanidades atualmente. Para além de enxergar a Internet como um espaço sonhado como uma terra prometida e de sonhos da virada do século XX para o XXI, para noções de conexão e “aldeia global”, para compreender como o conhecimento, a produção do saber histórico na rede, também precisa ser pensado de forma crítica, com suas disputas e relações de força, entre os

produtores de conteúdo, professores, estudantes e as plataformas e os algoritmos que as guiam.

Ter determinados trabalhos online como ponto de referência pode ser um bom caminho para o professor de história ter como boia orientadora para que ele não se perca no mar informacional das plataformas sociais. Ao trocar, mesmo que virtualmente, com seus alunos e outros professores, sobre os métodos, procedimentos e olhares que a história promove sobre a vida e o mundo, a partir do olhar crítico de material previamente curado e preparado para criar no estudante um campo de sensações em conjunto com o professor de modo a que este reconheça outros indivíduos e outras histórias diante da sua.

Entender como o passado nos sustenta até aqui e como ele se apresenta e é consumido no presente, pode nos ajudar a mostrar ao estudante – e aquele que, de alguma maneira, aprecia o conhecimento histórico – que é possível experimentar o mundo com outros olhares. É nesse sentido que a história, enquanto ciência é capaz de apresentar outros passados, outras vivências e outras experiências, de maneira a combater esse passado monocromático que buscam reproduzir uma história única.

Para além de temas plurais, é importante mostrar que a história não é um elemento fixo, pronto e acabado. Constantemente ela é reelaborada a partir de novos, olhares, novos métodos, novas fontes e reflexões que daí advém. Daí a importância de mostrar que as redes sociais, as tecnologias de informação e as novas formas de expressão de ser e estar no mundo dos jovens e adultos, estudantes ou não no século XXI, devem ser compreendidas nas formas como se relacionam. E como a História e seu ensino podem nos ajudar nisso? Formando e educando o olhar do homem para a si mesmo e seu papel no mundo. Passar as redes sociais e as novas tecnologias pelo crivo da historiografia, buscando abrir as possibilidades de outros passados a serem lidos e compreendidos. Como bem destaca Valdeci Araujo (2012):

A principal tarefa da historiografia como um ramo das humanidades, cuja relevância parece ser atualmente maior que em qualquer outro tempo, continua sendo a desalienação do homem. Desalienação significa a escuta daquilo que compartilha conosco a conjuntura do mundo.[...] não podemos apenas ensinar aos nossos alunos como dar sentido ao mundo ou como desvelar os sentidos que o mundo comporta, mas também que eles devem estar preparados para enfrentar o reverso do sentido, a tragédia, a injustiça, o horror, como partes integrantes da nossa condição. (ARAUJO, 2012, p.73-74)

As novas formas de subjetividades, os novos corpos e expressões que povoam a internet e as salas de aula são inundados com referências e significados que muitas vezes nossos jovens não reconhecem ou não se identificam. Perdem-se na enorme gama de sentidos

nos quais são atropelados com inúmeros estímulos, imagens, narrativas e linguagens que se apresentam a partir das novas tecnologias. Com isso, a história e seu ensino podem ser uma ferramenta de sensibilização e empatia do indivíduo de modo a romper com novas formas de alienação na qual o mundo se orienta para formação de objetos e consumidores apenas. Então que as novas tecnologias também sejam o espaço para apresentar novas discussões, novos métodos e procedimentos que visem dar estofamento ao estudante não apenas na formação do pensamento crítico, mas também de ser capaz de ler o mundo em que está inserido.

É possível pensar que dessa forma podemos nos aproximar do estudante, dialogar melhor com seu modo de ser, agir e estar no mundo. Compreender como se utilizam os seus avatares no ciberespaço de maneira a dar a esses jovens maneiras de compreender tantas referências que são jogadas diante de si em seu fluxo. Que o ensino de história junto com as novas tecnologias possa ser uma ferramenta para ajudar ao indivíduo a frear o ímpeto da velocidade da informação e, ao diminuir esse ritmo, ele possa refletir sobre aquilo que está consumindo no mundo online.

A aula de história deve ser o espaço de um diálogo que valorize não apenas o que é estudado, mas a historicidade de quem a estuda, afinal eles são “consumidores de atualidades”, como diz Sibilina (2012). Sendo assim também é importante ter a noção de como é lugar do tempo presente na sala de aula (SILVA, 2017) e de que é preciso evidenciar não apenas para os estudantes, mas também para os professores os efeitos da comunicação, dos procedimentos e protocolos de verificação da ciência histórica de modo a enfrentarmos o questionamento dos valores democráticos por canais e perfis que pregam o negacionismo, revisionismo e pós-verdade em um mesmo caldeirão de informações distorcidas de forma sistemática nas plataformas da internet e como elas corroboram para isso.

Essa escrita buscou refletir sobre o papel do professor em meio às imensas camadas que envolvem o ensino de história no século XXI, no contexto das redes sociais e na intrincada relação desenvolvida com a geração mais recente de jovens nascidos no mundo digital. Longe de ser um assunto esgotado, uma vez que a tecnologia e sua influência se transformam em velocidade que parece incontrolável, é possível entender que existem olhares e trilhas que indicam possíveis reflexões sobre o papel do professor de história no mundo de hoje, certamente afetado, não apenas pelos negacionismos, mas na possibilidade de a história e a historiografia gerarem uma maneira de orientar o indivíduo, de trazer referências e diminuir o ímpeto de consumir de maneira automática sem pensar.

Formas criativas de trabalho com história na internet também pode ser um caminho para valorizar a produção do conhecimento histórico como entendimento e leitura da

realidade vivida. Compreender os usos políticos e o consumo do passado para assim, aprender como essas disputas se dão para além do currículo escolar, embora ele também esteja incluído. É necessário aceitar que a disputa pelo que vem a ser o presente e o futuro do país, passa por meio das disputas pelo passado. Entender que o papel do professor de história não precisa se resumir ao conteúdo do livro didático quando hoje podemos trazer para próximo do estudante do ensino básico a pluralidade de passados, de vozes, assim como os métodos e procedimentos que foram desenvolvidos para estudá-los. Evidenciar os diversos passados de um determinado evento, entender as referências de como tais passados podem ser consumidos, sentidos, compreendidos e pensados pelo professor-pesquisador que ousar desenvolver com seus alunos a gama enorme de elementos que as redes sociais trazem. O que abre possibilidades para pensar em formas de, através das novas tecnologias e redes sociais, aproximar o pensamento histórico, o ensino e a sala de aula, do público fora da academia.

O tratamento dado a essa análise se deu em relação ao capítulo segundo ao contrapor o trabalho de divulgação científica de história do podcast História FM com o material da produtora Brasil Paralelo e seu entendimento sobre a história. Temos no primeiro um exemplo claro de uma dedicação aos protocolos científicos, enquanto no segundo, encontramos distorções e negacionismos que buscam construir uma forma própria de apresentar o seu sentido de história com base em um olhar para um Brasil oitocentista.

A pesquisa buscou refletir as relações entre os canais e perfis online apresentados, o contexto tecnológico no qual vivemos e seus efeitos sobre os professores e estudantes e aqueles que consomem a história e suas contradições, tendo em vista a forma como as plataformas de mídias sociais são inundadas por informação, desinformação, negacionismos e *fake news*.

Como então o professor de história pode preparar para enfrentar essa conjuntura? Tendo em vista o apelo das redes e mídias digitais, o comportamento dos estudantes e da sociedade em geral ligados a elas, o avanço do negacionismo em meio a elementos de crise democrática a qual vivemos, procurou-se estabelecer uma reflexão de quais alternativas o professor deve considerar no momento em que trabalhar com seus estudantes.

É inescapável a necessidade de que professores e pesquisadores de educação estejam atentos a como as redes sociais e as plataformas lidam com a veiculação de conhecimentos, informações e como isso é direcionado pelo algoritmo. Este que em muitos casos, favorecem materiais e produções antidemocráticos e possui em suas bases de códigos opacos, o que dificulta uma análise do quão profundo é o papel das redes sociais na difusão de tais valores.

Este é o cenário no qual o professor de história se encontra no século XXI. Torna-se imperativo não apenas o combate ao negacionismo e aos valores antidemocráticos difundidos na internet. Urge compreender como isso se dá no nível das plataformas e como tem efeito direto no comportamento dos nossos estudantes, agindo sobre nossas relações pessoais, profissionais, afetando nossa saúde mental, nossas emoções de maneira individual, assim como nas conexões e contradições da sociedade como um todo.

REFERENCIAS

ABREU, Marcelo e RANGEL, Marcelo. Memória, cultura histórica e ensino de história no mundo contemporâneo. *História e Cultura*, Franca, v.4, n.2, p.7-24, 2015.

ALBIERI, Sara. História Pública e Consciência Histórica. *In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2012.*

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? *In: GONÇALVES, Márcia, ROCHA, Helenice, RESNIK, Luis, MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). Qual valor da história hoje? Rio de Janeiro: FGV, 2012, p.21-39.*

ARAÚJO, Valdei Lopes de. O Direito à História: o (a) historiador(a) como curador(a) de uma experiência histórica socialmente distribuída. *In: GUIMARÃES, Gêssica; BRUNO, Leonardo; OLIVEIRA, Rodrigo Perez de. Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. pp. 191-216.*

_____. A aula como desafio à experiência da história. *In: GONÇALVES, Márcia, ROCHA, Helenice, RESNIK, Luis, MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). Qual valor da história hoje? Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 65-77.*

AVILA, Arthur de Lima. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo). *In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Publicado em: 29 abr. 2019. Acesso: 18 de maio 2022*

ÁVILA, Arthur L. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. *Revista Brasileira de História*, v. 41, n.87, pp 161-184. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-09>> Acessado em: 11 de set 2021.

BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo; O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia* [online]. 2016, v. 32, n. 60, pp. 807-835. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-87752016000300009>>. Acesso em: Acessado 30 Setembro 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História. Brasília, 1998.

CAIMI, Flavia Eloísa. Geração *Homo Zappiens* na escola: Os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. *In: MARGALHÃES, Marcelo (et all) (Org.). Ensino de História: Usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro FGV, 2014.*

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2011

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. São Paulo: Editora Zahar,

COSTA, Marcella Albaine Farias da; LUCCHESI, Anita. Historiografia escolar digital: dúvidas, possibilidades e experimentação. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SOUZA, Josefa Eliana (org.). *História, sociedade, pensamento educacional: experiências e perspectivas*. Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação, 2016.v.1, p. 336-366.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. *Ensino de História e Historiografia Escolar Digital*. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DUNKER, Christian. *Paixão da ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação – Coleção Educação e Psicanálise*, vol. 1. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. E-Book

_____. *Subjetividades em tempos de Pós-verdade*. In: *Ética e Pós-verdade*. Rio Grande do Sul. Editora Dublinense. 2017. E-book.

FERNANDES, Sabrina. *Sintomas Mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira Autonomia Literária*. 2019. E-book

FIRMINO, Karine Rodrigues. Brasil Paralelo: um empreendimento de disputa política e simbólica da (s) direita (s) recente (s). In: SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos; MIRANDA, João Elter Borges. (Org.). *Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo*. 1ed. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. Pp. 161-187.

FONTOURA, Odir. *Narrativas Históricas Em Disputa: Um Estudo De Caso No Youtube*. *Estud. hist. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 45-63, Abril. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862020000100045&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2021

GAIO, Henrique. *Filha do medo, a raiva é mãe da covardia: Ensaio sobre Democracia, Nostalgia e Ódio*. In: PEREZ, Rodrigo, PINHA, Daniel. (orgs.) *Tempos de Crise, ensaios de história política*, Editora Autografia, 2019. P.181-206.

GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo. Editora Aleph, 2003.

GOMES, Wilson. *A democracia no mundo digital: história, problemas e temas*. São Paulo: Edições SESC-SP, 2018. E-book.

GUMBRECHT, Hans U. Depois de “Depois de aprender com a história”, o que fazer com ela? In: NICOLAZZI, Fernando, MOLLO, Helena e ARAÚJO, Valdei.(orgs.) *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro, FGV, 2011, p.25-42.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2017. E-book.

_____. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2017. E-book.

_____. *No Enxame: Perspectivas do Digital*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018. E-book.

KAKUTANI, Michiko. *A Morte da Verdade: notas sobre a mentira na era Trump*. Editora Intrínseca, RJ, 2018. E-book.

LUCCHESI, Anita. *História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública*. XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH – 2013.

_____. Um (Outro) Papo Com Marcella Albaine Farias Da Costa Sobre A# Profissão Professora Na Era Digital. *Revista TransVersos*, n. 11, p. 119-136, 2017.

_____. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. *Boletim Historiar*, n. 02, mar./abr. 2014, p. 45-57 | Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/historiar>> Acesso em: 09 jul de 2020.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. História e cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 74, 2017 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>> Acesso em: 25 de maio de 2019.

_____. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 7, n. 15, p. 27-50, 8 maio 2014. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692/466>> Acesso em: 25 maio de 2019

MENDES, Gabriel Cunha. Canal “Outra História”: o uso do Youtube como ferramenta pedagógica para o ensino de História; 2018; Dissertação (Mestrado em Ensino de História ProfHistória) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

MENESES, Sonia. Uma história ensinada para Homer Simpson. *Revista História Hoje*, v. 8, nº 15, p. 66-88, 2019. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522>> Acessado em: 29 jun 2020.

_____. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). *Revista Brasileira de História*, vol. 41, n. 87, pp. 61-87, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882021000200061&tlng=pt> Acesso em: 11 set 2021.

MORAES, Daniela Martins de Menezes. Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar; 2018; Dissertação (Mestrado em Ensino de História ProfHistória) – Universidade Federal de Pernambuco.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018. E-book.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos Combates pela História: Desafios – Ensino*, Editora Contexto. 2019. pp. 85-114.

NOVAS TECNOLOGIAS. In: DICIONÁRIO DE Ensino de História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

OLIVEIRA, Rodrigo Perez. Por que vendem tanto? O consumo de historiografia comercial no Brasil em tempos de crise (2013-2019). *Revista TransVersos*, [S.l.], n. 18, p. 64-85, abr. 2020. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/49519>> Acesso em: 17 abr. 2021.

PEREIRA, Affonso C. T. “Quem lê tanta notícia?” Espaço público, imprensa e opinião pública no Brasil contemporâneo. In: PEREZ, Rodrigo, PINHA, Daniel (orgs.). *Tempos de Crise; ensaios de história política*. Editora Autografia. Epub. 2019. pp. 242-274.

PEREIRA, Eduardo; BALESTRO, Mayara. Brasil Paralelo: atuação, dinâmica e operação: a serviço da extrema-direita (2016-2020). In: SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos; MIRANDA, João Elter Borges. (Org.). *Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo*. 1ed. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. pp. 326-354.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Lembrança do Presente: ensaios sobre a condição histórica na era da internet. 1ªed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.

PINHA, Daniel; RANGEL, Marcelo; PEREZ, Rodrigo. Teoria, história da historiografia e ensino de história em tempos de crise democrática. In: *Revista Transversos*. “Dossiê: Historiografia e Ensino de História em tempos de crise democrática”. Rio de Janeiro, nº. 18, 2020. pp. 6-16. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. Acesso em: 30 out 2021.

PINHA, Daniel. O tempo presente como desafio à historiografia e ao ensino de história no contexto de crise democrática. Mimeo. 2021.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. A História contra-ataca. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos Combates pela História: Desafios – Ensino*, São Paulo: Editora Contexto. 2021. pp. 9-24.

PRENSKY, Marc. Nativos digitais, Imigrantes digitais. NCB University Press, Vol. 9, nº. 5, Outubro 2001. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf> Acesso em: 05 dez 2019.

RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para YouTube e podcast. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos Combates pela História: Desafios – Ensino*, São Paulo: Editora Contexto. 2021. pp. 175-198.

ROSA, Pablo Ornelas; ÂNGELO, Vitor Amorim de; MOURÃO, Pedro Jorge Chaves & FERREIRA, Carolina. Estratégias de constituição de um novo regime de verdade a partir das produções audiovisuais do Brasil Paralelo: uma análise sobre o negacionismo. In: SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos; MIRANDA, João Elter Borges. (Org.). *Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo*. 1ed. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. pp. 292-325.

ROVAI, M. G. . de O. História Pública: a comunicação e a educação histórica. *Revista Observatório*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 41–65, 2017. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p41. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3465>>. Acesso em: 20 set 2021.

SIBILIA, Paula. *Redes ou Paredes: A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto. 2012.

SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.9, n.20, p.99-129. 2017.

_____. Ampliação e veto ao debate público na escola: História Pública, ensino de História e o projeto “Escola sem partido”. *Revista Transversos*. “Dossiê: História Pública: escritas contemporâneas de História”. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 11-34, Ano 03. set. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. Acesso em: 10 out 2021.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas*. São Paulo: Edições SescSP, 2019. E-book.

SOUSA, Francisco Gouvea de. *Redes sociais privadas e negacionismo histórico*. Mimeo.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018. E-book.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. *Tempo* [online]. 2018, v. 24, n. 2, pp. 186-205. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2018v240201>>. Acesso em 17 de abril 2021.

_____. Os Tempos Da Independência: Entre A História Disciplinar E A História Como Serviço. *Almanack*, Guarulhos, n. 25, ef00120, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332020000200401&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 fev. 2021

VALIM, Patrícia, AVELAR, Alexandre de Sá e BEVERNAGE, Berber Apresentação - Negacionismo: História, Historiografia E Perspectivas De Pesquisa. *Revista Brasileira de História*, v. 41, n. 87, pp. 13-36, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-03>>. Acesso em: 11 de set 2021.

WANDERLEY, Sonia. Didática da história escolar como história pública: aproximação pelo conceito de empatia histórica. XXX Simpósio Nacional de História – ANPUH – 2019.

ZUBOFF, Shoshana. Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: *Tecnopolíticas da Vigilância: Perspectivas da Margem*. BRUNO, Fernanda et al, São Paulo. Editora Boitempo. p. 17-68, 2018.

Jornais, Revistas, Websites e Blogs

Antes de criticar TikTok, Zuckerberg tentou comprar. *Época Negócios*, 13 de nov de 2019. Disponível em: <<https://bitly.com/EAsAT>> Acesso em: 22 jun 2021.

Bolsonaro veta distribuição gratuita de absorvente menstrual. G1, 07 out 2021. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/07/bolsonaro-projeto-absorvente-feminino.ghtml>>. Acesso em: 09 maio 2022.

Como Trump e o Brexit ajudaram a cunhar a “palavra do ano” escolhida pelo dicionário Oxford. *BBC*. 16 nov 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165>> Acessado em: 25 out 2021.

Estudo revela motivos para o desinteresse de estudantes pelo ensino médio. *Correio Braziliense*, 25 de jun de 2013. Disponível em:< <https://bitly.com/nJKIW>> Acesso em: 10/08/2021.

ALECRIM, Emerson. É assim que o Google está mudando a sua memória. *Tecnoblog*. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/199650/efeito-google-memoria/>> Acesso em: 01 mar 2021

ALVES, Fernanda e SACONI, João Paulo. Produtora apoiada por bolsonaristas é campeã em anúncios de cunho político no Facebook; saiba valores. *Sonar – A Escuta das Redes*. Blog. Publicado em 23/09/2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/brasil-paralelo-e-campea-de-gastos-com-anuncios-de-politica-no-facebook-para-vender-assinaturas.html>> Acesso em: 29 mai 2021.

BETIM, Felipe. Campanha “anti-doutrinação” contra professores eleva estresse em sala de aula. *El País*. 14 de maio 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html> Acesso em: 29 ago 2021.

BORGES, Helena. Conheça os bilionários convidados para “reformular” a educação brasileira de acordo com a sua ideologia. *The Intercept Brasil*, [s. l.], 4 nov. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2CdnGOh>> Acesso em: 8 abr. 2020.

BROWN, Jennings. YouTube diz que vídeos extremistas não têm bom engajamento no site — então o que é isso? *Gizmodo*. 4 abr 2019. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/youtube-videos-extremistas-desempenho/>> Acesso em: 4 mar 2021.

FEITOSA JR., Alessandro. YouTube diz que vai parar de destacar vídeos de teorias da conspiração. *Gizmodo*. 28 jan 2019. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/youtube-parar-destaque-teorias-conspiracao/>> Acesso em: 4 mar 2021.

IDOETA, Paula Adamo. Pandemia deve intensificar o abandono de escola entre alunos mais pobres. *BBC*, 23 de jul de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53476057>> Acesso em: 10 ago 2021.

KUZUYABU, Marina. Educação básica: Brasil continua abaixo da média da OCDE. *Revista Educação*. 13 abr 2020. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2020/04/13/educacao-basica-alunos-pisa/>> Acesso em: 7 mar 2021

LAGO, Miguel. Derrubem as Estatuas: Quem reclama da “cultura do cancelamento” está cego para cultura do outro. *Revista Piauí*, Ed. 168, Set 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/derrubem-as-estatuas/>>. Acesso em: 01 mar 2021.

LIMA, Kaique. IFood rompe patrocínio com Flow Podcast após tuítes de Monark. *Olhar Digital*. 29 de out de 2021. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2021/10/29/internet-e-redes-sociais/ifood-rompe-patrocinio-com-o-flow-podcast-apos-tuites-de-monark/>> Acesso em: 4 nov 2021

LINDNER, Julia. Deputada aliada do Bolsonaro cria canal anônimo de denúncias contra professores universitários. **O Estado de São Paulo**. 29 out 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deputada-aliada-do-bolsonaro-cria-canal-anonimo-de-denuncia-contra-professores-universitarios,70002571720>> Acesso em 15 dez 2019.

NICOLAZZI, Fernando. O Brasil Paralelo entre o passado histórico e a picanha de papelão. *Sul 21*, 7 de abr de 2019. Disponível em: <<https://sul21.com.br/opiniao/2019/04/2019-o-brasil-paralelo-entre-o-passado-historico-e-a-picanha-de-papelao-por-fernando-nicolazzi/>> Acesso em: 8 de set de 2021.

_____. Brasil Paralelo, uma empresa colaboracionista. *Sul 21*, 17 de jan 2020. Disponível em: <<https://sul21.com.br/opiniao/2020/01/brasil-paralelo-uma-empresa-colaboracionista-por-fernando-nicolazzi/>> Acesso em: 8 set. 2021.

SANCHES, Mariana. O que é a “cultura de cancelamento”. *BBC*, 25 jul de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53537542>>. Acesso em: 1 mar 2021.

SARMENTO, Ana. 'Redpillado': como 'Matrix' inspira grupos machistas e a extrema-direita. *Tab UOL*. 23 de nov 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/23/redpillado-como-matrix-inspira-grupos-machistas-e-a-extrema-direita.htm>>. Acesso em: 5 dez 2021.

SCOFIELD, Laura e SANTINO, Matheus. YouTube ganha dinheiro e desobedece às próprias regras com negacionismo climático. *A Pública*. 29 mar 2022. Disponível em: <<https://apublica.org/2022/03/youtube-ganha-dinheiro-e-desobedece-as-proprias-regras-com-negacionismo-climatico/>> Acesso em: 29 ago 2022.

SOARES, Antonio Carlos. Freemium: O modelo Spotify serve para sua empresa? *Endeavor*, 17 de out 2016. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/estrategia-e-gestao/modelo-freemium-spotify/>> Acesso em: 25 maio 2021

VALIM, Patricia e AVELAR, Alexandre de Sá. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. *Revista Cult*. 3 de set 2020. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>> Acesso em: 8 de set 2021.

VEIGA, Edson. Novo Ensino Médio começa sob questionamentos e críticas. *Deutsche Weller Brasil*. 31 jan 2022. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2p8e3ath>>. Acesso em: 16 fev 2022.

YouTube favorece direita e Bolsonaro ao recomendar vídeos, diz pesquisa da UFRJ. *Dialogos do Sul*. 13 set 2022. Disponível em:

<<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/76646/youtube-favorece-direita-e-bolsonaro-ao-recomendar-ideos-diz-pesquisa-da-ufrj>> Acesso em: 13 set 2022.

Vídeos e Áudios:

ARTE É UMA QUESTÃO DE GOSTO PESSOAL? Publicado por Brasil Paralelo. Vídeo (1min30s). 16 mar 2020. Disponível em: < <https://youtu.be/zH-6rqqp9ZQ>> Acesso em: 10 out 2021.

BRASIL PARALELO: Foi necessário mudar. Publicado por Brasil Paralelo. Vídeo (1min47s). 12 ago 2021. Disponível em:<<https://youtu.be/EFNtMGwnzvY>> Acesso em 15 dez 2021.

HISTÓRIA FM 015: Palmares e Zumbi: história, controvérsia e revisionismo. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Felipe Damasceno. [s.l.] Leitura Obrigatória, 18 nov. 2019. Podcast. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/7jGqC7idyUD1N6Oj3w7hoK>. Acesso em: 30 maio 2022.

HISTÓRIA FM 026: Revisionismo histórico: pesquisa e ideologia na historiografia. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Demian Melo. [s.l.] Leitura Obrigatória, 20 abr. 2020. Podcast. Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/6VB84Ar5J9aftGHRF9dlhE>>. Acesso em: 12 maio 2022.

HISTÓRIA FM 035: História como ciência: quem é quem na Historiografia? Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Julio Bentivoglio. [s.l.] Leitura Obrigatória, 24 ago. 2020. Podcast. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/7JAhNlirS3ALzyRyNcmpjO>. Acesso em: 09 maio 2022.

O FIM DA HISTÓRIA – PÁTRIA EDUCADORA – CAPÍTULO 1. Publicado por Brasil Paralelo. Vídeo (52min). 31 mar 2020. Disponível em: < <https://youtu.be/EU5sAWPKgMc>> Acesso em: 4 mar 2021.

O MAIOR PROBLEMA DO YOUTUBE. É SÉRIO. Publicado por Felipe Neto. 1 Vídeo (17min). 21 fev 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70GxO69R5Qo&ab_channel=FelipeNeto> Acesso em: 4 mar 2021.

QUEM PAGA OS ANÚNCIOS E FILMES DA BRASIL PARALELO? Publicado por Brasil Paralelo. 1 Vídeo (2min). 18 dez 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FJQ6pgx1YOo>> Acessado em: 29 maio 2021.

ANEXO - Figura 1 - Guia de 90 episódios separados por área

Figura 1 - Guia de 90 episódios separados por área

HISTÓRIA FM
GUIA DE EPISÓDIOS
 EPISÓDIOS 001 AO 090

HISTÓRIA ANTIGA

GRÉCIA
 061 - Grécia Antiga
 014 - A Guerra de Troia

ROMA
 006 - Júlio César e a conquista da Gália
 040 - Roma Antiga: o que você aprendeu errado?

DEMAIS CIVILIZAÇÕES
 010 - Quem eram os Celtas?

HISTÓRIA MEDIEVAL

OCIDENTAL
 089 - Rússia Medieval
 052 - Peste Negra
 074 - Cavalaria Medieval
 045 - Reconquista
 002 - Idade Média: o que você aprendeu errado?

ORIENTAL
 039 - Rota da Seda
 072 - Império Mongol

ÁFRICA
 065 - Império do Mali

HISTÓRIA MODERNA
 031 - Caça às Bruxas
 021 - Da Vinci VS Michelangelo
 068 - Reformas Protestantes

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

SÉCULO XVIII-XIX
 057 - Revolução Francesa
 058 - Guerras Napoleônicas
 030 - Guerra de Secessão
 025 - História do Feminismo
 047 - Guerra Anglo-Zulu
 012 - China VS Hong Kong

SÉCULO XX ATÉ SEGUNDA GUERRA
 062 - Primeira Guerra Mundial
 037 - Barão Vermelho
 033 - Lawrence da Arábia
 041 - Revolução Russa
 075 - Itália Fascista
 048 - Crise de 1929
 084 - Holodomor
 056 - Guerra Civil Espanhola
 029 - Segunda Guerra Mundial
 022 - Círculo de Fogo
 034 - Aviadoras Soviéticas
 067 - Guerra no Pacífico
 020 - Holocausto

PÓS-SEGUNDA GUERRA
 046 - Guerra Fria
 049 - Revolução Chinesa
 080 - Revolução Cubana
 054 - Golpes da CIA na América Latina
 077 - Duas Irlandas
 018 - Crises do Petróleo
 088 - Chernobyl
 013 - O fim da URSS
 087 - Neonazismo na Ucrânia?

TEORIA E HISTORIOGRAFIA

FUNDAMENTOS BÁSICOS
 035 - História como ciência
 044 - Pesquisa em História
 063 - Tempos Históricos
 026 - Revisionismo Histórico
 083 - História Oral e Memória

CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS
 042 - Historicismo
 070 - Marxismo
 053 - Annales
 011 - E.P. Thompson

HISTÓRIA DO BRASIL

AMÉRICA PORTUGUESA
 055 - Indígenas no Brasil
 015 - Palmares e Zumbi
 069 - Brasil, 1808

BRASIL MONÁRQUICO
 036 - Mitos Nacionais
 082 - Revolta dos Malês
 078 - Duque de Caxias
 071 - Guerra dos Farrapos
 028 - Guerra do Paraguai
 076 - Proclamação da República

REPÚBLICA VELHA ATÉ SEGUNDA GUERRA
 007 - Guerra do Contestado
 004 - Futebol Feminino
 085 - Semana de 22
 019 - Integralismo
 066 - Olga Benário
 081 - Política de Boa Vizinhaça
 050 - As batalhas da FEB
 064 - A FAB na Segunda Guerra

REPÚBLICA PÓS-SEGUNDA GUERRA
 086 - Reintegração da FEB
 059 - Fugitivos Nazistas
 016 - Marighella
 079 - Ditadura Militar, 1961-1968
 090 - Ditadura Militar, 1968-1974
 003 - Revisionismos sobre a Ditadura Militar
 038 - Economia Brasileira
 023 - Polarização
 009 - Esquerda Fragmentada
 051 - Direito das Mulheres
 043 - Racismo estrutural
 024 - A Estrada 47

OUTROS
 001 - Jogos históricos
 008 - Cursar História, parte 1
 017 - Antropologia Clássica
 073 - História sob ataque
 005 - Lei de Acesso à informação

CONCEITOS E IDEOLOGIAS
 027 - Orientalismo
 032 - O que é fascismo?
 060 - Anarquismo

Fonte: https://twitter.com/obrigahistoria/status/1508470533129744391?s=20&t=ZPSLqpCzbUy6L9vp_4iOEA